

Cátia Sofia Filipe da Silva

*MEDIA E RELIGIÃO: A IMPORTÂNCIA DAS FONTES
JORNALÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE A IGREJA
CATÓLICA*

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Rita Joana Basílio de Simões.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2013

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, quero agradecer e saudar a minha orientadora, a Dr.^a Rita Basílio, pela paciência, compreensão e apoio ao longo de todo este meu trabalho.

Gostaria também de deixar um agradecimento especial à minha família, em especial à minha mãe. Cada um deles me incentivou de um modo incansável a ir mais além. Obrigado por estarem em cada etapa da minha vida, e por me lembrarem que “eu estou junto a ti, dou-te a força que há em mim, tu és mais que um só, somos um”. Amo-vos do fundo do coração.

Em seguida os meus agradecimentos vão para os meus amigos, a força que cada um deles me transmitiu foi basilar para que eu conseguisse chegar mais longe. Além do apoio, mostraram-me que devo ter orgulho em mim, porque nada se consegue sem esforço. Neste ponto, gostaria de agradecer em especial a uma amiga, que acreditou em mim mesmo quando eu própria não acreditava, e me ajudou imenso, obrigado Luzia. Não quero esquecer igualmente as minhas companheiras destes anos por terras do Mondego, obrigado Cláudia e Ana, a nossa amizade vai permanecer.

Quero também deixar o meu apreço a todas as minhas colegas de trabalho, em Aljustrel, pela paciência e por me incentivarem a não desistir. Quero deixar também o meu obrigado ao Santuário de Fátima, pela colaboração e pelo apoio.

O meu sincero obrigado a todos os meus entrevistados e colaboradores: Leopoldina Simões, “Luís Martins”, João Figueira, Ana Guedes, Joaquim Franco, Ana Isabel Costa, Alexandra Serôdio, António Marujo, Secundino Cunha, Paulo Agostinho, Frederico Serôdio, Ana Teresa Neves, Dr. Luciano Cristino, e a todos aqueles de forma direta ou indireta colaboraram comigo na execução deste trabalho. Saliento a minha admiração e estima por vós, sem a vossa ajuda não tinha sido possível.

Um bem-haja a todos.

Gostaria de dedicar este trabalho a todos aqueles que acreditaram em mim, em especial à
minha Mãe, ao meu Avô Augusto e à Nina.

Índice

Resumo:.....	7
Abstract:	8
Introdução:	9
I – Fontes e produção noticiosa.....	11
1. Fontes de informação: campo de ação e relação com o jornalista	11
2. Diversidade de fontes	16
3. Os <i>media</i> e o modo como estes influenciam os públicos	18
4. A comunicação Social enquanto instrumento quotidiano	22
II – A religião como objeto de notícia.....	32
1. A Igreja Católica em Portugal e a imaginação religiosa.	32
2. A presença da Igreja Católica nos meios de comunicação em Portugal	35
2.1. Diferença entre Igreja e Seita	37
3. As primeiras notícias religiosas em Portugal	38
4. <i>Media</i> e religião na atualidade	41
4.1. Cobertura temática e episódica	44
III- A Igreja face à notícia religiosa	46
1. A relação entre os <i>media</i> e a Igreja pela mão do Concílio Vaticano II	46
2. O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais	49
3. Tomadas de posição da Igreja através do <i>Dia das Comunicações Sociais</i>	54
4. O mandamento do amor ao serviço dos <i>media</i>	60
IV – Jornalistas e fontes: análise das suas relações no âmbito da produção noticiosa sobre religião ...	63
1. Opções Metodológicas	63
2. Entrevistas	66
3. Jornalistas em ação.....	79
Conclusão:.....	85
Bibliografia:	90
Anexos:	98
Anexo 1 – Entrevista com Alexandra Serôdio	99
Anexo 2 – Entrevista com Ana Guedes	111
Anexo 3 – Entrevista com Ana Isabel Costa.....	114
Anexo 4 – Entrevista com António Marujo	121
Anexo 5 – Entrevista com João Figueira	127

Anexo 6 – Entrevista com Joaquim Franco.....	133
Anexo 7 – Entrevista com Leopoldina Simões	137
Anexo 8 – Entrevista com “Luís Martins”	141
Anexo 9 – Entrevista com Manuel Vilas Boas.....	145
Anexo 10 – Entrevista com Paulo Agostinho	150
Anexo 11 – Entrevista com Secundino Cunha.....	162
Anexo 12 – Recortes do Jornal <i>O Século</i> , do dia 13 de Outubro de 1917	170
Anexos 13 – Recorte do Jornal <i>O Século</i> , de dia 15 de Outubro de 1917	171
Anexo 14 – Documentos relativos à Observação da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de maio de 2012	173
Anexo 15 – Ilustrações relativas à Observação da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de maio de 2012	180
Anexo 16 – Quadro com as médias de tiragem e circulação de jornais portugueses	184

Índice de quadros

Tabela 1 – Quadro síntese das entrevistas a jornalistas.....	64
Tabela 2 – Quadro síntese das entrevistas a fontes jornalísticas.....	65
Tabela 3 – Quadro síntese das principais conclusões das entrevistas a jornalistas.....	78
Tabela 4 – Quadro síntese das principais conclusões de entrevistas a fontes jornalísticas.....	79
Tabela 5 – Quadro síntese dos principais dados da observação.....	84

Resumo:

Palavras-chave: fontes de informação, jornalistas, religião, Igreja Católica.

O presente estudo tem como principal propósito investigar como surgem as notícias cujo tema é a religião. Interessa-nos em particular compreender o processo de produção de notícias sobre a Igreja Católica, partindo do pressuposto de que, para tal, é imprescindível atender ao lugar e ao papel desempenhado nesse processo quer pelos jornalistas, quer pelas fontes de informação. As fontes jornalísticas estão, de facto, no âmago do trabalho informativo. Nem sempre o jornalista usufrui da posição de presenciar um acontecimento importante do ponto de vista noticioso, elo que as fontes jornalísticas gozam de uma importância elevada no trabalho jornalístico e informativo. Contudo, as fontes não são entidades neutras no trabalho que desenvolvem. Movendo-se na defesa e promoção dos seus próprios interesses, têm naturalmente influência na seleção, tratamento e difusão das notícias. As fontes jornalísticas a partir das quais se desenvolve o processo noticioso de temática religiosa não são, claro está, exceção.

Na verdade, a transmissão de ideologias e crenças é inerente ao próprio processo informativo. A comunicação é, como sabemos, um componente chave em todo o processo de aculturação e os meios de comunicação social são, por excelência, instâncias geradoras e transmissoras de cultura. De igual modo, a Igreja é um importante agente cultural, assumindo-se como responsável pela transmissão de valores sociais também através dos *media*. Interessa-nos, pois, identificar e perceber a relação que entre estas importantes instituições sociais pode estabelecer-se.

O estudo empírico que nesta dissertação se apresenta baseia-se em entrevistas a jornalistas e fontes de informação. Paralelamente às entrevistas, utilizámos, de forma exploratória, a metodologia conhecida como observação participante. Tal como veremos é uma relação cordial mas com algumas reservas.

Abstract:

Key-words: information sources, journalists, communication, religion, Church, language

The present study purposes to investigate the origins and process of news production about religion, specifically about news concerning the Catholic Church, and will focus mainly over the information sources that will give content and attitude to the news.

Journalistic sources share the very nature of the informative work. Since the journalist not always will be able to experience first-hand an important and news event, journalistic sources are of major and criterious importance. But these sources are not totally neutral in the work developed; in fact, these sources are moved by the defense and promotion of their own interests. These partial attitudes will be responsible for the direct influence over the treatment and release of said news.

Communication is a key element in all acculturation process. The transmission of beliefs and ideologies is itself inherent to the informative process. The media accompanies individuals and everyday life permanently. This situation integrates people in their belonging social environment mainly because the media are generators and transmitters of culture.

The Church is a significant cultural agent which is responsible for the cultural transmission and regulation of social values. This regulation of social values is also stread through the news. Public opinion is affected by religious values and by the content from the media.

When religion is theme on the news the accuracy and knowledge of subject becomes fundamental for it is a sensitive topic in its specific language and structure. It is essential to know the subject in order to approach with respect and honesty the religion topic. This effort is demanded if the main purpose of the journalistic work is framed on serious criteria and a more serious deontological code.

Introdução:

A dissertação que ora se apresenta tem como principal propósito investigar como surgem as notícias cujo tema é a religião. Interessa-nos em particular compreender o processo de produção de notícias sobre a Igreja Católica, partindo do pressuposto de que, para tal, é imprescindível atender ao lugar e ao papel desempenhado nesse processo quer pelos jornalistas, quer pelas fontes de informação. As fontes jornalísticas estão, de facto, no âmago do trabalho informativo. Nem sempre o jornalista usufrui da posição de presenciar um acontecimento importante do ponto de vista noticioso, elo que as fontes jornalísticas gozam de uma importância elevada no trabalho jornalístico e informativo. Contudo, as fontes não são entidades neutras no trabalho que desenvolvem. Movendo-se na defesa e promoção dos seus próprios interesses, têm naturalmente influência na seleção, tratamento e difusão das notícias. As fontes jornalísticas a partir das quais se desenvolve o processo noticioso de temática religiosa não são, claro está, exceção.

Na verdade, a transmissão de ideologias e crenças é inerente ao próprio processo informativo. A informação, como afirmam Oliveira, Cardoso, Barreiros (2004: 15), “assume uma importância central enquanto vector estruturante de um conjunto plural de domínios socioculturais, económicos e políticos”. A comunicação é, como sabemos, um elemento chave do processo de aculturação e os meios de comunicação social são, por excelência, instâncias geradoras e transmissoras de cultura. De igual modo, a Igreja é um importante agente cultural, assumindo-se como responsável pela transmissão de valores sociais também através dos *media*. Interessa-nos, pois, identificar e perceber a relação que entre estas importantes instituições sociais pode estabelecer-se.

Como afirma Nuno Rosado (1966), a “Imprensa é um meio de difusão de informações”. Mas para que essa difusão aconteça, é necessário que um processo prévio, mais ou menos longo, se desenrole e que contemple, entre outras fases, a escolha dos assuntos a divulgar, o contacto de fontes e a redação da notícia. É importante compreender de que forma todo este processo funciona, bem como a influência que cada um dos elementos nele intervenientes tem no resultado final, em particular o jornalista e a fonte.

O estudo desenvolvido procura, portanto, perceber como surgem as notícias, especificamente a investigação aborda as notícias que têm como tema a Igreja Católica em Portugal. É um trabalho que julgamos importante, pois trata-se de duas áreas relevantes para o

plano pessoal e social dos indivíduos. A fé faz parte da vida do ser humano, embora seja algo relativo, uma vez que predomina, pelo menos no Ocidente, a liberdade religiosa.

Estrutura da dissertação

Numa primeira fase deste estudo, no Capítulo I e Capítulo II, o objetivo é perceber de que forma os *media* e a Igreja se relacionam. A tentativa de compreensão dessa relação far-se-á a partir da revisão de literatura nesta matéria. No momento seguinte, no Capítulo III vai ser dada especial ênfase à análise de documentos, nomeadamente testemunhos oficiais emitidos por entidades eclesiais a propósito da comunicação social. Deve realçar-se a este propósito que, após o Concílio Vaticano II, a Igreja tomou posição face ao uso dos meios de comunicação social, num claro sinal do reconhecimento dos *media* como veículo crucial da sua mensagem,

Posteriormente, analisaremos o papel dos jornalistas no processo de produção noticiosa e sendo as fontes um agente ativo na construção de notícias, imperioso se torna também o exame do seu papel, o que faremos no Capítulo IV. A consulta de bibliografia sobre a atividade jornalística será fundamental a fim de ter alguma base teórica para elaborar entrevistas a jornalistas e a fontes que escrevam e colaborem com meios de comunicação social generalistas em Portugal. A observação de um momento intenso de trabalho entre jornalistas e fontes passa pelos objetivos deste estudo, para entender de que modos interagem.

O estudo empírico que nesta dissertação se apresenta baseia-se em entrevistas a jornalistas e fontes de informação. Paralelamente às entrevistas, utilizámos, de forma exploratória, a metodologia conhecida como observação participante. O presente trabalho tem como linha orientadora a resposta às seguintes questões: Porque é importante os *media* abordarem o tema da Igreja Católica? Qual o papel das fontes nesta vertente mais religiosa do jornalismo? Qual a relação que as fontes e os jornalistas estabelecem entre si? Qual a relação entre os *media* e a religião? O que pode ser feito para melhorar esta relação e o trabalho jornalístico nesta vertente da religião?

I – Fontes e produção noticiosa

1. Fontes de informação: campo de ação e relação com o jornalista

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (2010), uma fonte de informação é a “pessoa que fornece informações secretas ou privilegiadas à imprensa.” Assim, é a informação fornecida pelo indivíduo ou a informação lida em documentos de ordem diversa que conduz à construção de uma notícia. No entanto o conceito de fonte de informação é mais abrangente. Pessoas, livros, documentos ou mesmo organizações e entidades distintas podem desempenhar o papel de fontes, desde que produzam e/ou transmitam informação ao jornalista a fim de que este faça ou complemente a notícia. O conceito de fonte de informação é demarcado por um amplo conjunto de expressões e atividades que concedem uma dimensão física diferenciada à fonte, consoante a organização e respetivos recursos materiais ou simbólicos (Gomes, 2009: 41). Importa, pois, a sua tipologia e campo de ação. O que, em todo o caso, é invariável é a importância da fonte na produção jornalística. Daí que Manuel Pinto (2000:278) afirme que as fontes de informação são indivíduos, grupos ou até mesmo documentos que forneçam informações importantes para a construção da notícia. Este processo indicia uma relação entre o jornalista e a fonte informativa, devido aos interesses e trabalho desenvolvidos. Em consequência deste sistema, desenvolvem-se estratégias, por haver sempre alguém interessado na divulgação de determinada informação.

Vasco Ribeiro (2009) referencia Melvin Murder para evidenciar a importância da fonte, afirmando que a fonte é como o sangue do jornalista. Neste sentido, poderá dizer-se que a(s) fonte(s) de informação deve(m) ser considerada(s) o ponto de partida da(s) notícia(s) pela influência direta que exercem no que é noticiado. Com frequência, os jornalistas não têm condições para presenciar os acontecimentos que poderão vir a ser notícia, dado que, os mesmos sucedem inusitadamente (Santos, 1997: 76). As fontes de informação são, cruciais na transmissão dos dados necessários para a construção do material noticioso. Assim, num número alargado de circunstâncias, o jornalista vê-se na contingência de recorrer a fontes informativas.

Contudo, deve salientar-se ainda que, após a tomada de conhecimento das informações, é imperioso que o jornalista verifique o rigor dos dados recebidos, confirmando a veracidade dos factos que lhe foram transmitidos pela(s) fonte(s) de informação. Daí que

Wilson da Costa Bueno afirma (2005) que as fontes informativas são comprometidas, a nível político, comercial, ideológico e por motivos pessoais. No entanto, o jornalista ao abordar uma fonte de informação deve ter uma estratégia com o propósito de avaliar a veracidade da informação que lhe está a ser disponibilizada. Para que não fique dependente só desta, deve salvaguardar os seus interesses e abordar outras fontes. Sigal (1986) reitera esta ideia ao afirmar que a notícia não é aquilo que os jornalistas pensam mas sim aquilo que as fontes exprimem, mediadas pelas estruturas noticiosas, práticas jornalísticas e convenções.

Deve salientar-se também que, no surgimento e na construção da notícia, quer jornalistas, quer fontes de informação têm metas específicas. Os primeiros têm um produto noticioso para elaborar e as segundas querem tornar pública determinada informação. Como refere Rogério Santos (2003: 21), os jornalistas e as fontes de informação têm necessidade que haja acontecimentos. Os jornalistas precisam da informação porque têm notícias para escrever, por seu turno as fontes de informação querem exclusividade e distinção com o intuito de estabelecerem relações com os jornalistas em detrimento de outras fontes de informação concorrentes. Nesta mesma linha de pensamento, afirma Manuel Pinto (2000: 284) que o jornalismo tenta dar notoriedade aos assuntos que os jornalistas considerem de interesse público, ao ponto que as fontes de informação organizadas, enquanto porta-vozes de instituições, têm como objetivo difundir matérias que tenham interesse para essas mesmas instituições. Para que tudo isto seja bem-sucedido, é fundamental que as fontes de informação sejam de confiança e se mostrem acessíveis para que se estabeleça uma ligação e haja cooperação com regularidade.

As fontes de informação possuem um campo de ação, que varia segundo as suas características e as dos jornalistas e/ou instituições com quem trabalham. Afirma Rogério Santos (2003: 38) que o tipo de fonte de informação com quem se vai desenvolver o trabalho jornalístico varia consoante o tema e a sua contextualização. A competitividade com outras fontes de informação, também, é fator que influencia o trabalho, porque cada fonte de informação tem interesse em que a sua informação seja publicada, por isso a fonte de informação tende a desenvolver o seu trabalho da melhor maneira possível de modo a satisfazer as necessidades do jornalista. De facto, as informações fornecidas pelas fontes de informação têm repercussões sociais a níveis diversos. Algumas estratégias não são concebidas para atingir o público em geral, mas certos destinatários (membros do governo, empresas, grupos sociais, indivíduos) com os objetivos específicos (Santos, 2003: 38). No entanto, na opinião de Rogério Santos (2003), as fontes de informação têm mais em conta os

efeitos do “controle social” dos meios informativos do que propriamente o seu valor no que toca à informação pública.

É do relacionamento entre o jornalista e a(s) fonte(s) de informação que depende a construção da notícia, a sua qualidade e até o impacto que pode causar no público. Esta é, sem dúvida, uma questão delicada e complexa, uma vez que poderá influenciar direta e/ou indiretamente o produto noticioso. Independentemente do tema em causa, o comportamento profissional e pessoal de jornalista e fonte(s) de informação deve basear-se na confiança e no respeito mútuo. Segundo Rogério Santos (2003), o que é verdadeiramente notícia depende da(s) fonte(s) de informação e por seu turno o trabalho desta(s) depende da forma como o jornalista a(s) aborda(m). Deste modo, para além do entendimento entre as duas partes na construção do produto noticioso, da interdependência, quem aparece efetivamente na “estória” assume grande relevância para o autor.

Para além da questão pessoal, há também o aspeto social, uma vez que as informações tornadas públicas irão influenciar os recetores da notícia e quer jornalistas quer fontes são o reflexo desses mesmos públicos. A combinação entre o jornalista e a respetiva fonte de informação é considerada uma ação social, por exprimir necessidades e movimentações da sociedade. (Sousa, 2000: 49). Por seu lado, Herbert Gans (1979) refere-se a esta relação de um modo metafórico, ilustrando a forma como jornalistas e fontes de informação se relacionam através da dança, pois as fontes de informação procuram chegar aos jornalistas, e os jornalistas procuram por sua vez aproximar-se dessas mesmas fontes, havendo movimentações entre si.

Constata-se, portanto, que é imperativo que jornalistas e fontes de informação estabeleçam relações de confiança que possam igualmente significar credibilidade. Como afirma Rui Miguel Gomes (2009), o jornalista carece de estabelecer uma relação, na maioria dos casos recíproca, com as fontes de informação, sendo que essa fonte, quando é abordada por um jornalista responsável, é sinónimo de crédito, mesmo que não seja identificada. Esta ligação, por ser continuada, leva ao conhecimento mútuo dos intervenientes e dos respetivos costumes. As fontes de informação desenvolvem o seu trabalho através dos contatos com as organizações noticiosas e que se traduzem em comunicados, conferências de imprensa, almoços, visitas e pontualmente fugas de informações até à gestão da comunicação de crise (Santos, 1997: 84). Este fator é crucial, na medida em que permite ao jornalista julgar mais facilmente a credibilidade, veracidade e importância dos materiais que lhe são fornecidos.

Na perspetiva de Rogério Santos (1997), a relação entre jornalista e fonte de informação fundamenta-se numa interação entre dois conjuntos de atores que estão

dependentes entre si, mas, simultaneamente, ajustam-se em função das circunstâncias. Segundo o mesmo autor há negociação entre jornalistas e essas mesmas fontes, como se de uma troca mútua se tratasse, onde os próprios estabelecem as regras e compromissos importantes e constrói-se assim uma relação de obrigações recíprocas.

Considerando o exposto, a ética e o profissionalismo do jornalista em relação à fonte de informação deve basear-se sempre em parâmetros de confiança, ética, troca leal de informação e civismo. No entanto, Rogério Santos (2003) define esta relação como uma “luta”. Isto acontece porque as fontes de informação têm como função difundir a informação pelos profissionais de informação. Por seu turno os jornalistas entram em contacto com as fontes de informação para terem acesso às informações de interesse e que essas fontes, casualmente, escondem. Nesta situação há uma gestão mútua nas funções, o que indicia uma relação de negociabilidade na elaboração da notícia. Esta negociabilidade depende de estímulos, do poder da fonte de informação, da proximidade social e geográfica em relação aos jornalistas e do facultar de informações fiáveis. (Santos, 2003: 24). O autor considera ainda que as notícias são resultado de processos organizacionais e de interação humana, que resultam do método usado pelos jornalistas na recolha das notícias e seleção das fontes de informação, uma vez que todo este processo é amoldável devido ao trabalho desenvolvido em conjunto por jornalistas e respetivas fontes.

As relações entre o jornalista e fonte(s) de informação, devem ser cordiais, na medida em que é fundamental a boa relação, uma vez que isso vai influenciar de forma direta a informação a ser transmitida e posteriormente a notícia. É sabido que as fontes de informação têm uma importância decisiva na construção das notícias, uma vez que é através da informação fornecida por estas mesmas fontes que tem início o processo de elaboração da notícia porque um facto só é considerado informação quando há um informador que informa alguém sobre este mesmo facto, segundo o autor Vladimir Volkoff (2000).

Em todo este processo o conceito de fidelidade é fundamental, uma vez que a fidelização funcionará como capacidade do codificador expressar o que a fonte de informação transmite. A fonte de informação pensa de que modo vai entrar em contacto com o jornalista em função da informação e do efeito que se espera na divulgação dessa notícia. Nestes casos a fidelidade é um ponto-chave, porque se não houver confiança, será difícil estabelecer uma relação. É sabido que, na generalidade, as fontes de informação são “alguém” interessado na divulgação de determinada informação e, por isso, têm o poder de apressar ou embargar a divulgação de determinada notícia e conseqüentemente ajustá-la aos seus interesses. Assim segundo Jorge Pedro Sousa (2000), quando um jornalista seleciona a(s) fonte(s) de

informação acaba por influenciar o conteúdo do produto noticioso devido à informação fornecida e da forma que é disponibilizada. Neste sentido, as fontes de informação têm igualmente o poder de influir nos assuntos jornalísticos, já que a dinâmica da relação entre o jornalista e a sua fonte não é linear. As fontes de informação têm o poder de ajustar a informação, determinar a sua difusão e até mesmo o impacto que a notícia vai ter no público. De forma indireta o jornalista já está a influenciar o conteúdo da notícia ao escolher a fonte. (Ribeiro, 2009: 18). Diante deste quadro, é visível o poder das fontes de informação na gestão do seu trabalho, uma vez que quando contactam com um jornalista já o conhecem minimamente e conhecem as suas limitações, conseguindo, portanto, preparar a informação de acordo com as necessidades. Vasco Ribeiro (2009) diz que as fontes de informação definem planos para gerir a informação, contudo não impondo um limite ao ocultar ou a furtar factos negativos. Em todo o processo a fonte de informação deve ser isenta e discreta, porque os seus interesses devem ser neutros de modo a não ter influência na notícia. O jornalista precisa de sentir confiança para conseguir desenvolver um bom trabalho, visto que as fontes de informação são a base do trabalho jornalístico e o processo de partilha deve satisfazer ambas as partes (Ribeiro, 2009: 37).

Nesta linha, o facto de vivermos numa sociedade de informação propícia o rápido aparecimento de notícias. No entanto, para estas se tornarem públicas, a sua elaboração surge após a informação pela fonte, jornalista. Assim, este processo e os seus intervenientes são metaforizados:

Às fontes de onde nasce a água pura e fresca surge associada a ideia de origem da vida e de fecundação, mesmo, ou sobretudo, quando já não se vai à fonte, mesmo quando às fontes sucederam os fontanários e, mais tarde, as redes de distribuição domiciliária. De modo análogo, no terreno de informação mediatizada, a sofisticação que conhece nos dias de hoje o abastecimento noticioso das redações pode levar a mitificar as fontes jornalísticas, a relação dos jornalistas com elas e a relação delas com os jornalistas (Pinto, 2000: 278).

O contacto com os jornalistas é, pois, uma tarefa que exige cautela e uma estratégia previamente definida, na medida em que as relações que se desenvolvem com os jornalistas e os temas a abordar não são iguais. Normalmente as fontes de informação organizadas constroem um método de trabalho que visa conseguir que a informação chegue aos meios de comunicação social, por outro lado as fontes tentam evitar que os jornalistas saibam em exclusivo informações da instituição que representam apenas por si, sem ter acesso a outras fontes de informação ou aos “bastidores”. Assim, para conseguir a confiança dos jornalistas,

em detrimento de outras fontes de informação, as fontes que interagem com os profissionais do jornalismo percorrem um longo caminho, superam inúmeras pressões até alcançar a visibilidade pretendida. A influência que os *media* alcançam no meio político e sociocultural resultam, da capacidade de definir pontos de atuação que passam por incluir ou excluir determinados assuntos. Esta luta por um lugar cimeiro na oferta de informações e dados que conduzirão à construção da notícia tem implicações diretas quer na qualidade do jornalismo praticado, quer no próprio conceito de jornalismo. A competência dos meios de comunicação social não é uma meta mas sim o efeito de um trabalho constante. Em todo este processo há ainda a referenciar várias condicionantes, quer por parte do jornalista quer por parte da fonte de informação, que têm influência no produto final. Os meios disponíveis e a estrutura da redação onde o jornalista trabalha, o prazo concedido pelas chefias para a apresentação do trabalho, os interesses e as pressões por parte das empresas que gerem os *media* consistem em alguns condicionalismos que impõem limites ou podem eventualmente fomentar uma posição benéfica dos profissionais face às suas fontes de informação. É igualmente fulcral ter em conta a formação cultural, técnica e ética do jornalista, a experiência e o estatuto (Pinto, 2000: 289).

Neste sentido é importante realçar o poder da fonte de informação na construção da notícia por parte de jornalista. Como pode verificar-se, depende do teor dos dados conseguidos que serão atingidas as metas de rigor, eficácia e impacto do profissional da informação. No entanto, não podem minimizar-se também as metas daquele que forneceu os elementos conducentes à construção da notícia, tendo em linha de conta o impacto que tivesse em mente causar no público.

2. Diversidade de fontes

Rogério Santos (2003) considera que as fontes individuais de informação ou as organizações noticiosas podem sentir alguma pressão ou constrangimento por parte das suas organizações concorrentes (e cooperantes) e pelos seus clientes e audiências sobrepostas. De facto, as fontes de informação tidas como mais importantes são as autorizadas pelo Governo, Igreja, Instituições, uma vez que são também as mais credíveis. O recurso a fontes sem *status* ocorre quando acontece algo de “extraordinário” ou fora do comum. Efetivamente, a “organização social” do trabalho jornalístico tem no seu *background* dois tipos de fontes de informação: as poderosas e as de menores recursos, tendo estas últimas menor facilidade de chegar aos jornalistas.

Rui Miguel Gomes (2009) fala em dois tipos de fontes de informação: as ativas, que fornecem informação de forma espontânea, e as passivas que o jornalista procura. Já Vasco Ribeiro (2009), seguindo a linha de pensamento de Sigal, afirma que a maioria da informação provem de fontes de informação oficiais, porque estas exercem melhor controlo sobre a informação. Contudo, muitas vezes é conveniente que determinadas notícias sejam divulgadas sob forma muito precisa e, nesses casos, as próprias fontes de informação procuram os jornalistas. Nestes casos é de extrema importância compreender se há outros interesses nesta oferta de informação.

Outro aspeto a realçar prende-se com o facto de, por vezes, a identidade da fonte ser propositadamente omitida. Esta situação sucede sobretudo quando há fugas de informação, testemunhos anónimos ou declarações *off the record*.

Por outro lado, a questão da tipologia das fontes de informação oferece algumas reservas, dependendo do tipo de fonte, o seu objeto varia o que influencia as notícias. As fontes de informação, são quase sempre consideradas *gatekeepers* pelo facto de serem exteriores aos órgãos de comunicação social (Sousa, 2003: 61).

Já Jorge Pedro Sousa (2000), sobre este assunto, afirma que perante o desconhecimento dos acontecimentos por parte dos jornalistas, fica sob a alçada das fontes informativas escolher a notícia através da informação que passam. As fontes selecionam as informações que transmitem às organizações noticiosas e aos jornalistas, quando estes não têm acesso direto do que ocorre.

Ora, esta situação nem sempre é aquilo que os jornalistas pretendem verdadeiramente, uma vez que estes procuram muita informação e o mais correta possível. Neste sentido, os jornalistas preferem “fontes abertas” pela sua disponibilidade para dispor toda a informação fiável necessária para a construção da notícia. Por seu turno as fontes têm o objetivo que o jornalista use toda a informação transmitida (Sousa, 2000: 69).

No entanto, atualmente é cada vez mais comum o recurso às chamadas fontes de informação oficiais, dado que, como já foi referido anteriormente, são mais credíveis, garantindo assim uma maior veracidade. Os assessores de imprensa são fontes de informação colocadas de forma estratégica ao alcance dos meios de comunicação social com o propósito de dar a conhecer determinada informação (Pinto, 2000: 282) Estas fontes organizadas e o respetivo serviço de agenda são, portanto, cada vez mais usuais, porque o serviço de agenda, é uma componente básica das rotinas organizadas de recolha de informação. Segundo Jorge Pedro Sousa as notícias dependem muito das fontes, bem como se estas são burocratizadas ou não. Por vezes o jornalista opta pelas fontes oficiais pela sua credibilidade e sobretudo para

evitar complicações (Sousa, 2000:64) A qualidade da informação prestada pela fonte é condição *sine qua non* para consequente veracidade e credibilidade da notícia que é trazida a público.

3. Os *media* e o modo como estes influenciam os públicos

As notícias são trazidas a público pela mão de jornalistas, de modos muito diversos. É comumente aceite a ideia de que é a imprensa o meio de divulgação das informações, através das notícias, como produto do trabalho jornalístico. Há, em todo o caso que reconhecer que, com frequência, esse é um trabalho intrinsecamente ligado às fontes de informação. Como refere Com efeito, como refere Rui Miguel Gomes (2009), por detrás do jornalista há uma vasta equipa de profissionais na área da comunicação, um pilar fundamental na construção da informação: a fonte. Sustenta este autor que as fontes de informação assumem um papel imprescindível na prática jornalística, uma vez que é dos dados que a fonte fornece ao jornalista que arranca uma “investigação” que culmina na publicação da notícia.

Segundo o *Código Deontológico dos Jornalistas*¹ não se pode inventar notícias, os factos devem ser comprovados como refere a segunda frase do ponto 1: “Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso.”. Mas é possível construir uma notícia de uma forma que o público goste mais ou chame mais atenção, daí muitas vezes o aparecimento do sensacionalismo, que é algo também condenado no *Código Deontológico dos Jornalistas*, no ponto 2, onde está bem claro que o jornalista deve combater o sensacionalismo porque este pode ter consequências graves. Nuno Rosado (1966) diz mesmo que se a informação for adulterada, o público vai perder confiança, e se os critérios visíveis transgridem por falta de fundamentos por inconsciência ou “má-fé”, nesse caso surge alguma desorientação. Na atualidade, os meios de comunicação social revelam-se imprescindíveis a vários títulos. É, desde logo, através dos *media* que a informação política, económica, cultural, por exemplo, circula. Deste modo, como realça Nuno Rosado (1966), os *media* têm, no âmbito da sua função orientadora, uma ação cultural e simultaneamente moralizadora.

Independentemente do modo como as notícias chegam até ao público, seja através do jornal, da rádio, da televisão, ou até mesmo através da internet o certo é que os *media* são

¹ Os jornalistas portugueses são orientados por um Código Deontológico aprovado a 4 de Maio de 1993, num trabalho que se estendeu a todos os profissionais detentores de Carteira Profissional. O projeto do código foi numa primeira fase aprovado em Assembleia Geral realizada em 22 de Março de 1993.

cada vez mais importantes e têm cada vez mais domínio na vida dos indivíduos. A justificação para este acontecimento situa-se no facto de a comunicação ser uma parte fundamental da essência do ser humano, através de gestos, palavras ou até mesmo ações. Juan Diaz Bordenave (1995) considera que a comunicação é uma das formas pelas quais os seres humanos estabelecem relações entre si. É uma forma de interação humana executada através do uso de signos.

Pessoas diferentes têm necessidades diferentes de informação, como defendem Molotch e Lester (1999). O que tem visibilidade nos *media* vai também determinar a nossa necessidade de consumo, bem como a nossa forma de agir, vestir, pensar. Contudo, quando se fala de informação, há que considerar o enquadramento das notícias. Neste sentido, a notícia é uma visão do que acontece, visão essa que, como sustenta Rogério Santos (1997), é partilhada e enquadrada socialmente. Os *media* de informação devem ter em atenção a forma como abordam os assuntos e os respetivos públicos, uma vez que, ao serem tornados públicos, os conteúdos vão chegar aos mais variados indivíduos e, para não ferir suscetibilidades e não levantar dúvidas ou outro tipo de situações, é necessário ponderar os modos pelos quais se torna pública a informação. Isto acontece, em particular, quando se fala de religião, uma vez que os meios de comunicação informativos podem influenciar as próprias propensões sociais e políticas que as suas notícias retratam (Hackett, 1999: 108).

Para Jorge Pedro Sousa (2000), as notícias desempenham vários tipos de ações. Entende-se por ação pessoal quando as notícias resultam das pessoas, das suas intenções e da respetiva capacidade dos seus autores e atores. A ação social é quando as notícias são o efeito das mudanças e dos constrangimentos do sistema social, sobretudo do meio organizacional em que foram elaboradas. A ação ideológica surge quando as notícias têm origem em interesses que dão coerência aos grupos sociais. É considerada ação cultural quando as notícias são um fruto do sistema cultural em que são originadas e que, por seu turno, regula a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência). É considerada ação do meio físico e tecnológico quando as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de elaboração e do meio físico em que são originados. É fundamental ter igualmente em conta que os valores partilhados pelos jornalistas podem e devem ser considerados um mecanismo de ação social, que se vai sobrepor à ação cultural. Segundo o mesmo autor, as notícias são produto da história com todos os fatores anteriormente referidos interligados. A notoriedade que esses acontecimentos alcançam varia consoante o contexto social, histórico e cultural (Sousa, 2000: 24). Jorge Pedro Sousa (2000) cita Adriano Duarte Rodrigues para salvaguardar que apesar das notícias serem maioritariamente resultado de

vários fatores e acontecimentos interligados, isto não é regra, porque também há notícias que assentam num simples fato isolado. Esta situação, leva a que ocasionalmente surjam notícias pela ausência de notícias, isto é, por exemplo quando um ministro não se quer pronunciar relativamente a um assunto, o que vai ser notícia o seu silêncio. No entanto, quando isto acontece, é importante ter em conta os fatores pessoais e a experiência individual do jornalista, uma vez que vão determinar o modo como o jornalista encara o tema (Sousa, 2000: 42).

Nesta linha, é importante considerar igualmente os fatores pessoais e a experiência pessoal da(s) fonte(s) de informação, uma vez que esses dois aspetos vão ter influência na sua conduta, e as fontes são agentes ativos na construção da notícia. Ainda que existam diversos agentes que através da ação pessoal podem transformar o que vai ser considerado notícia e o modo de execução da mesma, os jornalistas são a base do processo. No entanto as fontes de informação são igualmente “protagonistas destacados”. (Sousa, 2000: 48).

Num noticiário há notícias sobre os mais variados temas. Os jornalistas têm que ter em consideração que milhares de pessoas estão a ver e a ouvir. Deste modo, ao transmitir uma notícia é necessário ter em atenção que vai chegar a indivíduos dos mais variados credos, raças e estratos sociais. Assim, há que ser rigoroso nos factos e ter em conta o modo como é usada a linguagem, com o objetivo de ser compreensível a todos:

O problema do reconhecimento do outro introduziu nas ciências sociais, de uma forma radical, a crítica do monologismo individualista, o reconhecimento da intersubjectividade dialógica e comunicacional bem como a dimensão normativa e crítica dessa intersubjectividade. (Correia, 2004: 18).

Nos dias de hoje, os meios de comunicação social são instrumentos fundamentais quer na divulgação de informação, quer no sentido de criar uma cultura de massas. A cultura de massa resulta, deste modo, de um conjunto de relações que se estabelecem na sociedade seja no campo educacional, teológico, político, económico, tecnológico ou outro, uma vez que a notícia afigura-se perante a sociedade como espelho ou reflexo dos seus interesses e valores, segundo Rogério Santos (1997).

Com uma sociedade em constante evolução a procura vai sendo cada vez mais exigente, e assim sendo a indústria mediática tem de dar resposta a desafios constantes e acompanhar as novas tecnologias. Nelson Traquina (1999) afirma que a realização de notícias é uma parte relevante da vida social e cultural contemporânea. Nesse sentido muitos autores têm escrito sobre os «valores notícia» e os conhecimentos profissionais dos jornalistas, bem como o seu papel na construção de um “quadro de realidade”.

A comunicação é uma conceção intemporal, com uma forte interligação com o conceito de cultura, o que implica estar ligada igualmente ao conceito de democracia. Neste sentido a comunicação é valorizada sobretudo em sociedades onde os valores como a liberdade de expressão, a individualidade, os direitos do homem ou a qualidade de vida se assumem como elementos prioritários no relacionamento social. Nos últimos anos, os estudos e as ciências sociais, asseguram que o desenvolvimento do jornalismo e da comunicação são muito importantes para o desenvolvimento da democracia (Traquina, 2000: 39).

O facto de os meios de comunicação social serem ao mesmo tempo indústria, serviço público e instituição política, comportam uma grande ambiguidade, o que origina por vezes alguns problemas. A cultura e a informação devem ser abertas a todos independentemente do seu gosto e formação, mas deve-o ser mediante diversos meios de modo a que todos possam segregar e fazer as suas escolhas, algo que convenhamos ainda não acontece. Em primeiro lugar, dever-se-ia preparar os indivíduos para as escolhas apresentadas. Cada indivíduo é parte integrante da sociedade porque há uma partilha de conhecimentos culturais entre si o que significa ter acesso ao mesmo «mapas de significados» (Hall, Chritchen e Jefferson, 1999: 226).

Na verdade, não se deve apenas ter em conta um nível de cultura, mas sim apostar na variedade da oferta e aguardar que com maior diversidade se verifique uma maior motivação para fazer cada vez mais conteúdos e melhor:

As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, selecção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na selecção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir existência pública de notícia, numa palavra – noticiável (newsworthy). Alias, a questão central do campo jornalístico é precisamente esta: o que é notícia? Ou seja, quais os critérios e os factores que determinam a noticiabilidade (newsworthiness) dos acontecimentos (Traquina, 1999: 169).

Há uma oferta tão grande de informação que muitas vezes nem há tempo de refletir acerca do que nos é mostrado. Nelson Traquina (1999) considera que o desafio diário ou semanal dos jornalistas é elaborar um “produto final”.

A rapidez da circulação de informação tem efeitos na capacidade de reflexão dos indivíduos. Com tanta informação e sem tempo para pensar, a sociedade vai perdendo o sentido crítico e a seletividade baseada no amadurecimento das ideias. No texto «*A produção social das notícias: o mugging dos media*», de Stuart Hall, Chas Chritnen, Tony Jefferson,

John Clarke e Brian Roberts, na obra *Questões, teorias e “estórias”* (1999), consideram que os *media* expõem frequentemente informações de acontecimentos que acontecem fora da experiência direta da maioria da sociedade. Desta forma, os *media* são a primeira, e tantas vezes, a única fonte de informação acerca de muitos acontecimentos e questões importantes, que surgem quotidianamente.

4. A comunicação Social enquanto instrumento quotidiano

É através dos meios de comunicação social que conseguimos ter acesso a notícias, que acabam por nos transmitir informação acerca de outras culturas. A comunicação não é só um produto, é também um processo de troca simbólica generalizada, processo de que se alimenta a sociabilidade, que gera os laços sociais que estabelecemos com os outros porque os próprios *media* ensinam e transmitem isso. Para Gaye Tuchman (1999) os jornalistas têm que ter a capacidade de recorrer a algum conceito de objetividade com o propósito de trabalhar os factos relativos á realidade social. Na realidade é da interação comunicacional mediatizada maioritariamente por símbolos concebidos, que se estabelecem e estreitam os laços sociais uma vez que é em sociedades onde a maioria da população não tem acesso nem qualquer tipo de poder sobre as decisões que vão ter algum peso na sua vida, onde a política e a opinião estão focadas em aspetos relevantes e o conhecimento das massas está disperso, que os meios de comunicação social têm o cargo de aliar e mediatizar a crítica fundada na opinião pública com os procedimentos de quem realmente detém o poder, segundo Stuart Hall, Chas Chritnen, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts (1999).

A comunicação sendo algo tão comum e ao mesmo tempo tão complexo, é um conceito que é explorado através de vários ângulos, porque é uma área muito ampla e com muita influência na sociedade e na respetiva cultura. A Comunicação perceptível ao ser humano pode ser desenvolvida em vários campos com os mais variados objetivos. Mas a comunicação de massas é sem dúvida a mais usada, sobretudo por ser a mais eficaz visto que permite que uma só ideia chegue a um amplo auditório. O ser humano tem uma “pele cultural e simbólica” onde primeiramente a linguagem tem um “papel estruturante e fundamenta”. Deste modo os instrumentos representativos de mediação intercedem, indubitavelmente, para possibilitar o entendimento intersubjetivo da realidade social (Correia,2004: 21). Em virtude do papel fundamental desempenhado pelos *media* de informação na vida humana, é indispensável pensar em critérios de discernimento a partir dos quais possamos pensar as dinâmicas e as interações que com eles estão relacionados, de forma a ter uma postura

imparcial em relação ao que nos é mostrado. A estruturação de sentido para a conduta social, bem como a eternização e propagação de enquadramento axiológicos e normativos, vão permitir a geração de identidades sociais e coletivas. Este aspeto leva a uma busca em torno da visibilidade nos meios de comunicação social que confere de certo modo reconhecimento muito devido à sua dependência (Correia, 2004: 33).

Desde o aparecimento dos meios de comunicação social – imprensa, rádio e televisão – que sempre houve interesse em estudá-los com o intuito de procurar dar resposta aos eventuais efeitos destes meios. Na sociedade atual, com o aparecimento de outros *media*, como é o caso da internet, aumentou o poder que estes têm em chegar ao maior número de pessoas das mais diversas formas, respondendo de forma eficaz às suas necessidades. Os factos, enquanto notícias, são habitualmente compreendidos num enquadramento que apela à “noção de consumo” por ser hoje em dia algo básico (Hall, Chritchen e Jefferson, 1999: 227). Com o aparecimento de novos meios de comunicação social e a sua modernização, a concorrência cresceu e com efeito os produtores e responsáveis começaram como que uma luta pelas audiências. Para Muniz Sodré (1999) os discursos das novas indústrias culturais são muitas vezes semelhantes à retórica de Aristóteles, porque um discurso bem elaborado pode dissuadir muita gente e conseguir resultados importantes.

A crescente e resultante comercialização da cultura introduziu novos poderes nos modos de produção dos produtos mediáticos e culturais. Enric Saperas (1986), na obra *Os efeitos da comunicação de massas*, afirma que a estruturação da realidade social é definida pela produção das “práticas produtivas” e das rotinas que formam a profissão jornalística, onde deve ser acrescentada a ação dos profissionais com o trabalho orientado para a produção da ficção. Quanto maior é a audiência maior deve ser o cuidado no que toca ao conteúdo dos media, pois, segundo o autor Nelson Traquina (2000), os meios de comunicação de massa tem efeito nas pessoas de tal modo que é possível prever o seu efeito no público. Os *media* têm o dever de respeitar o cidadão e não condicionar o seu comportamento nem ser condicionados devido a pressões de ordem ideológica, política, económica, que por seu turno limitem a liberdade de expressão, da mesma forma, exigem o respeito pela dignidade do homem e da sociedade. É comum acentuar o poder dos meios de comunicação social. No entanto esse domínio é muitas vezes caracterizado de “prepotente, perverso e perigoso” para os indivíduos e para a sociedade ao por em causa a democracia (Traquina, 2000: 13).

Pedrinho Guarerchi (2000) encara os *media* como estrutura básica da sociedade, e essa importância tem tendência para aumentar e ser cada vez mais central, sobretudo após a invenção da imprensa, e com o acréscimo da população alfabetizada, essa importância

umenta porque a informação chega a cada vez mais pessoas. Neste sentido é importante que os meios de comunicação social tenham plena noção dos seus efeitos na sociedade e nas instituições e assumam as respetivas consequências, isto é, tenham consciência da sua influência, por exemplo na educação e tenham em atenção quando elaboram os conteúdos, e não o façam só em função das audiências uma vez que posteriormente vão ter repercussões.

No entanto, é necessário ter em conta que o conceito de “aceitável” varia consoante a posição de cada um, isto é, a cultura, os valores, a religião, e todos estes conceitos têm força no que toca a ser admissível ou não. A educação e a comunicação são procedimentos inerentes e a relação entre estes dois conceitos é considerada bastante complexa. Os meios de comunicação social ao informarem, devem paralelamente ter uma ação formativa. (Rosado,1966: 16).

Os *media* têm como objetivo mostrar acontecimentos e dar conhecimento do que se passa a nível informativo e para além disso fazer com que a publicidade seja bem-sucedida, isto é, o produto venda, o que acaba por ser uma missão um bocado contraditória porque contrariamente aos objetivos da publicidade o jornalismo procura não dispersar a verdade segundo a obra *Estratégias e discursos da publicidade* de Francisco Rui Cadima (1997), e o mesmo instrumento tem como objetivo concretizar do melhor modo, dois aspetos muito diferentes. Neste sentido, podemos afirmar que os meios de comunicação social têm um duplo objetivo: informar, entreter e educar.

Quando comunicar tem como principal objetivo despertar o interesse e a atenção das pessoas para algum serviço ou produto há a necessidade de algum estímulo e para conseguir isso é muitas vezes necessário recorrer a uma forma inovadora de chamar atenção do público-alvo e sendo isso muitas vezes torna-se possível através dos meios de comunicação social. Mas nem tudo é assim tão simples, é necessário cada vez mais recorrer a novas técnicas, porque a oferta é muita. A estrutura dos novos públicos, no mundo atual exige novas formas de mediação simbólica como é o caso dos *media* (Esteves,2003: 187).

Os meios de comunicação social são reguladores de cultura, visto que acabam por regular grande parte da cultura, para além de ter em conta os fatores descritos anteriormente, os *media* também têm em conta os seus próprios valores, isto é transmitir uma ideia de acordo com os seus próprios critérios. A Comunicação tem também uma dimensão construtiva na vida do ser humano, uma vez que o homem é um ser social e comunicativo e necessita disso para a sua sobrevivência. Deste modo, Enric Saperas (1986) considera que as notícias exercem uma função essencial na orientação dos indivíduos e da sociedade em relação ao mundo à realidade. Os meios de comunicação, diariamente inovam e renovam o conceito de

informar para conseguirem surpreender e cativar o público. A utilização dos meios de comunicação renovou, de forma elementar, a organização espacial e temporal da vida social, ao criar novos formatos de ação e interação e de exercício de poder (Correia,2004: 33).

No entanto, os *media* são alvo de preocupação e incerteza pois quanto maior for a audiência é também maior seu poder que tem perante o(s) público(s). Assim, o uso deste domínio pode nem sempre ser utilizado da melhor maneira, uma vez que cada vez mais os jornalistas têm de ser rápidos, e em consequência dessa rapidez nem sempre conseguem manter o rigor, um conceito fundamental, como refere o ponto 1 do *Código Deontológico dos jornalistas*: “O jornalista deve relatar os factos com rigor e exactidão e interpretá-los com honestidade”.

Com uma variedade tão grande de informação, e com o aumento das novas tecnologias e a sua respetiva inclusão no quotidiano de cada um, a busca pelo consumo é muito grande, o que leva a um distanciamento de tudo o que é espiritual em função do que é material. João Pissara Esteves (2003) na sua obra *A ética da comunicação e os media modernos*, afirma que a intensa analogia do campo dos *media* com os públicos modernos começa por estar marcada no papel resolutivo dos meios de comunicação social na constituição desses mesmos públicos.

O ciberespaço inclui tecnologias que aumentam, expõem e mudam o número de funções cognitivas do homem: memória, imaginação, percepção, raciocínio. As tecnologias favorecem também as novas formas de acesso à informação através da navegação, isto é, pesquisa de informação através de motores de busca na internet e também novos estilos de raciocínio e de conhecimento como, por exemplo, a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento. Estas tecnologias podem ser partilhadas por um grande número de pessoas aumentando assim o seu potencial, que conseqüentemente vai ter influência na opinião pública. João Carlos Correia (2004) considera que com a introdução de novos *media*, é toda a maneira de fazer política, de cidadania e de relação entre o público e o privado que tem uma nova e profunda transformação estrutural.

Na internet podemos ter acesso a ideias, saberes e conceitos de uma sociedade, ou seja, como é um instrumento que está completamente inserido no quotidiano de cada individuo, é o mundo das novas tecnologias é um produtor de cultura e ao mesmo tempo resultado dessa cultura. No ciberespaço a informação não é algo que se possa considerar abstrato uma vez que é visível e exprime as necessidades da população. Nas páginas online podemos encontrar uma forma de comunicação direta e interativa, através do correio digital, de espaços como fóruns, *e-mail*, entre outros: “As novas tecnologias aceleram a circulação de capital”. (Jambeiro, Bolanõ, Britos, 2009: 155).

Muitas vezes, ficamos horas em frente ao computador a ler um texto, a ver um vídeo, a ler as notícias do dia e é uma tarefa que executamos à relativamente pouco tempo. O motivo para isto acontecer é simples, pois, ao navegar na internet e ir à procura de informação, não são só letras ou imagens que nos passam pelos olhos, mas sim todo um universo pois basta um clique e conseguimos abrir imensas portas, isto é conseguimos ter acesso à mais vasta quantidade de dados sem grande esforço, e isso é motivador. A cada vez mais complexa da tecnologia da comunicação, pretende atingir metas cada vez mais ousadas, tanto que é possível que “a imaginação é o único limite para o desenvolvimento do potencial dos meios”. (Bordenave, 1995: 74).

Cada grupo exprime e sustenta as suas próprias necessidades, pois a cultura cede apoios como o idioma, signos e processos intelectuais, que permitem exprimir e expor essas mesmas necessidades pois, a “mediação”, segundo João Carlos Correia é uma forma de estabelecer relações com o mundo e com o outro, que cinge tudo quanto é construído pelo homem na divisão da natureza. Neste sentido, a televisão ao esquematizar as coisas e simplificar situações pode levar a uma banalização da cultura ao vulgarizar ideias e transmiti-las de uma forma errada. Isto acontece porque com o generalizar a cultura, em vez de informar acaba por iludir criando em inúmeros momentos estereótipos e ideias erradas. A informação deve ser simples e clara mas é necessário ter um aspeto em conta: “A imprensa deve informar com verdade” (Rosado, 1966: 13).

O poder subconsciente da televisão é enorme e por isso é imprescindível que todos os cidadãos tenham algum tipo de formação com o objetivo de desenvolver um sentido crítico. Jorge Pedro Sousa (2000), considera que os *media* são os principais portadores de comunicação pública e através dos quais a organização de poder comunica com a sociedade. Perante esta situação não se pode ter uma atitude de aceitação, é importante ter espírito crítico. Felizmente hoje o espectador tem voz porque há inúmeras formas de expressar a sua opinião e vontade, e cada vez mais meios de comunicação social estão atentos a isso porque:

A busca de audiências e a fidelização dos leitores leva, inexoravelmente, a uma procura deliberada de laços de proximidade entre os centros produtores de mensagens e os seus públicos (Camponez, 2002: 118).

No entanto, a atitude não deve cair só sobre a não-aceitação, é importante ter uma visão equilibrada das coisas até para melhor perceber o conteúdo que é mostrado. Os conteúdos e a respetiva receção estão também muito de acordo com os valores em vigor na sociedade. Assim, é importante falar na dimensão da comunicação como parte da vida do ser

humano. A construção da nossa personalidade também tem influência da comunicação visto que esta faz parte do processo de aculturação.

No que toca às audiências, é importante considerar a transmissão de cultura e valores aos mais diversos níveis para chegar ao maior número de pessoas possível. A partir do momento em que um acontecimento é tornado público, direta ou indiretamente é veículo transmissor de cultura, e esta vai ser interpretada consoante os valores vigentes na sociedade:

“O paradigmático acontecimento mediático é organizado fora deles mas pode ser transformado no processo de transmissão.” (Kats, 1999: 52).

Com a informação e a cultura a chegarem ao público de forma tão rápida surge outra questão que se prende com o facto quer da cultura quer da informação se tornarem um negócio e perderem muitas vezes qualidade e assim com a lógica de mercado expandir o seu acesso. Na verdade, cultura e comunicação são dois conceitos que se interligam e complementam desde o aparecimento dos primeiros *media*. Entende-se como efeitos da comunicação a centralidade das crenças e valores da pessoa, todas as pessoas tem sistema de crenças e valores, que ocupam posição central e estão diretamente ligados à identidade de cada um, como por exemplo a fé cristã, na opinião de Juan Diaz Bordenave (1995).

Apesar da presença de outros agentes mediadores e transmissores de cultura, como a escola ou a família, é incontestável o poder que os meios de comunicação social exercem sobre os indivíduos. A Igreja também tem papel importante, pois é um agente cultural com influência direta uma vez que é vista como agente regulador sobretudo no que toca a valores, e assim é um pilar na vida dos indivíduos, naqueles que são religiosos. Os *mass-media* são compreendidos como mecanismos sociais institucionalizados, onde um ator social faz determinadas práticas - mediação simbólica - cumprindo funções que dão autenticidade à execução das rotinas de produção do conhecimento diário da realidade (Saperas, 1986: 144). Deste modo, os *media*, em função de todos estes fatores, vão selecionar conteúdos mediante os critérios economicistas, e consoante as pressões muitas vezes exercidas por instituições, pois os meios jornalísticos são o reflexo da sociedade, e segundo Rogério Santos (2003), garantem a pluralidade de ideias.

Os *media* têm intervenção direta na informação que chega até nós e assim tentam sempre ser os primeiros e melhorar as notícia para que o público sinta interprete a informação transmitida como a correta em relação a outros meios de comunicação social, porque pessoas diferentes encaram e têm diferentes necessidades de comunicação. As notícias são

consequência da “necessidade invariante de relatos do inobservado”, trazida a público por alguém com a capacidade de a transmitir aos outros. (Molotch e Lester, 1999: 34) A televisão tem de acompanhar as novas tecnologias de forma a responder aos desafios impostos dia após dia. Hoje em dia já podemos ver televisão no telemóvel, ver o telejornal do dia anterior, ou até mesmo ver um filme em 3D. Isto também acontece pela inserção da internet no quotidiano dos indivíduos. Os *media* devido à “guerra pelas audiências” mostram aquilo que o público quer ver. Isto porque por exemplo, ao ler um livro vamos ter uma história segundo a visão do autor, na televisão ou num jornal, a visão é diferente, apesar de serem factos exatos. Vasco Ribeiro (2009) considera que nas sociedades atuais é certa influência que “ser é aparecer”, e deste modo, “aparecer” constitui entrar no espaço público através dos *media*, especificamente através da televisão. A opinião pública é muito influenciada pelos meios de comunicação social e em consequência disso, a maneira de pensar e agir de cada pessoa e dos respetivos grupos sociais, que exercem também pressão sobre os sujeitos, e que incide vivamente na mentalidade de cada um e na consciência, manipulando a população para que pense e acredite, no que mais é apropriado e conveniente:

A opinião pública nos nossos dias na sua extrema complexidade e ambivalência, não é, por certo, um exemplo puro de moralidade, o que não significa no entanto, que não continue a posicionar-se no cerne do conflito ético. Isto será tanto assim quanto mais a opinião pública puder afirmar-se como um espaço de discricção, de debate público e de troca de opiniões de um grande número de cidadãos que, deste modo, prosseguem um esforço de mútua compreensão (Esteves, 2003: 240).

A nossa personalidade é fortemente influenciada pela comunicação social, uma vez que o nosso processo de crescimento e de construção da identidade pessoal pressupõe e exige comunicação. Neste sentido, é claro que a comunicação abrange um lugar elementar, mas acontece a nível pessoal como a nível social, o que implica que as instituições tenham também uma grande influência nas suas estruturas, como por exemplo, o Estado, a Igreja, a Escola, e com efeito os meios de comunicação social, tem um papel chave em todo este processo.

Presentemente, os meios de comunicação social, sobretudo a televisão, têm uma forte influência nas primeiras noções culturais ainda na infância através dos desenhos animados, assim é importante ter em conta o seu conteúdo, uma vez que é nos primeiros anos que a personalidade se forma, e as crianças são muito influenciáveis, e visionar algo de mau pode ter consequências negativas: “A dimensão reflexiva da consciência surge no interior de um mundo estruturado pela cultura.” (Correia, 2004: 19). É também importante falar sobre a

dimensão da Comunicação como parte da vida do ser humano, uma vez que a nossa personalidade tem predomínio da comunicação. Todo o processo de crescimento e de construção de identidade pessoal subentende a existência da comunicação:

Dimensão cultural da mediação, visa-se a explicitação reflexiva da consciência que os indivíduos possuem de si e da sua situação social e no mundo, expressa em formulações simbólicas que permitem dar significado a essa situação e ao próprio conhecimento do mundo (Correia,2004: 19).

Os *media* tem uma grande influência na evolução cultural e na sua produção e reprodução e isto vai interferir no modo de vida, organização cultural, instituições. É a comunicação do acontecimento que surge como algo distinto ao ser tornado público, certificando assim o reconhecimento e a notoriedade do mundo, das pessoas, das coisas, das instituições (Traquina, 1999: 29).

Hoje em dia quer a educação, quer a comunicação, chegam até aos indivíduos noa mais variados formatos, formatos esses que nascem em função de necessidades humanas e como são fruto de uma necessidade humana, tanto podem ser exploradas para algo de produtivo como para a manipulação. Na obra “Comunicação, cultura e tecnologias de informação”, José Manuel Paquete de Oliveira, Gustavo Leitão Cardoso e José Jorge Barreiros (2004), afirmam que a sociedade de informação funciona em três vetores: tecnologias de informação, audiovisual e as telecomunicações. Assim o público hoje tem variedade de comunicação e possibilidade de escolher. Assiste-se assim a uma globalização dos *media* através das inovações tecnológicas. A Comunicação está em constante evolução e em resultado disso o seu movimento é constante. Comunicação é um conceito de sentido vasto e conseqüentemente abre um grande número de possibilidades em vários segmentos. Com o aparecimento e evolução das novas tecnologias, além da sofisticação e melhoramento de métodos de comunicação já existentes, encontram a cada dia novas alternativas permitindo que as possibilidades de Comunicação sejam cada vez mais dinâmicas e eficazes. As novas tecnologias de informação e comunicação permitem que a informação seja a principal fonte de produção (Oliveira, Cardoso, Barreiros, 2004: 17).

Essa grande evolução na área de comunicação é parte complementar da própria evolução do homem e da sociedade uma vez que somos seres comunicativos por natureza e necessitamos disso para a nossa sobrevivência uma vez que o conceito de comunicação está diretamente ligado ao sentido biológico do ser humano. Neste sentido a informação é

importante porque quando as pessoas que estão bem informadas, o seu entendimento é mútuo. (Oliveira, Cardoso, Barreiros, 2004: 263).

A questão da globalização cultural passa sobretudo pela dimensão dos meios de comunicação social que conseguem chegar a cada vez mais indivíduos. Deste modo os *mass-media*, com a correspondente transformação de tudo em informação imediata e universalmente disponível hoje em dia com a internet há acesso a todo tipo de notícias minuto-a-minuto.

Uma das maiores transformações dos últimos tempos é a quantidade de informação disponibilizada que tem vindo a aumentar exponencialmente (Pinto, 2000, 288). No entanto as consequências que podem surgir da informação em larga escala também são maiores, causando muitas vezes fenómenos sociais, como temos assistido nos últimos tempos. A globalização cultural faz com que esta seja uniforme mas também com a variedade é possível encontrar muita diversidade. A diversidade poderá sair prejudicada se, quando o alargamento da área de oferta de um determinado bem implica o desaparecimento de outro. Segundo Carlos Camponez (2002), devido à pluralidade de mensagens e de fontes, as audiências tornaram-se cada vez mais seletivas. Neste sentido convém realçar que mesmo numa sociedade homogénea e muito linear podemos assistir, com alguma frequência, a emergências singulares. No caso das indústrias culturais isso também acontece. Esta situação foi aperfeiçoada e desenvolvida a outros sectores com as potencialidades das novas tecnologias, em especial da área da multimédia. Em todo este processo intervêm quer fatores económicos e de mercado, quer políticos e religiosos. As decisões do jornalista ao longo do processo produtivo – *newsmaking* – devem ser entendidas consoante o contexto onde ele está inserido, isto é, o meio de comunicação social para o qual trabalha (Traquina, 1999: 169). O ambiente acaba por ser mais multicultural porque as culturas cada vez mais interagem entre si. Para Francisco Rui Cadima (1999), a “função social, política e histórica do mediador” é perentória na construção da sociedade participada e solidária que é ambicionada.

Ao longo deste capítulo, procurámos salientar a importância capital das fontes de informação noticiosas para o trabalho jornalístico, destacando o facto da comunicação social ser elementar, uma vez consumimos *media* desde que nos levantamos até irmos dormir, por isso é importante ter em conta a sua evolução e respetivo impacto no público. Neste sentido as tutelas dos media devem estar bem definidas, para que o seu papel na construção da sociedade seja positivo, uma vez que não são somente veículos de transmissão, são também apoios importantes da sociedade. Os meios de comunicação social são uma manifestação cultural e a cultura contemporânea funciona sobretudo devido às informações tornadas públicas pelos

media (Castells, 2002: 443). O objetivo desta dissertação é, no entanto, como já referido, analisar a relação existente entre as fontes de informação em matéria religiosa e a produção jornalística neste âmbito particular. Imperioso se torna, pois, compreender o modo como a religião se torna objeto de notícia. Disso mesmo nos ocuparemos no próximo capítulo.

II – A religião como objeto de notícia

1. A Igreja Católica em Portugal e a imaginação religiosa.

Portugal é um estado laico², isto é, defende e promove a separação do Estado e do poder governamental das religiões ou comunidades religiosas. Uma situação que ficou definida a 21 de abril de 1911, e publicada no nº92 do *Diário do Governo*³ através do *Decreto com força de lei de 20 de abril, separando o Estado das Igrejas*. Este conceito implica uma organização do respetivo governo onde não existe distinção ou interferência de qualquer confissão religiosa. Isto acontece com o intuito de não criar discórdias no que toca a interesses entre o governo e as Igrejas. Este conceito tem também como objetivo fundamental a igualdade, isto é, não dar maior importância a uma crença em detrimento das demais. É igualmente importante promover a liberdade religiosa, bem como assegurar a imparcialidade e justiça dos organismos estatais.

Em julho de 1928, os dirigentes governamentais decretaram paz entre o Estado e a Igreja Católica. Ainda assim a relação entre Portugal e a Santa Sé não estava totalmente definida. O país estava sob comando de uma ditadura militar pelas mãos de António de Oliveira Salazar, que colocou em prática um procedimento que visava a criação de uma boa relação entre o Estado e a Igreja. O culminar de todo processo deu-se no dia 7 maio de 1940, quando o Estado Português e o Papa Pio XII⁴ assinam um tratado que visava regulamentar a posição da Igreja Católica neste Estado Laico. A *Concordata*⁵ de 1940 foi substituída pela *Concordata* de 2004⁶. Este último tratado foi firmado entre o Estado Português, pela mão de José Manuel Durão Barroso⁷, então Primeiro-Ministro e o Cardeal Angelo Sodano⁸, em representação da Santa Sé a 18 de maio de 2004. O principal objetivo passa pela “cooperação

² Estado Laico. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-06-21]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$estado-laico](http://www.infopedia.pt/$estado-laico)>.

³ <http://www.legislacao.org/diario-primeira-serie/1911-04-21/0/anterior>[Consult. 2013-06-21].

⁴ Papa Pio XII (Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli) nasceu em Roma a 2 de Março de 1876. Foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939 até a data da sua morte, a 9 de Outubro de 1958.

⁵ Uma Concordata é um tratado internacional celebrado entre a Santa Sé e um Estado, com o objetivo de assegurar direitos dos Católicos ou da Igreja Católica naquele Estado. Ao longo da história foram assinadas vários tratados desta índole com os Estados laicos, como forma de garantir direitos para a Igreja e permitir sua existência nesses países - <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/ISDC/Texto%20da%20Concordata%20-%201940.htm> [Consult. 2013-06-21].

⁶ <http://dre.pt/pdf1s/2004/11/269A00/67416750.pdf> [Consult. 2013-06-21].

⁷ José Manuel Durão Barroso (N. 23 de março de 1956) ocupou o cargo de primeiro-ministro da República Portuguesa entre 2002 e 2004. A 23 de novembro de 2004, Durão Barroso assumiu as funções de Presidente da Comissão Europeia, cargo que ainda representa atualmente.

⁸ Angelo Sodano (N. 23 de novembro de 1927) é um cardeal italiano. Atualmente representa o cargo de protetor da Pontifícia Academia Eclesiástica e Decano do Colégio dos Cardeais da Santa Sé.

para a promoção da dignidade da pessoa humana” segundo o ponto 1. Este documento salvaguarda ainda entre outras coisas, que a República Portuguesa garante o livre exercício da liberdade religiosa aos membros das forças armadas em funções, no caso de internamento, no caso de detenção, na educação e na cultura.

Embora com menos influência na vida da população, Portugal continua a ser um país maioritariamente católico. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 1981⁹, através dos Censos, foi possível apurar que 81,1% dos portugueses eram católicos. Em 2001¹⁰, os Censos contabilizaram 84,5% de população católica. Mais recentemente, um estudo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas (CERC) da Universidade Católica Portuguesa¹¹, apresentado em Fátima a 18 de Abril de 2012, revela que o número de católicos desceu para 79,5%. O presente estudo revelou ainda que os católicos são na sua maioria mulheres e concentram-se sobretudo no norte do país e em zonas rurais. É igualmente uma população envelhecida em que a maioria dos praticantes tem mais de 45 anos. Este estudo surgiu no seguimento da iniciativa ‘Repensar juntos a Pastoral da Igreja em Portugal’¹², tinha como fim dar continuidade à investigação solicitada pelos bispos portugueses no ano de 1999, que antecedeu o Ano Jubilar (2000). O documento refere ainda que ao longo desses 12 anos, é possível observar um decréscimo relativo da população que se declara católica ao passar de 86,9% para 79,5%, e um aumento da percentagem relativa às outras posições de pertença religiosa, de 2,7% para 5,7%, com um particular evidência para o universo protestante. O inquérito reuniu 4.000 respostas em todo o país, exceto Açores e Madeira, entre portugueses com mais de 15 anos.

No entanto é importante realçar que apesar de Portugal ser um país laico e, em termos estatísticos, os católicos sejam cada vez menos, existe, uma “imaginação católica” que constitui um horizonte ao qual é difícil escapar. Isto tem um reflexo visível nas notícias pelo seu componente moral, assim como na tendência das notícias de religião apresentarem valores-notícia particulares. Do mesmo modo que as narrativas tem um lugar de destaque nos *media*, é cada vez mais importante a transmissão das identidades religiosas através dos meios de comunicação social. Por meio de histórias da Bíblia, e da história da vida dos Santos, é

⁹http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=65587858&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 (consultado a 21-08-2013)

¹⁰http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=133411&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 (consultado a 21-08-2013)

¹¹<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/oito-em-cada-dez-portugueses-sao-catolicos-e-quase-metade-vai-a-missa-1542295> (consultado a 21-08-2013)

¹²<http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=80196> (consultado a 21-08-2013)

possível facultar aos crentes com um conjunto de recursos culturais de forma a dar sentido ao seu quotidiano. Segundo o autor John Schmalzbauer (2005) os católicos vivem num mundo encantado, adornado por estátuas e água benta, com velas e vitrais ilustrados, santos e medalhas religiosas e imagens sagradas. Mas esses instrumentos católicos são meros indícios de uma sensibilidade religiosa mais profunda e penetrante que leva os católicos a seguir os santos como exemplo de perfeição. Esta questão de fé leva como que a uma sensação de que todas as conquistas e coisas boas (materiais e espirituais) são uma graça divina. Em consequência de uma cultura de afirmação da fé, os católicos são mais vocacionados para ver a sociedade humana, o corpo e o mundo material analogicamente (como analogias para o divino), em busca de semelhanças e diferenças entre si, o outro e Deus (Schmalzbauer, 2005:21).

A 1 de outubro de 2012, o jornalista Joaquim Franco da SIC, editou um artigo de opinião que aborda a Igreja no mundo “mediático”. Neste texto o jornalista considera que cada vez mais o fenómeno religioso é de tal forma “mediatizado”, que cada vez menos é entendido nos “códigos de compreensão da dinâmica católica”, porque o tema Igreja, divide-se cada vez mais entre aquilo que é o “exótico” e o “misterioso”. Este fenómeno acontece mundialmente, sendo mais sentido na Europa. Apesar disto não se deve contestar o peso simbólico e institucional que a Igreja tem tido ao longo dos anos, embora a história mostre que até as doutrinas são questionáveis ao longo dos tempos. Neste sentido, as dúvidas não mudaram os dogmas da Igreja, mas o mundo mediático deu à religião um novo enquadramento. “A Igreja está no mundo, sujeita ao escrutínio” (Franco, 2012: 1), e para Joaquim Franco esta situação motiva a uma profunda reflexão sobre o modo como a Igreja se deve posicionar mediante os *media*. As dificuldades ao nível da comunicação prendem-se muito com a linguagem e com aspetos técnicos mas também com questões de “interpretação antropológica e sociológica”. Face a esta situação o jornalista da SIC, coloca uma questão fundamental: estará a Igreja preparada para se aproximar do mundo mediático? Joaquim Franco, no seu artigo vai citar José Tolentino Mendonça (Padre, escritor e docente na Universidade Católica Portuguesa, dirige o secretariado nacional da pastoral da cultura, Consultor do Pontifício Conselho para a Cultura, no Vaticano) que nas últimas Jornadas de Comunicação Social, afirmou que os tempos atuais eram de crise e debilidade para a Igreja, e que face a isto é necessário arriscar sem medos (Franco, 2012).

Portugal sempre foi um país onde a religião teve um papel central na cultura e na implementação de valores entre os cidadãos. O conceito de cultura é dinâmico pois vai sendo adaptado consoante as necessidades, mas há bases que se mantêm, e na cultura Portuguesa a

relevância que se dá á Igreja sempre foi ponto assente. Esta importância foi consolidada durante o regime do Estado Novo, a partir de 1926, que assumiu uma ideologia Católica, de acordo com Manuel Braga da Cruz na sua obra O Estado Novo e a Igreja Católica (1999). Hoje em dia Portugal é um país Católico, com uma presença dos meios de comunicação social ativa, onde as parcerias entre ambas as instituições são cada vez mais frequentes.

2. A presença da Igreja Católica nos meios de comunicação em Portugal

O fenómeno religioso e os seus agentes não podem ser vistos à luz de simples critérios estatísticos ou do maior ou menor impacto social das suas atividades, além de que a especificidade da vivência do espiritual desaprova a que se olhem para as comunidades religiosas com preconceitos ou ideias pré-concebidas. Deve também realçar-se o papel desempenhado por essas comunidades no próprio sistema mediático. Segundo o Anuário Católico de Portugal, atualmente estão registados 515 meios de comunicação inteiramente católicos, divididos entre jornais, revistas, boletins, rádios, editoras, tipografias e livrarias. É exemplo disso a Rádio Renascença e a Agência Ecclesia. Existem ainda meios de comunicação social católicos estrangeiros com delegações em Portugal como é o caso da Comunidade Canção Nova (Brasil) ou a TelePace (Itália). O canal público de televisão Português, a RTP, também transmite conteúdos de índole religiosa, nos termos do artigo 25º da Lei da Liberdade Religiosa (Lei n.º16/2001), que determina que os canais públicos de televisão garantem às comunidades religiosas inscritas um tempo de emissão em programas específicos, permite:

Nos serviços públicos de televisão e de radiodifusão é garantido às igrejas e demais comunidades religiosas inscritas, por si, através da respectiva organização representativa, ou conjuntamente, quando preferirem participar como se fossem uma única confissão um tempo de emissão, fixado globalmente para todas, para prossecução dos seus fins religiosos.

A atribuição e distribuição do tempo de emissão referido no número anterior é feita tendo em conta a representatividade das respectivas confissões e o princípio da tolerância, por meio de acordos entre a Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas e as empresas titulares dos serviços públicos de televisão e de radiodifusão.¹³

¹³ Fonte : <http://dre.pt/pdf1s/2001/06/143A00/36663675.pdf> (consultado a 21-08-2013)

Para regular esta situação, o Estado Português formou a Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas que trabalha em conjunto com a RTP, canal público de televisão Português, para atribuir e distribuir os tempos de emissão segundo critérios de representatividade:

A Comissão do Tempo de Emissão das Confissões Religiosas é constituída por representantes da Igreja Católica e das igrejas e comunidades religiosas radicadas no País ou das federações em que as mesmas se integrem, designados por três anos por despacho conjunto dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da justiça e da comunicação social, depois de ouvida a Comissão da Liberdade Religiosa.¹⁴

Portugal é um país maioritariamente Católico, como já foi referido anteriormente, logo, é dado maior tempo de antena à Igreja Católica. A Agência Ecclesia é propriedade do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais – órgão sob tutela da Conferência Episcopal Portuguesa- que produz e partilha informação para diferentes plataformas, nomeadamente a Antena1 e a RTP. Segundo o regulamento presente no livro de estilo da Agência Ecclesia, a Antena 1 conta com o *A Fé dos Homens* um projeto de divulgação da identidade e dos projetos da Igreja. O programa é transmitido ao abrigo Art. 25 da Lei de Liberdade Religiosa no operador de serviço público de rádio. Este programa tem a duração de 9 minutos e é transmitido de segunda a sexta-feira, a partir das 22h45. Aos domingos é emitido após as 6h00 e tem a duração de 39 minutos. Este programa dá a conhecer projetos ou acontecimentos que estejam dentro da mensagem e do propósito da Igreja Católica.

A Fé dos Homens, tem também presença no canal público de televisão, RTP2. Este programa vai para o ar desde o dia 15 de setembro de 1997. *A Fé dos Homens* divulga reportagens e entrevistas sobre temas relacionados com Igreja Católica em Portugal e no mundo. Na RTP2, é possível ver outro programa da responsabilidade do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais, o *70x7*. Com emissão desde 21 de outubro de 1979, os conteúdos são semelhantes ao programa *A Fé dos Homens*, no entanto diferencia-se por relacionar diferentes culturas e tradições.

A Eucaristia Dominical é um programa que também é transmitido semanalmente na RTP. Pontualmente, peregrinações ou acontecimentos relevantes que despertem o interesse do público também são transmitidos, ao abrigo da lei Art. 25 da Lei de Liberdade Religiosa. O Livro de Estilo da Agência Ecclesia salienta ainda que a rapidez na produção de conteúdos é uma prioridade, mas esse facto não deve interferir no rigor.

¹⁴ Idem

Nos últimos anos, surgiram várias notícias sobre o aparecimento de novas religiões, denominadas como seitas. Alguns destes grupos como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – têm criado os seus próprios canais de comunicação, como é o caso da IURD tv.

2.1. Diferença entre Igreja e Seita

Gerd Theissen (2005), na sua obra «*Iglesia o secta?*» procura compreender a natureza da Igreja na sua génese interna. O ponto de partida do autor é a análise de grupos presentes na história da Igreja para os quais o cristianismo primitivo era um modelo normativo.

Segundo Gerd Theissen (2005), as igrejas estão ordenadas hierarquicamente e recrutam os seus membros por nascimento. Por outro lado, afirma que as seitas vivem em confronto com o mundo que as rodeia, que os seus membros ascendem a eles por vontade própria e dão muita importância à santidade pessoal em contraposição com a Igreja que procura satisfazer as necessidades de um grupo. O autor adverte que estes grupos surgem como novas ofertas no “mercado” religioso. Estes grupos detetam insuficiências nas religiões tradicionais e apresentam novas ideias como é o exemplo da IURD, ou a Igreja Maná.

A vida de uma Igreja consiste em tolerar e moderar conflitos entre diversos grupos distintos. A Igreja pode albergar grupos com características de uma seita, ou de igreja livre, ou de um culto, enquanto que as seitas nunca poderão acolher nenhuma Igreja. Neste sentido ressaltam-se dois aspetos fundamentais: por um lado, a universalidade e por outro, a unidade da comunidade primitiva. A unidade converteu-se na primeira das características que permite reconhecer a verdadeira igreja; depois não esqueçamos a santidade, a pertença a Deus; há ainda a apostolicidade, onde os doze apóstolos são considerados os continuadores das doze tribos fundadoras de Israel; e por último, a universalidade, onde manifesta que a Igreja deve estar presente até aos confins da terra. Em relação à unidade, ela é aberta a todos os povos (numa dimensão exterior) e não tem em conta o *status* dos seus membros, valorizando a igualdade (dimensão interior) segundo o mesmo autor.

3. As primeiras notícias religiosas em Portugal

No início do Século XX Portugal era uma nação a viver a Primeira República, com uma crise no Catolicismo, onde a agricultura e a pastorícia eram as principais atividades num país onde a indústria estava a ganhar força. No congresso *Fenomenologia e Teologia das Aparições*, em Outubro de 1997, Manuel Braga da Cruz, na sua comunicação intitulada *O Catolicismo Português no Primeiro Quartel do Século XX*, admite que no início do século havia uma crise no que toca à relação entre a Igreja e a Sociedade. A sociedade era maioritariamente rural e com uma atividade predominantemente agrícola. Ao mesmo tempo estava a dar-se uma transformação a nível da industrialização, urbanização e secularização. (1997:89) Mas a população urbana estava a crescer. A indústria separava o local de trabalho do local de residência e as populações organizavam-se por paróquias.

Com a secularização, a Igreja tenta cativar os fiéis através do associativismo católico, ao organizar congressos. Assim começaram a surgir associações católicas com o objetivo de desenvolver a “acção popular católica”.

Estava, no entanto, para acontecer um fenómeno que iria alterar a situação da Igreja em Portugal como expõe Manuel Braga da Cruz (1997):

O catolicismo Português atravessava, desde os primeiros anos do século, uma grave crise, tanto do domínio das relações entre a Igreja e o Estado, como no das relações entre a Igreja e a Sociedade. (...) Fátima ocupa desde o início um importante lugar neste processo de renovação católica em Portugal. (...) A renovação religiosa em Portugal muito ficou de facto a dever a Fátima (1997: 89, 92).

Este processo de renovação religiosa a que Manuel Braga da Cruz se refere começou no dia 13 de maio de 1917. A Europa vivia tempos difíceis em consequência da 1ª guerra mundial. A revolução bolchevista impunha os princípios do ateísmo nas nações. As perseguições religiosas e a negação dos valores espirituais eram comuns.

Em Fátima, uma pequena aldeia na Extremadura, junto à Serra de Aire, três crianças tiveram uma aparição de Nossa Senhora enquanto pastoreavam o seu rebanho. Durante 6 meses a Virgem apareceu a Lúcia, Francisco e Jacinta pedindo que rezassem o terço todos dias como forma de alcançar a Paz no Mundo (Marchi, 1966: 47). Este fenómeno foi ganhando fiéis com o “passa palavra” e com notícias que iam saindo nos jornais nacionais e que traziam mensalmente cada vez mais pessoas ao lugar da Cova da Iria, onde se estima que no dia da última aparição tivessem assistido ao célebre Milagre do Sol 70 mil peregrinos

(Marchi, 1966: 155). Num dos primeiros livros acerca de Fátima, editado em 1933, o Padre Luís Gonzaga Aires da Fonseca testemunha esta situação:

A notícia dos acontecimentos de Fátima, coroados com os prodígios do dia 13 de Outubro de 1917, vinte e quatro horas depois tinha chegado aos cantos mais remotos de Portugal. Levada não somente por inúmeras testemunhas oculares, mas principalmente pelos jornais de grande circulação. (...) O efeito foi extraordinário. De então para cá a Cova da Iria onde o lugar preciso das aparições foi pelos devotos assinalado com um tóscico arco e depois (1919) com uma pobre e pequenina capelinha – passou a ser universalmente considerada como um santuário (Fonseca, 1933: 77).

Desde 1917, chegam a Fátima milhares de peregrinos, Portugueses e estrangeiros, que vêm ao Santuário pedir, agradecer ou simplesmente conhecer o lugar onde aconteceu o fenómeno que na opinião de muitos mudou o mundo e tornou o Santuário de Nossa Senhora de Fátima num dos maiores santuários marianos do mundo. (Nervi, 2007:8)

Estes acontecimentos marcaram o Catolicismo em Portugal e no mundo, o que se refletiu na imprensa. Apesar de todas as especulações, foram muitos os jornais que noticiaram este acontecimento. Enviados especiais, fotografias, testemunhos, tudo foi válido para que as notícias fossem o mais credíveis possível. *O Século*, *O Mundo*, *Diário de notícias*, *O Ouriense*, *Portugal*, *O primeiro de janeiro*, *Semanário Alcobacence*, foram os jornais que tornaram públicas as primeiras notícias religiosas em Portugal.

As entidades eclesíásticas estavam algo reticentes em tomar posição face ao sucedido e na sua maioria não colaboravam com os *media* como é visível nas notícias que posteriormente irão ser analisadas. Mesmo assim foi a imprensa, sobretudo a considerada republicana que deu maior relevo às aparições de Fátima. Para criticar ou credibilizar, os acontecimentos de Fátima iam sendo divulgados pelos jornais que naquela altura eram um grande meio de propaganda. Fátima atingiu desde logo uma grande dimensão muito pelas notícias dos diários, tanto que se estima que nas aparições de setembro e outubro já estariam entre 50 a 70 mil pessoas como noticiaram os enviados especiais a Fátima. Os jornais de expressão Católica era muito mais cuidadosos no modo como noticiavam as aparições de Fátima como é o caso de *O Mensageiro* ou *O Ouriense*.

A primeira notícia sobre Fátima surgiu precisamente num diário do Partido Republicano Português *O Século*¹⁵, com data de 23 de julho de 1917. Precisamente 10 dias depois da terceira aparição, quando um enviado especial deu a conhecer as aparições. Inicialmente o

¹⁵ Diário do Partido Republicano Português. A sua fundação data de 1881.

jornalista dirige-se à Meia Via¹⁶ e consegue falar com pessoas que regressavam de Fátima, que prestam depoimentos, mas informações muito vagas. As autoridades ainda não tinham tomado posição. A 18 de agosto de 1917 outro diário republicano, *O Mundo*¹⁷, fala sobre Fátima, mas em tom de crítica comparando até os três pastorinhos ao conde de Cagliostro¹⁸. Na edição de dia 19 de agosto de 1917, *O Mundo* reprova novamente as aparições e cita o boletim clerical do concelho de Vila Nova de Ourém, *O Ouriense*,¹⁹ no qual estes acontecimentos são louvados. O jornalista não cita fontes, mas alude a posição dos padres que aprovam a situação. A 13 de outubro de 1917, o *Diário de Notícias*²⁰, publica uma notícia enviada pelo correspondente de Vila Nova de Ourém a dar conta das aparições, o jornalista não cita fontes, apenas que estiveram 20 mil pessoas nas aparições de setembro. No mesmo dia, também *O Século* fazia um ponto de situação do que se estava a passar em Fátima através do seu enviado especial, Avelino de Almeida. O jornalista não usa fontes, faz sim uma descrição do que presenciava. Dois dias depois – 15 outubro de 1917 – Avelino de Almeida escreve uma das notícias com mais visibilidade. Na capa do jornal *O Século*, é visível uma fotografia dos três pastorinhos de Fátima e um título chamativo: “COISAS ESPANTOSAS! COMO O SOL BAILOU AO MEIO DIA EM FÁTIMA”. A notícia é composta por muita descrição dos factos e alguns testemunhos de peregrinos. Nesta ocasião é importante destacar que Avelino de Almeida²¹ deslocou-se a Ourém para falar com o administrador. Mas sem sucesso, pois ele não estava. Neste caso já se verificou uma busca de fontes. Também o *Diário de Notícias* publicou dia 15 de outubro de 1917 uma notícia sobre Fátima. Continua a haver a inexistência de fontes. Há uma descrição intensiva ao ponto do repórter contabilizar os carros e as bicicletas. O diário vespertino do Partido Republicano Português, *Portugal*²², na sua rubrica *Notas Soltas*, dia 15 de outubro de 1917, redige como que uma crónica irónica sobre as aparições de Fátima. No dia 16 de outubro de 1917, o jornal *O Século* vai fazer uma comparação entre o número de pessoas que rumou a Fátima para assistir ao Milagre do Sol, com os números da abstenção às eleições suplementares de Lisboa dois dias antes (14 de outubro). *O Primeiro de Janeiro*, a 16 de outubro de 1917, faz uma anotação política onde é

¹⁶ Pequena Aldeia próxima de Torres Novas. O repórter refere-se ao lugar por ser abundante em carros para alugar, e neste dia não estar nenhum disponível pois havia muita gente a querer ir a Fátima.

¹⁷ Diário Republicano. A sua fundação data de 1900.

¹⁸ Alessandro, Conde Cagliostro (1743-1795), foi alquimista e maçom. O seu nome era associado a bruxarias. Foi preso diversas vezes.

¹⁹ Pequeno boletim informativo de Vila Nova de Ourém, coordenado pelo padre Manuel José Alves, pároco de Vila Nova de Ourém.

²⁰ Jornal Fundado em 1865

²¹ Avelino de Almeida Pereira (1873-1932), foi seminarista, posteriormente assumiu funções de jornalista em vários jornais portugueses entre os quais *O Século*.

²² Diário vespertino do Partido Republicano Português.

estabelecida uma relação entre a política e estes acontecimentos religiosos. No dia 17 de outubro o jornal *Portugal* publica uma carta de um leitor que escreve de forma irónica sobre os acontecimentos de Fátima. Este leitor teve conhecimento dos factos ocorridos na Cova da Iria através dos meios de comunicação social. Neste seguimento o jornal *Semana Alcobacence* vai criticar a abordagem do jornal *O Século* aos acontecimentos de Fátima. A 22 de outubro de 1917 o jornal *O Mundo* publica um artigo onde as aparições são negadas. A 25 de outubro, são noticiados pelo *Diário de Notícias* alguns furtos de objetos no local das aparições.

4. *Media* e religião na atualidade

Com uma variedade tão grande de meios de comunicação aliados à internet, as notícias são tão efémeras como globais. A linguagem é um ponto comum que facilita a comunicação. Neste âmbito, a divulgação de informações e de ideias é muito mais instantânea. Os *mass-media* têm a capacidade de fazer chegar uma simples ideia ou informação a um vasto público e, nesse sentido, é comum ver os meios de comunicação de massas divulgarem conceitos relacionados com as realidades mais profundas do ser humano, como é o caso da vida e da morte. Estes dois conceitos remetem-nos para a estrutura religiosa, que encerra, como já acima referimos, valores culturais bastante tradicionais e profundos.

A complexidade que caracteriza a temática religiosa não se compatibiliza, no entanto, facilmente com as exigências da prática jornalística atual. Por outro lado, com a evolução societária, são os próprios dogmas que vão sendo reformulados (Badaracco, 2005). Daí que ao jornalista se exija que conheça a linguagem e os propósitos específicos da religião.

Com o passar dos anos, essa linguagem própria veio a tornar-se mais contemporânea e a tomar contornos culturais. Com efeito, cultura e religião são dois conceitos distintos, mas que atuam de um modo intrínseco e paralelo. À medida que a circulação de informação se torna mais rápida, o grau em que os dois conceitos se interligam é maior e é mais difícil de os discernir como vozes separadas. Embora esta questão seja mais evidente nos debates atuais sobre a separação entre Igreja e Estado, o secularismo e a identidade nacional, o fundamentalismo, e expressão pública da crença privada, o debate também desempenha um certo entretenimento popular e usos dos meios de comunicação para abrigar memórias coletivas relativas à definição de cultura. Embora a diversidade no que toca aos *media* tenha

uma conotação positiva, porque incita à mudança e ao progresso, isso também significa uma renovação nas práticas habituais.

Este processo pode significar uma ameaça para os grupos sociais cuja identidade está tradicionalizada. No caso da Igreja isto é um pouco contraditório porque se, por um lado, a religião assenta em determinados dogmas, por outro lado, há uma tentativa de inovar a fim de que as mensagens cheguem a crentes e não crentes de modo uniforme. Nesta linha, é visível a tentativa dos responsáveis da Igreja, como é o caso dos padres e bispos, tentarem chegar aos seus fiéis através dos grandes espaços de intervenção que constituem as homílias, apresentando temas modernos e linguagem acessível. As redes sociais também estimulam a aproximação, elevando um tema ou uma tomada de posição à escala global. Nesta linha, é possível afirmar que o modo como as informações são transmitidas também influenciam a opinião pública. No que toca à espiritualidade e religião, as informações facultadas, dependente da maneira como são ditas, podem trazer vitalidade ao conceito de fé, ao ser encarado como uma força motivacional para o bem social.

Quando o tema aborda questões que cruzam pensamento religioso e científico, os meios de comunicação social enfrentam a difícil tarefa de dar notícias verídicas e objetivas, devido ao campo complexo que estas duas áreas abarcam. Numa primeira instância, estes dois assuntos, podem ser a inclusão de pontos de vista distintos por representarem a religião e a ciência. A ciência assenta no visível, no que é palpável, contrariamente à religião que tem base no espiritual. Mas na opinião do autor Jame Schaefer (2005), as crenças religiosas ou práticas espirituais são importantes para orientar e inspirar a ciência e a tecnologia. A religião pode ser definida amplamente como uma forma organizada de conhecer e orientar as nossas vidas para as preocupações finais. Algumas religiões são vagamente organizadas, enquanto outras são altamente institucionalizadas. Se umas crenças se localizam mais a nível local, outras são qualificadas como religiões "mundo" de acordo com seu número de crentes, bens partilhados, incluindo o património histórico, doutrinas e práticas como é o caso da Igreja Católica (Schaefer, 2005: 211).

Os meios de comunicação não nos dizem o que pensar ou como agir, mas na verdade as histórias contadas pelos meios de comunicação social constituem uma variedade de imagens do nosso mundo. Os *media* apresentam as pessoas com certas formas de ver e fazer sentir a realidade social. Numa sociedade pluralista, os meios de comunicação contam muitas histórias, muitas vezes contraditórias, que trazem a público diferentes perspetivas. O tratamento de temas relacionados com a Igreja, no que se refere a situações pontuais estão explícitos nos *media*. Em relação aos valores religiosos e respetivos dogmas são

frequentemente vistos de uma forma implícita nos meios de comunicação social. Segundo Jim McDonnell, (1993), a respeito da religião, o que é transmitido na televisão é como um espelho da sociedade. Isto acontece porque a Igreja, tem exercido influência na educação ao longo de gerações, e mais recentemente tem tentado igualmente ter os seus efeitos nos meios de comunicação social. No entanto, para a maioria dos *media*, a religião é um tema banal, muitas vezes levando até ao escrutínio das crenças e comportamentos da Igreja. O mesmo autor considera ainda que a maioria da linguagem utilizada no que se refere à Igreja, para a maioria das pessoas é incompreensível (McDonnell, 1993: 89)

Os seres humanos são chamados a uma relação de aliança com Deus. A humanidade é feita à imagem e semelhança de Deus, mas atualmente com toda a evolução, os homens são meras ferramentas das tecnologia e do mundo comercial. Esta situação conduz a que muitos valores assentem nos bens materiais. A televisão é um reflexo desta conjuntura social ao identificar ideais espirituais com a aquisição de bens de consumo (Cover, 1993:209).

Segundo Stewart M. Hoover (2006) a Igreja e os meios de comunicação social parecem estar cada vez mais interligados à medida que avançamos no século XXI. É através dos *media* que a maior parte da religião e espiritualidade contemporânea é conhecida. É aparentemente fácil pensar nas relações entre a religião e os *media* em termos institucionais. Nós pensamos da religião como um conjunto de tradições, dogmas, práticas e instituições que existem de uma forma autónoma mas paralela à cultura. O autor, Stewart M. Hoover (2006), considera importante os *mass-media* aliados à internet e redes sociais devido ao facto de difundirem oportunamente e de forma instantânea informações. Uma outra consideração a ter em conta é a origem das fontes jornalistas, isto é, o facto de ser uma fonte centralizada e especializada para um grupo de jornalistas. Estes desenvolvimentos tiveram duas implicações específicas e diretas para evolução das relações entre religião e os meios de comunicação social. A primeira questão prende-se como facto de que dentro da multiplicidade de fontes disponíveis, há canais e serviços especificamente religiosos, canais e serviços que podem acomodar os interesses da Igreja e deste modo alguns rituais de índole espiritual são cada vez mais facilitados e publicamente disponíveis (Hoover, 2006: 45). O desenvolvimento de canais especificamente "religiosos" bem como fontes jornalísticas que só tratam a religião, conseguem um efeito mais profundo e de longo alcance. Neste âmbito é importante destacar também a internet pela facilidade e capacidade de divulgar informação de uma forma rápida e sucinta. Uma das consequências desta abertura informativa foi a quantidade de sites e páginas em redes sociais que surgiram exclusivamente religiosas. Na era em que tudo passa pela internet seria conveniente pensar a religião como algo que poderia ser contido dentro de um quadro de

prerrogativas estabelecidas instituições religiosas. A matéria religiosa sempre foi um tanto ou quanto problemática para os meios de comunicação social porque desafia cânones normais de objetividade jornalística (Hoover, 2006: 82).

4.1. Cobertura temática e episódica

Shanto Iyengar (1991), propõe uma definição de enquadramentos temáticos e episódicos na cobertura de notícias de política:

Os enquadramentos noticiosos episódicos focam acontecimentos específicos ou casos particulares, enquanto os temáticos colocam os assuntos políticos e os acontecimentos num enquadramento geral” (Iyengar, 1991: 2).

Neste sentido, os enquadramentos episódicos estão mais associados à cobertura noticiosa de eventos de rotina, enquanto os temáticos tendem a ser usados na cobertura de evento excepcionais. A diferença basilar entre enquadramentos episódicos e temáticos prende-se, portanto, com o facto de os primeiros favorecerem o relato de acontecimentos concretos, episódicos e isolados os segundos serem usados na cobertura de acontecimentos transversais. (Iyengar, 1991: 14). Aplicando a referida tipologia à produção jornalística de notícias de religião em Portugal, é, pois, possível distinguir dois tipos de enquadramentos: o episódico e o temático.

Veja-se, a este propósito, a cobertura que é, tendencialmente, feita do trabalho realizado no âmbito do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa que reúne em Fátima. A Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) é o grupo que reúne os bispos da Igreja Católica Romana em Portugal, em função dos termos do Código do Direito Canónico, promulgado a 25 de Janeiro de 1983 pelo Papa João Paulo II. A Conferência Episcopal Portuguesa reúne todas as dioceses com sede em território sob soberania portuguesa, tendo estatuto jurídico civil no ordenamento jurídico português reconhecido pelo artigo 8.º da Concordata de 2004. O Código de Direito Canónico determina que uma Conferência Episcopal é como que uma instituição permanente, constituída pelos bispos de um país, com funções pastorais, com o objetivo de trabalharem pelo bem da Igreja e seus fieis. O direito canónico é o conjunto de leis e regulamentos da Igreja, para orientação da organização cristã e seus membros. É a lei eclesiástica interna que rege a Igreja. A Santa Sé e o Estado português atribuem um destaque institucional à CEP, consentindo na extensão das suas competências que ela possa celebrar acordos e protocolos com o Estado e estabelecendo que a CEP poderá

ter posição nos assuntos relativos à Concordata e em assuntos relevantes para a ação da Igreja Católica em Portugal.

Os meios de comunicação tendem a acompanhar estas reuniões permanentes, de periodicidade mensal, divulgando as tomadas de posição e decisões adotadas, tornadas públicas através do respetivo porta-voz, o Padre Manuel Morujão, através de conferências de imprensa, por meio de enquadramentos noticiosos episódicos.

Outro tipo de eventos, de carácter não rotineiro, tais como as peregrinações internacionais aniversarias no Santuário de Fátima, de maio a outubro, tendem, por outro lado, a ser noticiados através de enquadramentos temáticos. Os atores sociais que protagonizam estes eventos têm um *status* elevado dentro e fora da hierarquia da Igreja, como é o caso de bispos e cardeais. Simultaneamente, trata-se de um fenómeno de massas, que exige e mobiliza um contingente logístico assinalável, no que se refere a forças de segurança e serviços variados, com implicações económicas, sociais e culturais a vários títulos. Podemos considerar igualmente cobertura temática as reuniões de várias associações católicas como é por exemplo o caso da Cáritas, da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, O Movimento Católico de Estudantes, Obras Missionárias Pontifícias, que têm uma posição importante na sociedade pelas atividades que promovem e despertam a atenção dos *media*.

No que toca à cobertura episódica são focados acontecimentos específicos ou casos particulares. Especificamente, nas notícias religiosas, este tipo de cobertura é visível quando há denúncias, relativas ao clero, em casos de pedofilia por exemplo.

Ao longo deste capítulo, procurámos perceber que interesse têm os temas da Igreja para a comunicação social. Neste âmbito, foi importante realçar que a Igreja Católica se constitui como um padrão cultural vigente na sociedade e isso desperta interesse tanto dentro das redações como no público, particularmente desde o princípio do século XX, após as aparições em Fátima. De seguida, ocupar-nos-emos de perceber a posição da Igreja no espaço mediático, através do Concílio Vaticano II.

Com o abordar esta temática foi possível destacar dois tipos de cobertura, a temática e a episódica. Em Portugal a cobertura é maioritariamente temática, porque a Igreja Católica está em maioria e face a isso tem vários temas em agenda que é viável abordar.

III- A Igreja face à notícia religiosa

1. A relação entre os *media* e a Igreja pela mão do Concílio Vaticano II

O catolicismo é uma extensão do amplo conceito de comunicação segundo o autor Daniel A. Stout (2006), porque a sua compreensão está arraigada na relação essencial entre o humano e o divino (Deus). O catolicismo é uma das denominações da tradição cristã, cujo nome tem origem no grego *kath' holou*, que significa totalidade e *katholikos*, que quer dizer universal. Isto entende que a abordagem do catolicismo à comunicação é orientada pela visão fundamental que toda a criação está contemplada com a presença de Deus. Porque é possível encontrar a presença de Deus em todos os aspetos da vida humana, o desejo de comunicar tal entendimento tem sido enfatizada desde primórdios do catolicismo. A Igreja Católica é uma organização com valores morais bastante concisos. A prática religiosa ao longo dos tempos tem sido visível através de uma grande variedade de procedimentos comunicativos. (Stout, 2006: 83). A transcendência é própria do ser humano. A autora da obra *A liberdade vivida com a força da fé*, Jutta Burggraf²³ (2012), declara que é preciso ter consciência da enorme riqueza da vida humana e procurar caminhos para sermos cada vez mais humanos porque “Deus não é inimigo da liberdade” antes pelo contrário porque a liberdade é um dom de Deus.

A religião tem, assim, um papel primordial uma vez que é neste conjunto de sistemas culturais e de crenças que relacionam a humanidade com a espiritualidade e os valores morais que vão buscar muitas das repostas aos reptos do quotidiano. Tanto os *media* como a Igreja são instituições com muita influência na sociedade. Assim, é comum hoje em dia, ver os meios de comunicação social falarem sobre a Igreja, ou a Igreja utilizar os *media* para divulgar a sua mensagem. O suporte à utilização dos meios de comunicação social foi estudado durante o Concílio Vaticano II. Neste encontro, que reuniu todos os bispos católicos com o objetivo de elucidar alguns procedimentos para a vivência da fé, saíram 4 constituições, 3 declarações e 9 decretos, entre os quais o Decreto *Inter-Mirífica. A Igreja no mundo atual* também foi mote para um documento do Concílio Vaticano II. Entre 1962 e 1965, a reunião do Concílio Vaticano II, foi responsável por mudanças, atualizações e transformações importantíssimas no seio da Igreja Católica nomeadamente o Decreto *Inter-Mirífica* onde é expressa a sua opinião relativamente à relação entre a Igreja e os meios de

²³ Jutta Burggraf(N.1952 – F.2010), doutorada em Psicopedagogia pela Universidade de Colónia e em Teologia pela Universidade de Navarra, destacou-se pela sua visão positiva e simplista das coisas.

comunicação social. A expressão *Inter-Mirífica*, tem origem no latim, significa “Entre as maravilhas”. As entidades da Igreja, ao elaborarem este documento, queriam destacar positivamente o bom uso das tecnologias de informação que hoje temos ao nosso dispor. A comunicação é realizada por meios cada vez mais eficientes, poderosos, rápidos, criativos e em constante evolução. Em 1963 a Igreja já estava atenta à necessidade urgente de saber usufruir destes novos recursos para a importante prática da evangelização. Desta reunião saíram 16 documentos, como já referido anteriormente, este decreto foi o segundo a ser elaborado. Foi assinado a 4 dezembro de 1963 e torna-se importante no sentido em que foi o primeiro documento oficial da Igreja, enquanto instituição a respeito dos meios de comunicação social. Este decreto vem apelar ao bom uso dos *media* e as respetivas indicações nesse sentido.

No ponto 2 do *Decreto Inter-Mirífica* o Papa Paulo VI²⁴ fala da ordem moral, para valorizar os *media* e a respetiva inclusão na sociedade e na Igreja, que reconhece que se houver uma correta utilização dos *media* contribuem de forma eficaz para “recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o Reino de Deus”.

Segundo o mesmo documento, o clero deve entender a comunicação social como uma ligação aos fiéis uma vez que permite difundir a palavra de Deus e dar conhecimento do que se passa dentro da própria Igreja. A informação transmitida deve ser equilibrada e imparcial. Neste sentido, quando se fala em notícias sobre religião, tem de haver empenho, rigor e conhecimento da área em questão uma vez que é um tema delicado e que envolve várias confissões religiosas, e assim, de uma forma indireta, acaba por chegar ao íntimo de muita gente. Porém é necessário ter em conta que a religião desperta um grande interesse por parte dos meios de comunicação social, mas as notícias e análises referentes a este tema não podem ser banalizadas e tidas em conta somente de um ângulo. É necessário conhecer o meio de forma a abordar o assunto de forma cordial e verdadeira, transmitindo boa informação, como acontece com outras áreas do jornalismo. No ponto 8 do *Decreto Inter-Mirífica* o Papa Paulo VI vai abordar a questão que refere justiça e caridade na formação da opinião pública, pois são considerados aspetos essenciais. A opinião pública exerce uma importante influência em todos os aspetos da vida social, publica e privada. Neste âmbito é imprescindível que todos os

²⁴ O Papa Paulo VI -Giovanni Battista Enrico - (N.1897-F.1978) foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica e Soberano da Cidade do Vaticano de 21 de junho de 1963 até a sua morte a 6 de Agosto de 1978. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II. O seu trabalho passou muito pela melhoria nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que deu origem a diversos encontros e acordos históricos.

membros da sociedade cumpram os seus deveres de justiça e de caridade, e com o auxílio dos *media*, seja possível formar e divulgar uma opinião publica equilibrada.

Assim, é possível afirmar que os meios de comunicação social são importantes para a Igreja, pois se forem imparciais e cumprirem as normas éticas, é possível estabelecer uma ligação entre a religião e a vida quotidiana. No ponto 11 do *Decreto Inter-Mirifica* o Papa Paulo VI vai realçar a importância dos deveres dos jornalistas, uma vez que é sua função tratar as questões económicas, políticas ou artísticas de modo a não causarem prejuízo ao bem comum. No ponto 1 do deste mesmo documento, o Papa Paulo VI realça a importância dos meios de comunicação social:

A Santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espirito humano e abriam novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens e salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a radio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social.

Um dos fundamentos do conceito de comunicar é ligar pessoas e é também justamente isso que a Igreja pretende. É na Igreja que, muitas vezes, as pessoas se abrigam e procuram respostas para muitos dos seus anseios. A religião tem também como objetivo confortar os indivíduos, sendo em muitas vidas um pilar, e assim é importante estar de acordo com os hábitos do quotidiano e respetiva atualidade. No ponto 14 do *Decreto Inter-Mirifica* o Papa Paulo VI vai reiterar a necessidade de ler e difundir a imprensa católica para conseguir uma reflexão do ponto de vista cristão sobre todos os acontecimentos. A Igreja quer cada vez mais estar do lado dos *media*, quando é abordado um tema, quer esteja relacionado com esta instituição ou não, cada vez mais as entidades tem atenção a isso, pois sabem que isso vai influenciar a opinião publica uma vez que a forma de organizar o pensamento transpõe os juízos convencionais da ideologia, ligados às praticas científicas e políticas que estão interligadas também às práticas do dia-a-dia (Correia, 2004: 32).

Um dos pontos mais importantes está presente no ponto número 5 e prende-se com o direito à informação no que toca aos assuntos que interessam à sociedade. Neste ponto é igualmente assegurado que os meios de comunicação social não são vistos como algo comercial mas sim como um bem essencial. No ponto 10 do *Decreto Inter-Mirifica*, o Papa Paulo VI, fala da moderação e disciplina no uso dos meios de comunicação social, pois os jovens devem usar os meios de forma moderada e disciplinada. Uma vez que este acesso à informação é facilitado, os mais novos devem procurar ajuda no sentido de que a perceção da comunicação seja bem-sucedida. A Igreja ao tomar consciência do poder dos meios de

comunicação social, tenta chegar aos seus fiéis através dos *media* e das novas tecnologias, uma vez que estes estão mais próximos das pessoas e estão cada vez mais inseridos no seu dia-a-dia.

O Papa Paulo VI acrescenta que os *media* que são instrumentos importantes à educação cristã, devendo assim ser usados para esse fim. *Constituição Pastoral, A Igreja no mundo actual* (1965) é um documento que determina a posição da Igreja face aos problemas e desafios contemporâneos. O Concílio, em relação à situação do Homem no mundo, declara que há uma grande riqueza mas mesmo assim a fome e a pobreza são comuns. Há ainda um grande número de analfabetos. Mas isto é uma situação algo antagónica, pois o acesso à cultura está cada vez mais facilitado e os meios de comunicação social transmitem cultura e atualidade. O ritmo de vida é também fugaz, o que tem repercussões também na vida religiosa. A oração comunitária dá lugar à prática da fé pessoal. É uma conjuntura onde as solicitações são mais que muitas. O homem tem latente no seu carácter uma evolução que acontece ao mesmo tempo que a sociedade avança, porque é um ser social. Esta vida em conjunto, oferece igualmente um vasto leque de direitos, nomeadamente o direito à informação e à liberdade religiosa. Contudo estas constantes evoluções conferem uma constante insatisfação ao ser humano. A nível religioso, este decreto assegura que a Igreja “caminha” simultaneamente com toda a humanidade, para ser como que o fermento e a alma da sociedade humana”(372, 1965). Com isto entende-se que a Igreja é considerada uma “estrutura social” que avança e evolui com a sociedade. Neste campo, aplica-se também a cultura, que é um bem essencial à natureza humana, porque é através deste conceito que o homem desenvolve as suas capacidades e progride. Os responsáveis pela cultura devem esforçar-se ao ponto de encontrar novos meios de difusão: “preparados pelo imenso avanço das ciências naturais, humanas e sociais, pelo desenvolvimento das técnicas e pelo progresso no aperfeiçoamento e coordenação dos meios de comunicação”(386, 1965).

2. O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais

O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais teve a sua origem em 1948. Atualmente as suas funções passam por auxiliar as relações com as associações de âmbito católico, que influem no campo dos *media*, assim como pedidos à Santa Sé (entrevistas, cedência de imagem).

John Patrick Foley ²⁵(1935-2011) e o seu secretário, Monsenhor Pierfranco Pastore, ao elaborarem os *Crerios de Colaboraçaõ Ecumênica e Inter-religiosa nas Comunicações Sociais* (1989)²⁶ tiveram como principal objetivo ajudar os comunicadores católicos, em funções nos *mass-media* a conseguir cumprir o seu trabalho de “anunciar e testemunhar a sua própria fé” com o intuito de favorecer um conhecimento recíproco entre cristãos, bem como em crentes de outras religiões. Este documento reúne critérios que têm a finalidade de promover a colaboração entre os cristãos e os representantes de outros credos. Para isto, John Foley refere que é importante testemunhar a fé de modo a que haja uma maior união entre os cristãos na sua tarefa de comunicar, o que é questão fundamental segundo o ponto 2 desde documento:

“A colaboração entre os cristãos e o acordo com os membros de outras religiões que cumprem um serviço comunicativo adquirem uma importância central nas relações com os poderes públicos e com as direções das empresas de comunicação visando apresentar, promover e coordenar as suas possibilidades cristãs e religiosas de expressão através destes meios”(Foley, 1989: 1).

No ponto 4, John Foley, faz referência à manipulação feita pelos *media*, pois considera um conceito “incompatível com o empenho ecumênico e com o espírito de concertamento inter-religioso”, uma vez que é algo oposto à palavra de Deus bem como à disposição das autoridades eclesiásticas. Os comunicadores responsáveis pela colaboração ecumênica e inter-religiosa devem receber formação e o seu bom senso deve trabalhar com prudência em virtude das suas responsabilidades. A era da informação contribui positivamente para as relações entre as pessoas e as comunidades, desde que haja uma colaboração profunda porque “iniciativas ecumênicas e a ação cristã comum se inspiram na mensagem e nas decisões do Concílio Vaticano II” e põem em prática as orientações dos documentos eclesiásticos. Esta ação vai facilitar a evangelização (Foley, 1989: 1).

O presidente do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais, no ponto 7, aborda a colaboração ecumênica nos *media* como sendo algo vital, visto que os meios de comunicação social passam os limites do tempo e espaço, o que permite que esta colaboração seja um “testemunho oferecido ao mundo”. Isto salienta a importância que os *media* têm, pois conseguem fazer com que a mensagem prevaleça e ultrapasse o tempo e espaço e isso é extremamente importante. Para que isto seja conseguido plenamente, é fundamental haver

²⁵ Cardeal, Grão-Mestre Emérito da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém - associação católica da Santa Sé empenhada em suportar as necessidades do Patriarcado Latino de Jerusalém e as suas atividades para manter a religião Católica na Terra Santa - e presidente do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais

²⁶ Ecumenismo neste contexto refere-se ao processo de busca da unidade entre os cristãos e as demais religiões.

colaboração entre comunicadores e se possível formar equipas de cristãos nas organizações seculares. Este aspeto significa que a Igreja defende a formação, para que haja rigor nos *media* e compreensão por parte dos destinatários. No ponto 8 esta ideia é salientada com a convicção de que os responsáveis da Igreja devem estar ocorrentes e à vontade com os meios de comunicação social, uma vez que são potenciais veículos evangelizadores.

Jonh Foley toca numa questão delicada: é essencial quer comunicadores, quer demais cristãos terem conhecimento fiel da própria fé e colaborarem com respeito e confiança entre si com o objetivo de melhor informar mas sem nunca “impedir a apresentação da mensagem católica em toda a sua plenitude” e para isso é necessária a colaboração dos cristãos noutros pontos:

“ Seria igualmente útil uma colaboração entre os cristãos no campo dos novos meios de comunicação: principalmente quanto ao uso comum dos satélites, das redes via cabo, dos bancos de dados e, globalmente, da informática, começando pela compatibilidade dos sistemas.

A era de comunicação e de informação, que hoje se está formando, exige também - por parte de todos os que vivem uma crença religiosa e estão ao serviço do diálogo público - um compromisso mútuo pelo bem da humanidade.” (Foley, 1989: 3).

Em suma, a Igreja considera importante a área de trabalho que os *media* desenvolvem no sentido de colaboração e evangelização mas defendem fortemente a formação dos comunicadores:

“22. É necessária uma formação específica dos comunicadores católicos, de acordo com as diretrizes da Santa Sé, visando um entendimento mais qualificado com os membros das grandes religiões no seio da comunicação social.” (Foley, 1989: 4).

O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, na pessoa do seu presidente - John Patrick Foley (1935-2011) – elaborou *Ética nas Comunicações Sociais* (2000) porque os efeitos dos *media* nos públicos pode ter efeitos adversos, daí a necessidade de regulamentação. Os indivíduos relacionam-se entre si, num processo de aculturação que leva inúmeras vezes à formação de opiniões e valores. As inovações a nível tecnológico conferem aos meios de comunicação social um poderio eminente devido à sua difusão cada vez mais célere. A dimensão que este processo tem na sociedade são diversos até mesmo aqueles que se afastam ao máximos os *mass-media* acabam por ser influenciados porque mantêm contacto com indivíduos que “consomem” meios de comunicação social e sentem os estímulos.

John Patrick Foley afirma que a posição da Igreja face aos meios de comunicação social é “positiva e encorajadora”, uma vez que são “dádivas de Deus”, mas que as pessoas utilizam da maneira que mais lhe é conveniente. A par disto, o presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais encara de forma otimista o modo como os profissionais da comunicação trabalham, considerando-os como “indivíduos conscienciosos, que querem fazer o que é correcto”, por terem consciência que tem o mais variado público incluindo crianças. Para que isto suceda do melhor modo possível, a Igreja contribui com as suas normas morais.

No presente documento, vêm também mencionados alguns dos efeitos que os *media* podem ter. A nível económico John Patrick Foley considera que os meios de comunicação social promovem os negócios ao incentivar a livre concorrência e em consequência um aperfeiçoamento de bens e serviços. No que toca à política os *media* informam e esclarecem as pessoas facilitando assim a sua participação na vida cívica. Na cultura, os meios de comunicação tem um papel preponderante pois a maioria dos indivíduos tem acesso à cultura através dos *media* o que contribui positivamente para o desenvolvimento humano no seu complexo processo de aculturação:

“Os mass media também fazem com que os grupos étnicos festejem e celebrem as tradições culturais, compartilhando-as com os outros e transmitindo-as às novas gerações.”(Foley,2000: 3)

No que toca à cultura, os benefícios estão diretamente ligados à educação, pois os meios de comunicação são importantes para a educação mesmo por contribuírem ativamente no processo de aculturação. Em relação à atividade religiosa, sai melhorada através dos *mass-media*, porque estes instrumentos difundem informações e acabam por ser de forma positiva “veículo para a evangelização e a catequese”. Isto acontece porque os meios de comunicação social diariamente: “oferecem inspiração, encorajamento e oportunidades de culto a pessoas confinadas na própria casa ou em instituições.”(Foley, 2000: 3). John Patrick Foley toma como exemplo as celebrações em Roma que são transmitidas para todo o mundo. Assim o presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais encara os *media* como algo bom pois se forem corretamente utilizados possibilitam o melhoramento da sociedade humana.

No entanto os meios de comunicação social também podem de certo modo prejudicar os indivíduos, ao criar uma certa dependência que conduz ao isolamento. A criação de estereótipos a respeito da raça, sexo, etnia, idade, religião são inúmeras vezes alimentados pelos *media*.

Inúmeras vezes os meios de comunicação social são aproveitados para instituir e apoiar processos económicos que fomentam a “avareza” segundo a opinião de John Patrick Foley. Perante esta situação o presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais considera que os *media* por vezes são algo injustos na seleção da matéria informativa transmitida, pois há situações que deviam ser denunciadas, sobretudo quando relatam sofrimento humano, e são ocultadas para que outras matérias informativas possam ser veiculadas originando situações ainda mais difíceis. Neste sentido, John Patrick Foley considera que: “A tecnologia das comunicações e da informação, juntamente com a formação para o seu uso, constitui uma destas condições fundamentais.” (Foley, 2000: 4). A nível cultural assiste-se a uma “superficialidade”, onde os valores e culturas são muitas vezes banalizados, onde as crianças e os jovens são as principais vítimas pois ainda estão em crescimento, e a sua personalidade em formação.

Na relação entre os *media* e a religião, John Patrick Foley, presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, adota uma postura imparcial e isenta ao afirmar que “há tentações de ambos os lados”. Os meios de comunicação social não levam a religião como um tema sério mas sim como algo de curioso. O Cardeal Foley considera isto por os jornalistas levarem o assunto religioso com alguma “incompreensão até mesmo com desdém”. Por outro lado as entidades da Igreja também tem alguma responsabilidade ao tenderem a avaliar os *media* de forma negativa. Isto acontece pelo facto dos “padrões sensatos da prática” como a imparcialidade e a objetividade não serem totalmente percebidos, originando diversas vezes um “tratamento especial dos interesses institucionais da religião” (Foley, 2000: 6). O presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais considera igualmente um ponto negativo o facto das entidades eclesiais durante os tempos de antena, exporem as respetivas mensagens religiosas com um carácter “emocional e manipulador”, como se tratasse de um produto, estimulando assim o fanatismo. John Patrick Foley encara os meios de comunicação social como uma escolha, uma vez que podem ser usados para o bem ou para o mal:

“A comunicação deve ser sempre sincera, dado que a verdade é essencial para a liberdade individual e para a autêntica comunidade entre as pessoas (...) A Igreja seria bem servida se um maior número de pessoas que ocupam cargos e desempenham funções no nome dela fossem formados em comunicação. Isto é verdade não só para os seminaristas, as pessoas que se formam nas comunidades religiosas e os jovens leigos católicos, mas para o pessoal da Igreja em geral.” (Foley, 2000: 7).

O Cardeal Foley defende que os responsáveis pela comunicação devem trabalhar para fornecer informação de forma igualitária a todas as pessoas. Para isso seria proveitoso haver formação quer para jornalistas quer para membros da Igreja.

3. Tomadas de posição da Igreja através do *Dia das Comunicações Sociais*

O *Dia Mundial das Comunicações Sociais* foi proveito do *Concílio Vaticano II* através do *Decreto «Inter-Mirifica»* (1963) onde ficou estabelecido que se celebra no domingo que antecede a Solenidade de Pentecostes:

“Para que se revigore o apostolado da Igreja em relação com os meios de comunicação social, deve celebrar-se em cada ano em todas as dioceses do mundo, a juízo do Bispo, um dia em que os fiéis sejam doutrinados a respeito das suas obrigações nesta matéria, convidados a orar por esta causa e a dar uma esmola para este fim” (ponto 18, 1963)

João Paulo II²⁷, na sua primeira mensagem para o Dia das Comunicações Sociais, relacionou dois temas fundamentais: educação e *media*. Na mensagem “*Comunicações sociais e desenvolvimento da criança*”(1979), afirmou que as crianças ficam fascinadas com aquilo que lhes é mostrado nos meios de comunicação social e, por isso, é fundamental ter o cuidado e primar pela boa qualidade dos conteúdos mostrados, uma vez que em determinadas situações substituem a família e conduzem a uma parte do processo de aculturação: “os instrumentos da comunicação social representam também uma parte preciosa de enriquecimento cultural para cada indivíduo e para a família inteira.” (Wojtyła, 1979: 2).

Karol Józef Wojtyła na sua mensagem “*As comunicações sociais a serviço da liberdade responsável do homem*” (1981) defendeu que o homem não deve ser “submisso” aos *media* mas sim ter um espírito crítico e ser livre. Por este motivo quando os meios de comunicação social apresentam imagens de violência, muitas vezes com o objetivo de denunciar, mas quem assiste não se deve deixar influenciar e adotar comportamentos violentos, como alerta João Paulo II. Esta advertência visa sobretudo jovens “grandes usuários dos *mass-media*, desprovidos e abertos às mensagens e às sensações.” (Wojtyła, 1981: 3).

²⁷ Papa João Paulo II - Karol Józef Wojtyła (N.18 de maio de 1920 — M. 2 de abril de 2005) foi líder mundial da Igreja Católica Apostólica Romana e Soberano da Cidade do Vaticano de 16 de Outubro de 1978 até a sua morte. Foi aclamado como um dos homens mais influentes do século XX.

Face a isto, o sumo pontífice da Igreja católica apela à responsabilidade dos comunicadores e das famílias, com o intuito dos *media* terem um maior usufruto principalmente por parte dos mais jovens. Este pensamento é fortemente reiterado por João Paulo II na sua mensagem “*As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude*” (1985), onde Karol Józef Wojtyła afirma que os *media* estimulam o progresso, de tal modo que quaisquer que sejam as barreiras não devem ser impedimento ao bom serviço que estes prestam à humanidade. Uma das vantagens que os meios de comunicação social concedem aos indivíduos passa pela “integração e solidariedade” entre pessoas e culturas, sobretudo entre os mais jovens que ainda estão numa fase de crescimento. Para estes os meios de comunicação social devem abrir novos horizontes ao transmitir valores positivos “educando-a para o dever, para a honestidade, para o respeito dos próprios semelhantes, para o sentido da justiça, da amizade, do estudo, do trabalho” (Wojtyła, 1985: 3).

Karol Józef Wojtyła na mensagem para o 18º *Dia das Comunicações Sociais* com o título “*As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura*” (1984), o sumo pontífice da Igreja Católica recomenda aos comunicadores responsabilidade e espírito crítico a quem vai receber as mensagens para que a verdade e justiça estejam sempre presentes. Em caso de erro, João Paulo II recomenda que seja assumido de forma responsável de modo a que as consequências não sejam graves. Na mensagem para o 19º *Dia das Comunicações Sociais* intitulada “*Comunicações sociais e formação cristã da opinião pública*” (1986), João Paulo II enaltece a importância da formação de uma opinião pública “forte” de maneira a que os cidadãos sejam ativos na resolução de problemas sociais de interesse público:

“Uma opinião pública correta deve ser formada, depois, sobre a natureza, a missão e a obra da Igreja, vista por muitos, hoje, como uma estrutura simplesmente humana e não, como realmente é, como realidade misteriosa que encarna na história o amor de Deus e leva aos homens a palavra e a graça de Cristo.” (Wojtyła, 1986: 3).

Em 1989 João Paulo II, debruçou-se sobre a “*A religião nos mass media*”, ao realçar a sua importância. Numa primeira instância, Karol Józef Wojtyła declara que as mensagens oriundas do seio religioso ganham uma nova dimensão quando divulgadas pelos meios de comunicação social. No entanto, esta ideia entra em contradição com as ideias seguintes, pois o sumo pontífice da Igreja Católica afirma que com os avanços tecnológicos, o homem “manifestava um “secularismo” que parecia comportar o desaparecimento do sentido religioso do “homem moderno”” (Wojtyła, 1989: 3). Mas mesmo a par desta situação, João Paulo II

acredita que a informação religiosa tem cada vez mais lugar nos *media*, muito devido ao crescente interesse da extensão religiosa da existência humana:

“Há milhões de pessoas que recorrem à religião para conhecer o sentido da própria vida, milhões de pessoas para as quais a relação religiosa com Deus, Criador e Pai, é a realidade mais feliz da existência humana.” (Wojtyła, 1989: 3).

Os jornalistas e demais profissionais da comunicação têm completa percepção desta situação, bem como das respetivas “implicações”. Em consequência, a Igreja está cada vez mais presente nos meios de comunicação social. Face a isto, João Paulo II agradece aos *media* pelo tempo de antena e apela ao bom trabalho dos profissionais da comunicação e informação, designadamente através da divulgação da “mensagem de esperança e reconciliação com Deus”, porque a liturgia não pode de todo ser ignorada:

“Para que a mensagem religiosa e as iniciativas religiosas possam estar presentes em todos os *mass media*: na imprensa de informação audiovisual, na criação cinematográfica, nas "memórias" e nos intercâmbios informáticos dos bancos de dados, na comunicação teatral e nos espetáculos culturais de alto nível, nos debates de opiniões e na reflexão comum sobre a atualidade, nos serviços de formação e de educação do público, em todas as produções dos *mass media* de grupo, graças a desenhos animados e revistas em quadrinhos de qualidade, graças às amplas possibilidades oferecidas pela difusão de escritos, das gravações sonoras e visuais, nos momentos de distensão musical das estações de rádio locais ou de grande difusão!” (Wojtyła, 1989: 4).

Em 1992, Karol Józef Wojtyła na sua mensagem “*A proclamação da mensagem de Cristo nos meios de comunicação*” (1992) reitera a importância crescente dos *media*, pois os meios de comunicação social são como que uma praça pública onde se expõem ideias e opiniões, bem como informações relevantes. Dez anos depois, numa das últimas mensagens do *Dia das Comunicações Sociais*, abordou a importância da Igreja na dimensão do espaço público ao falar da “*Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*” (2002), João Paulo II afirma que este meio tem imenso potencial na proclamação da palavra de Deus. A internet oferece um conjunto ilimitado de opções no que toca a informação, se bem que muita dessa informação é momentânea. No entanto Karol Wojtyła critica a brevidade, característica deste meio, considerando que as pessoas passam a valorizar os factos em detrimento do que é fundamental, neste caso, os valores:

“A Internet oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores; e quando estes são ignorados, a nossa própria humanidade é diminuída e o homem facilmente perde de vista a sua dignidade transcendente. Apesar do seu enorme potencial para o bem, alguns dos modos degradantes e prejudiciais em que a Internet pode

ser usada já são óbvios para todos, e as autoridades públicas têm certamente a responsabilidade de garantir que este instrumento maravilhoso sirva o bem comum e não se torne uma fonte de prejuízo.” (Wojtyła, 2002: 3).

Na opinião do Papa Bento XVI²⁸, é importante que a Igreja esteja a par da atualidade e se molde aos desafios de cada dia, modernizando-se de forma a corresponder aos desafios e necessidades de cada um. Em 2006, na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, intitulada *Os media: rede de comunicação, comunhão e cooperação*, o Papa deixa bem claro que os progressos tecnológicos dos meios de comunicação ultrapassaram o tempo e o espaço, possibilitando a comunicação imediata e direta entre pessoas divididas por enormes distâncias. (2006)

Para Bento XVI este conceito de comunicar é muito importante, e no ponto 3 faz um apelo:

O apelo que se faz à mídia é que seja responsável, para se tornar protagonista da verdade e promotora da paz que dela deriva, mesmo se isto comporta grandes desafios. Os diversos instrumentos da comunicação social facilitam o intercâmbio de informações e de ideias, contribuindo para a compreensão recíproca entre os diversos grupos, mas ao mesmo tempo podem ser contaminados pela ambiguidade. Os meios de comunicação social são uma «grande mesa redonda» para o diálogo da humanidade, mas algumas atitudes no seu interior podem gerar uma monocultura que ofusca o génio criativo, reduz a subtileza de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso. Estas degenerações verificam-se quando a indústria da mídia se torna fim em si mesma, tendo unicamente por finalidade o lucro, perdendo de vista o sentido de responsabilidade no serviço ao bem comum. (2006)

Neste sentido, podemos afirmar que a Igreja Católica defende e apoia o bom uso dos meios de comunicação social. A internet permite contactos rápidos e é uma forma eficiente de difundir informação, o que aos olhos do sumo pontífice da Igreja Católica é uma oportunidade de anunciar o evangelho.

O Papa Bento XVI na 43^o Mensagem para o dia das comunicações sociais intitulada *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*, o sumo pontífice da Igreja Católica vai abordar a temática das novas tecnologias, as mudanças que estas impõem na vida quotidiana e nas relações. Esta mensagem, vai dirigida aos jovens que cresceram lado a lado com as novas tecnologias, para que estes que estão

²⁸ Bento XVI - Joseph Aloisius Ratzinger (N. 16 de abril de 1927), é Papa Emérito da Igreja Católica. Foi sumo pontífice da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013.

particularmente familiarizados com este conceito em crescimento, possam aproveitar as potencialidades e fazer um uso correto das novas tecnologias: “devemos fazer com que as vantagens que oferecem sejam postas ao serviço de todos os seres humanos e de todas as comunidades, sobretudo de quem está necessitado e é vulnerável.”(Ratzinger, 2009:1). Os avanços técnicos ao longo dos anos, permitem que de forma comoda consigamos comunicar e ter acesso à informação instantaneamente. Joseph Ratzinger considera estes instrumentos muito importantes, pois as famílias afastadas fisicamente podem estabelecer contacto. O mesmo se passa no que toca a jornalistas, estudantes e investigadores na partilha de informações de modo a trabalharem em equipa o que leva ao progresso social. Isto assenta nos princípios da Igreja Católica, estarmos em contacto e formarmos uma única família como expressão de amor ao próximo (*Mc 12, 30-31*):

“O desejo de interligação e o instinto de comunicação, que se revelam tão naturais na cultura contemporânea, na verdade são apenas manifestações modernas daquela propensão fundamental e constante que têm os seres humanos para se ultrapassarem a si mesmos entrando em relação com os outros. Na realidade, quando nos abrimos aos outros, damos satisfação às nossas carências mais profundas e tornamo-nos de forma mais plena humanos.” (Ratzinger, 2009:1).

Neste sentido, os que trabalham de forma árdua na construção e na difusão de informação através destes novos meios de comunicação social, têm de ter em conta a importância da vida humana. Com isto Bento XVI afirma que não devem ser divulgadas mensagens e imagens “degradantes”, ao banalizar sentimentos negativos e questões da intimidade sexual. No entanto esta facilidade em comunicar permite também uma troca e contacto entre diferentes culturas. Estes novos *media* são cada vez mais importantes devido às suas potencialidades, desde que o seu uso assente no respeito: “O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância.” (Ratzinger, 2009:2).

O Papa emérito da Igreja Católica considera ainda que estes novos *media* deram uma nova força ao conceito de amizade, porque aproxima as pessoas e permite que estejam em convivência permanente independentemente da distância. Mas isto pode também trazer alguns efeitos negativos às relações:

“Por isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. Por este motivo, é preciso prestar atenção a não banalizar o conceito e a experiência da amizade. Seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver *on-line* as amizades fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos na realidade do dia-a-

dia, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De facto, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interação social real. Isto acaba por perturbar também as formas de repouso, de silêncio e de reflexão necessárias para um sã desenvolvimento humano.” (Ratzinger, 2009:2).

Para Bento XVI estes novos meios de comunicação, são fundamentais sobretudo entre a população mais jovem, desde que haja um uso correto e moderado com base no respeito. A introdução da evangelização nos novos *media* é uma mais-valia, e Joseph Ratzinger compara estes jovens aos discípulos de Jesus, que também espalharam a mensagem em larga distancia. O Papa Bento XVI na 42ª Mensagem para o dia das comunicações sociais com o título *Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la* (2008) assegura que é incontestável o contributo que *media* modernos na difusão das notícias. Este facto coadjuvou efetivamente para o senso comum, para partilha de conhecimento, ajudou ao processo de alfabetização e a respetiva socialização das comunidades. Isto teve frutos no que toca ao progresso da democracia e comunicação entre a população. Em todo este decurso a sociedade de grosso modo saiu a ganhar na opinião de Joseph Ratzinger:

“Os *media*, no seu conjunto, não servem apenas para a difusão das ideias, mas podem e devem ser também instrumentos ao serviço de um mundo mais justo e solidário” (Ratzinger, 2008:1).

No entanto se o uso dos meios de comunicação social for usado com interesses comerciais pode prejudicar as massas com uma “publicidade obsessiva” segundo a convicção do Sumo Pontífice da Igreja Católica:

“É preciso evitar que os *media* se tornem o megafone do materialismo económico e do relativismo ético, verdadeiras pragas do nosso tempo. Pelo contrário, eles podem e devem contribuir para dar a conhecer a verdade sobre o homem, defendendo-a face àqueles que tendem a negá-la ou a destruí-la.” (Ratzinger, 2008:1).

Para fazer frente a estas consequências negativas, Bento XVI, apela à “verdade”, porque o ser humano necessita da verdade, e nos *media* onde existe o rigor, conseguem a confiança e o reconhecimento do público. Em suma Joseph Ratzinger invoca a que não haja falta de comunicadores corajosos e verdadeiros.

O Papa Bento XVI na 40ª Mensagem para o dia das comunicações sociais com o nome *A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação* – a sua primeira mensagem para este dia enquanto chefe da Igreja Católica - transmite a ideia que os aperfeiçoamentos tecnológicos dos meios de comunicação “venceram” quer o tempo quer o espaço, possibilitando uma

comunicação acessível a todos. Neste sentido, o progresso faculta a oportunidade de “servir o bem comum”. No entanto a celeridade da comunicação nem sempre consegue “criar um espírito de colaboração e de comunhão no âmbito da sociedade”. Neste sentido Joseph Ratzinger apela aos profissionais da comunicação a não se sentirem intimidados com a quantidade de informação disponibilizada, trabalhando arduamente com rigor para uma informação verdadeira:

“Hoje o apelo que se faz à mídia é que seja responsável, para se tornar protagonista da verdade e promotora da paz que dela deriva, mesmo se isto comporta grandes desafios. Os diversos instrumentos da comunicação social facilitam o intercâmbio de informações e de ideias, contribuindo para a compreensão recíproca entre os diversos grupos, mas ao mesmo tempo podem ser contaminados pela ambiguidade. Os meios de comunicação social são uma «grande mesa redonda» para o diálogo da humanidade, mas algumas atitudes no seu interior podem gerar uma monocultura que ofusca o génio criativo, reduz a subtilidade de um pensamento complexo e desvaloriza as peculiaridades das práticas culturais e a individualidade do credo religioso. Estas degenerações verificam-se quando a indústria da mídia se torna fim em si mesma, tendo unicamente por finalidade o lucro, perdendo de vista o sentido de responsabilidade no serviço ao bem comum.” (Ratzinger, 2006:1).

O Sumo Pontífice da Igreja Católica defende formação específica com o objetivo de haver um uso consciente e imparcial dos *media*. Isto seria importante porque os meios de comunicação social tem um papel indispensável no processo de aculturação e o seu uso deve ser o mais proveitoso possível com o intuito de contribuir para uma melhor sociedade.

4. O mandamento do amor ao serviço dos media.

Uma carta encíclica - *Epistolae Encyclicae* - é um escrito pontifício para bispos de todo o mundo, que por sua vez a vão dar a conhecer a todos os fiéis. É um documento muito importante, porque o Papa serve-se da encíclica para cumprir o seu magistério ordinário. Neste documento há um vasto de assuntos importantes à sociedade, no entanto não tem necessariamente de abordar a fé:

"encíclica não define um dogma, mas atualiza a doutrina católica através de um ensinamento ou um tema da atualidade e é vista como a posição da Igreja Católica sobre um determinado tema. Normalmente, uma encíclica é designada pelas suas primeiras palavras a partir do texto em latim"

Na sua primeira Encíclica, o Papa Bento XVI aborda dois temas importantes e que estão na base dos princípios da Igreja Católica: o amor e a caridade. Para Joseph Alois Ratzinger, o amor que Deus sente por cada pessoa, é de tal modo valorizado que nos indica quem é Deus e quem somos nós. No fundo estas questões só são dificultadas pela linguagem, uma vez que a palavra «amor» hoje em dia é das mais usadas, e o Papa reitera esta ideia afirmando que é “abusada”, o que permite empregar em diferentes sentidos, esquecendo por vezes qual o seu verdadeiro significado. Fala-se de amor de família, amigos, mas o Papa deixa bem claro qual o conceito de amor que normalmente é mais associado à palavra: “o amor entre o homem e a mulher, no qual intervêm indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência” (Ratzinger, 2006: 9).

Na religião, o amor é de tal modo importante que promete infinito, eternidade, conceitos superiores e exteriores à nossa existência, por isso tanta gente encontra o conforto em Deus, como explica Bento XVI. Mas tudo isto tem um fundamento, a própria Bíblia Sagrada, e a tradição da Igreja anunciam e tentam inculcar o amor na experiência humana. A este amor dá-se o nome de *ágape* (Ágape é o amor isento de conotações sexuais, sem segundas intenções, sem malícia e interesses pessoais), que é um amor fundado e configurado pela fé.

Na Bíblia Sagrada, este amor vem anunciado como o mandamento mais importante: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.”(Mateus, 12: 30-31). Josef Ratzinger na Encíclica *Deus é amor*, deixa bem claro o quanto amar o próximo é importante, uma vez que só quando alguém se mostra disponível para ir “ao encontro do próximo” para testemunhar o que é o amor, é considerado “sensível diante de Deus.”. Neste sentido, segundo os princípios da Igreja Católica, o amor a Deus e ao próximo consistem num só mandamento, porque o amor vai gerar amor.

O Papa Bento XVI considera que a caridade é um dever da Igreja, uma vez que o amor ao próximo está “radicado” no amor de Deus e é uma obrigação individual mas também de toda a comunidade Católica: “ A Igreja, enquanto comunidade, também deve praticar o amor. Consequência disto é que o amor também precisa de organização, enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado.” (Ratzinger, 2006: 40). Hoje em dia é comum encontrarmos instituições de solidariedade social de cariz religioso, que têm grande

importância da sociedade contemporânea. É o caso da Caritas e das Misericórdias, e para Josef Ratzinger a importância destas instituições assenta no princípio que “no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna.” (Ratzinger, 2006: 41), e esta ação caritativa não deve ser dependente de ideologias políticas.

O *Catecismo da Igreja Católica*, na segunda secção, onde fala dos “Dez Mandamentos da Lei de Deus”, o 8º Mandamento refere que “Não levantar falsos testemunhos”, e aí os *media* são abordados:

Na sociedade moderna, os meios de comunicação social desempenham um papel de grande relevo na informação, na promoção cultural e na formação. Este papel é cada vez maior, em virtude dos progressos técnicos, do alcance e diversidade das notícias transmitidas e da influência exercida sobre a opinião pública. (...) A informação mediática está ao serviço do bem comum. A sociedade tem direito a uma informação fundada na verdade, na liberdade, na justiça e na solidariedade (Peixoto, 1999: 601).

Em suma, face aos escritos acima analisados, podemos considerar que através dos documentos emitidos pelas entidades eclesiais a Igreja aprova um uso correto dos meios de comunicação social. Os meios de comunicação social devem ser utilizados de forma reta e responsável para que sejam abonatórios à educação. Os *media* podem contribuir igualmente de forma positiva para a evangelização e para a difusão de informações relevantes. Impõe-se, agora, a questão de saber se esse é um papel que os jornalistas percebem como sendo seu, questão nuclear do próximo capítulo.

IV – Jornalistas e fontes: análise das suas relações no âmbito da produção noticiosa sobre religião

Pretendemos com este estudo analisar o processo de elaboração de notícias sobre a temática religiosa e, a partir dessa análise, problematizar a relação entre os meios de comunicação social e a Igreja, realçando o papel das fontes de informação. Procurámos até ao momento traçar o estado da arte desta temática, em particular através da sistematização do conhecimento, socorrendo-nos de bibliografia nacional e internacional, bem como de documentos com origem na Igreja, dirigidos sobretudo aos *media*. Foi também nosso intuito, em especial no capítulo II, revisitar as primeiras notícias religiosas, neste caso, sobre as aparições de Fátima, tornadas públicas pelos jornais Republicanos. As aparições de Fátima, em 1917, têm constituído, de facto, desde então, uma matéria de grande interesse mediático. Dirigimos o olhar para jornais do início do século, num intervalo entre 23 julho de 1917 e 25 outubro de 1917. Tratou-se, em todo o caso, de uma análise menos preocupada com o escrutínio rigoroso do conteúdo do que em assinalar a visibilidade que a temática religiosa adquiriu na imprensa portuguesa.

Na verdade, o estudo empírico que nesta dissertação se apresenta baseia-se não em análises de conteúdo, mas em entrevistas a jornalistas e fontes de informação, cuja análise nos permitirá, certamente, uma maior compreensão do processo de construção noticiosa de acontecimentos de cariz religioso. Paralelamente às entrevistas, utilizámos, de forma exploratória, a metodologia conhecida como observação participante, que igualmente favoreceu o objetivo nuclear deste trabalho, isto é, a investigação da relação entre produção jornalística e fontes noticiosas. É das opções metodológicas tomadas que nos ocuparemos em seguida.

1. Opções Metodológicas

Foram realizadas 7 entrevistas a jornalistas, que trabalham o tema da religião, em meios de comunicação social generalistas portugueses, no caso dos jornais com uma tiragem média elevada²⁹ mas com diferentes públicos-alvo. A distribuição de jornalistas por meios de comunicação social foi a seguinte:

²⁹ Anexo 16

Jornalista	Meio de comunicação	Entrevista	Cargo	Presença em Fátima durante a observação a 12/13 maio 2012
Alexandra Serôdio	Jornal de Notícias	3 abril 2012	Jornalista do Jornal de Notícias desde 1995.	sim
Ana Isabel Costa	Antena 1	12 maio 2012	Jornalista da Antena 1 desde 1994.	sim
António Marujo	Público	13 maio 2013	Jornalista do Público desde 1989.	sim
Joaquim Franco	SIC	22 maio 2012	Jornalista da SIC desde 2000.	sim
Manuel Vilas-Boas	TSF	13 maio 2012	Jornalista da TSF desde 1988.	sim
Paulo Agostinho	Agência Lusa	16 março 2012	Editor da Editoria País na Agência Lusa e coordenador da rede de correspondentes da Agência Lusa. Está na Agência Lusa desde 2000.	não
Secundino Cunha	Correio da Manhã	18 abril 2012	Jornalista do Correio da Manhã desde 1992.	não

Quadro 1- Quadro síntese das entrevistas a jornalistas

A seleção destes jornalistas foi feita com o objetivo de estudar diferentes abordagens do mesmo tema. Ainda que os valores-notícia se mantenham, as abordagens do tema divergirão dependendo da empresa jornalística. De que modo irão essas diferentes estruturas e posições editoriais influenciar o produto final é a questão que colocamos.

Paralelamente, a nossa investigação tem como intuito compreender o lugar e o papel desempenhado pelas fontes informativas. Neste sentido, a estratégia passou por entrevistar tipos distintos de fontes religiosas, a saber: fonte oficial, fonte anónima e fonte usual mas não oficial. Foram realizadas 4 entrevistas a 4 fontes distintas, que de forma direta ou indireta trabalham e trabalharam o tema religioso sob diferentes ângulos. A distribuição de fontes pelas instituições é a seguinte:

Fonte jornalística	Instituição	Entrevista	Cargo	Presença em Fátima durante a observação a 12/13 maio de 2012
Ana Guedes	Conclusão	25 abril 2012	Trabalha na Conclusão com funções de Assessoria de Imprensa desde 2011	Não
João Figueira	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Ideias Concertadas	20 de abril 2012	Professor auxiliar convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Jornalista durante 26 anos. Sócio da Ideias Concertadas desde 2006.	Não
Leopoldina Simões	Santuário de Fátima	30 de Maio 2012	Assessora de imprensa e responsável pelo Centro de Comunicação Social do Santuário de Fátima desde 2004.	Sim
Luís Martins	Anonimo	27 de março 2012	Fonte jornalística anónima de assuntos da Igreja em diversos órgãos de comunicação social Portugueses há mais de vinte anos.	Sim

Quadro 2 - Quadro síntese das entrevistas a fontes jornalísticas

É então crucial compreender os procedimentos quer pelo lado do jornalista quer pelo lado da fonte, visto ser um processo algo complexo mas que se complementa, e como já foi abordado anteriormente é essencial compreender todo este “caminho” e a função dos seus intervenientes para ser um estudo completo.

O tipo de entrevista executada insere-se na categoria entrevista semi-dirigida uma vez que pressupõe uma informação bibliográfica de base sobre o tema que se pretende estudar, com um guião anteriormente preparado, servindo de orientação ao desenvolvimento da entrevista. Contudo, não há uma inflexibilidade em seguir o guião, as questões devem desenvolver-se segundo o diálogo do entrevistado, mantendo assim uma grande flexibilidade na exploração das perguntas e do tema. Assim as questões são abertas de modo a que o entrevistado possa responder à vontade enriquecendo o conteúdo do estudo.

A realização de entrevistas é um dos métodos para a recolha de dados mais frequentes na investigação, onde o entrevistador fala com o entrevistado para obter de forma direta as informações pretendidas. A entrevista facilita a obtenção das informações, pois o entrevistado pode explorar o tema da forma que achar melhor. Neste processo é fundamental estabelecer

uma boa relação com o entrevistado com base na confiança, empatia e respeito e para isso é importante explicar do início o objetivo da entrevista e do estudo.

Numa fase posterior, foi feita uma observação do trabalho jornalístico nos dias 12 e 13 de maio de 2012, peregrinação internacional aniversária em Fátima. Este trabalho permitiu presenciar o trabalho desenvolvido por alguns dos jornalistas entrevistados no âmbito da construção da notícia religiosa e a respetiva interação com as fontes. É um acontecimento acompanhado grupo de jornalistas de forma regular devido à sua importância para o mundo mediático. A peregrinação de maio é muito significativa e junta dezenas de jornalistas, inclusive alguns dos entrevistados deste trabalho académico. Assim para além do seu testemunho, é possível tirar conclusões ao seu trabalho na prática. Houve a possibilidade de acompanhar os preparativos da peregrinação, bem como os seus desenvolvimentos (comunicados, conferências de imprensa).

2. Entrevistas

Paulo Agostinho, editor da Editoria País na Agencia Lusa, exerceu funções na zona de Leiria ao longo de vários anos. Devido à proximidade geográfica com Fátima, trabalhou muitas notícias sobre religião. Ao longo da vida teve uma educação religiosa Católica que, segundo ele, lhe deu as bases para o ajudar a perceber a estrutura e as vivências da Igreja sem interferir na sua análise das situações. Aliás considera que, num órgão não confessional, o tema religião é igual a outro assunto como economia ou desporto. Assegura que não há uma rotina definida, mas no que toca a Fátima “o prime-time da cobertura do Santuário era entre o início de maio e o final de outubro”. Paulo Agostinho considera que as peregrinações são muito importantes, mas destaca também a importância das reuniões mensais da Conferência Episcopal Portuguesa e o encontro de movimentos católicos, grupos cristãos e movimentos cívicos associados à Igreja, onde há tomadas de posição que dão em notícia. Contudo, Paulo Agostinho salienta dois problemas importantes, ao alertar para o facto de haver poucos jornalistas a trabalhar o tema e por seu turno, a Igreja não estar preparada para colaborar com os jornalistas. As homilias são consideradas o grande espaço de intervenção na religião Católica, o que permite muitas vezes tirar algumas ideias das palavras proferidas nas homilias. Paulo Agostinho considera que Fátima a “capital da Igreja Católica em Portugal”. No entanto ainda se verificam alguns erros de comunicação. Para amenizar esta falha de falta de organização por parte da Igreja, seria importantes os padres na sua formação, terem formação

a respeito da comunicação, porque “os *media* são o instrumento de relacionamento da Igreja com a sociedade”. Na opinião do jornalista, os gabinetes de imprensa, a agência de informação e um porta-voz não chega, se bem que já é uma grande ajuda. Devido a esta falha muitas vezes a instituição Igreja não consegue controlar tudo o que é dito. A criação de jornalistas especializados em religião, para Paulo Agostinho não se justifica, uma vez que atualmente a Igreja não oferece matéria noticiosa ao ponto de ter alguém em permanência a tratar os assuntos religiosos, se bem que seria vantajoso, uma vez que para outros assuntos também há jornalistas especializados. Todos estes aspetos, fazem com que abordar a temática Igreja seja algo complexo, no sentido em que os responsáveis religiosos não se esforçam para dialogar através dos meios de comunicação social, não elaboram uma estratégia mediática, quando seria importante uma tomada de decisão relativamente a certos assuntos, o que tem como consequência a relativização por parte dos *media*. Paulo Agostinho afirma que os assuntos que envolvem a Igreja devem ser abordados e tratados como os demais, com a particularidade de ser difícil confrontar as fontes. A situação Portuguesa é muito diferente da situação no Vaticano, onde há a facilidade de obter reações. Por seu turno, o jornalista considera que é mais fácil encontrar fontes que digam ”mal” do que fontes que digam “bem”, e as fontes “são o fundamento” da notícia. Mas as culpas desta falha de comunicação são igualmente atribuídas aos jornalistas que ao longo da sua formação são treinados para ser “antidogmático” e duvidar de tudo, e o conceito de religião é defrontante com aquilo a que o jornalista está treinado. Por isso para tratar dos assuntos que envolvam religião, independentemente do credo professado, é importante ter uma certa sensibilidade, mas isso acaba por conferir algum preconceito à restante redação. As fontes são a base do trabalho jornalístico porque é a partir do seu contacto que se inicia o trabalho de pesquisa para conceber uma notícia. As fontes contactam o jornalista a denunciar algo, ou através de comunicados. Há uma relação de confiança em todo este processo. No entanto Paulo Agostinho ressalva que todas as fontes têm interesse em que determinada informação seja tornada pública, seja por motivos pessoais ou institucionais. Atualmente, na opinião do jornalista “nunca o mundo precisou tanto de jornalistas e pagou tão pouco por eles”, porque estamos numa conjuntura onde há uma enorme facilidade de obter informação, muito devido à internet e às redes sociais. As pessoas olham cada vez mais para a informação numa perspetiva de lazer, e não como um bem comum. Paulo Agostinho considera que não há uma relação entre os *media* e a Igreja, sobretudo porque as redações não encaram a religião como uma área da sociedade, sobretudo pela sua importância na sociedade. Depois, por outro lado a

Igreja também não mostra uma grande abertura e isso leva a que não haja uma relação definida enquanto nenhuma das partes mudar aquilo que está mal.

Alexandra Serôdio, jornalista no Jornal de Notícias desde 1995, está destacada para a área de Leiria. Escreve muito sobre religião devido à proximidade com Fátima, mas também pela experiência pessoal. Teve uma educação Católica completa e isso permite conhecer a Igreja e a sua linguagem muito própria, o que é bastante vantajoso, porque permite que Alexandra consiga escrever de uma forma mais clara, mas não influencia a nível noticioso, porque o jornalista tem de ser isento. A jornalista considera estes conhecimentos importantes, porque ao longo dos anos tem presenciado vários erros, muito por falta de conhecimento, e um jornalista para executar bem o seu trabalho tem de ter o mínimo de conhecimentos do tema que está a abordar. A sua agenda é dividida entre os trabalhos intemporais e os trabalhos em agenda diária. Há certos eventos no seio da Igreja que Alexandra sabe que são importantes e tem de estar presente, como é o caso da Conferência Episcopal. Por outro lado, há outros trabalhos que vão aparecendo e exigem preparação adequada, fala-se por exemplo do Consistório. Atualmente as atenções viram-se para o modo como a Igreja e as respetivas estruturas e instituições estão a responder à crise. Alexandra Serôdio tem conhecimentos no que toca a religião, no entanto considera que uma das principais dificuldades encontradas ao falar da Igreja é linguagem que por vezes não é perceptível, e se um jornalista não percebe, não pode escrever corretamente a notícia. Outro obstáculo que a jornalista encontra prende-se com o facto de nem sempre se conseguir encontrar alguém que esteja disposto a prestar informações, ou seja nem sempre é fácil encontrar fontes. No entanto há uma ou duas exceções. Neste sentido, é importante ter algum cuidado ao abordar este tema, como acontece com outras áreas temáticas, porque “na religião, existem regras, temos de perceber daquilo que falamos para podermos escrever de forma ao leitor poder perceber”. É fundamental ler, estar dentro dos assuntos, preparar-se. Mas fora essa preparação, é importante ter alguma sensibilidade para perceber o que é notícia ou não, porque em termos concretos, uma frase dita por um cardeal, é mais importante que alguma coisa proferida por um padre, e é fundamental compreender estas situações. Alexandra aborda esta temática com naturalidade e isenção e rigor. No entanto por vezes há situações que causam “atrito” porque a Igreja “é uma estrutura que não está habituada a ser criticada. Anteriormente, devido a alguns exageros a Igreja fechou-se, mas neste momento esta jornalista considera que a Igreja nunca teve tantos jornalistas a tentar falar com os seus membros e quase que é necessário “pedir de joelhos para falarem”. No entanto, esta posição já apresenta melhorias, se bem que falta uma melhor

gestão da comunicação. Esta situação, é resultante de atos quer por parte dos jornalistas, quer por parte de membros da Igreja. Alexandra Serôdio, considera que para se abordar corretamente um assunto, é fundamental perceber-lo, e é possível fazer notícias acerca de tudo, desde que haja os “respetivos cuidados”. Estes cuidados não são proteger determinadas personalidades, porque o trabalho jornalístico tem de ser isento, tem de haver rigor. No que se refere às fontes de informação, conseguem encontrar-se, se bem que o problema da linguagem anteriormente referido é uma dificuldade. Encontram-se fontes porque há um conjunto de pessoas a pensar a Igreja e a falar disso e com quem se estabelece boas relações, porque as fontes influenciam diretamente a notícia. As fontes com origem no seio religioso são algo prudentes, mas as coisas tem melhorado, mas ainda não é fácil, porque ainda há um receio da Igreja em relação aos jornalistas. Mas esta gestão da comunicação podia ser melhorada, porque a Igreja poderia passar a mensagem que quisesse. Por isso ainda é um tema complicado pela sua linguagem e acessibilidade. Mas a tendência é para melhorar com o tempo na opinião da Jornalista Alexandra Serôdio.

Secundino Cunha, está no *Correio da Manhã* desde 1992, trabalha a questão religiosa, mas não em exclusividade “porque a Igreja não tem matéria e sobretudo espaço noticioso que obrigue a uma pessoa em exclusividade”. Este jornalista teve uma educação Católica completa, inclusive, foi seminarista durante 7 anos, mas isso não influencia o seu modo de trabalhar, a sua conduta tem de ser imparcial. Se há uma notícia pouco comoda para a Igreja, não pode deixar de ser tornada pública só porque se é Católico. O serviço informativo é para com o leitor, por isso a verdade tem de estar acima de tudo. Agenda é composta por eventos marcados, outras notícias que vão surgindo e outras que ainda surgem através da investigação. Secundino, considera que a maior dificuldade deste tema é a incompreensão. Incompreensão por parte dos membros da Igreja, que consideram que os jornalistas não dão a importância que seria desejada a determinados assuntos. Por outro lado há uma incompreensão por parte das redações. O rigor tem de ser uma prioridade, e quem fala sobre Igreja deve estudar cuidadosamente os assuntos, para perceber a orgânica desta instituição, “deve ter conhecimento, rigor deontológico que nestas e noutras coisas se deve ter para dizer a verdade”. Outra das dificuldades encontradas é o confronto de fontes, encontrar alguém que fale, sobretudo quando se trata de entidades eclesiais. A Igreja como é normal, tende a não dar valor a questões menos positivas que vão acontecendo. Isto acontece, não pela complexidade da instituição em si, mas muitas vezes por dificuldades de agenda. Secundino Cunha considera que nem sempre a Igreja está preparada para falar com os jornalistas, porque nem sempre

“está preparada para a realidade”, era necessário por vezes “descer do altar para o mundo”. Mas o jornalista considera que nos últimos anos tem sido feito um esforço para mudar esta situação. A nível social, a Igreja tem prestado um grande apoio às populações, sobretudo em época de crise. Mas isso não invalida a falta de preparação para as abordagens jornalísticas, o que pontualmente cria alguns conflitos. A Igreja é um meio muito tradicionalista com algumas dificuldades perante mudanças, nos últimos anos o clima tem sido mesmo de mudança, mas há coisas que se mantêm, como por exemplo o porta-voz da Igreja ser membro da Igreja (atualmente um padre). Contudo, não há facilidade em encontrar fontes, mas se houver alguns conhecidos a tarefa torna-se mais fácil, e normalmente não é ninguém com cargos importantes na hierarquia. Segundo Secundino Cunha, as fontes são fundamentais como em qualquer outra área, porque se não fossem as fontes não se conseguiam fazer as notícias. É importante estabelecer uma relação de confiança mútua. Na opinião deste jornalista não há uma relação, nem tem de haver, entre os *media* e a Igreja, porque é um assunto como outro qualquer.

Ana Isabel Costa, é jornalista da Antena 1 desde 1994. Tem funções como correspondente em Leiria. Devido à proximidade com Fátima, acaba por escrever muito sobre religião. Ao longo da vida teve formação Católica, e foi correspondente da Rádio Renascença, o que lhe dá alguns conhecimentos a nível de religião. Esta jornalista considera que “existe muita gente que no nosso meio jornalístico, que não tem grande formação nesta área.” Por isso na sua opinião, a formação cristã que recebeu, hoje em dia é fundamental para compreender o funcionamento da estrutura da Igreja e os seus limites. A linguagem própria que a Igreja emprega é outro dos aspetos que a educação lhe permite compreender, e perceber o seu uso. A agenda é composta por eventos normais, como reuniões e peregrinações. Mas na conjuntura de crise que vivemos, as pessoas têm um grande “apego” à religião, e as palavras de conforto proferidas pelos membros da Igreja, são importantes. Mas para ser notícia, depende muito de quem fala, porque se foi algo dito por um bispo é mais importante que se for dito por um padre por exemplo. Ana Costa, afirma que falar deste tema por vezes ainda é complicado, porque “a Igreja tem uma linguagem muito hermética, uma linguagem muito própria, às vezes um bocadinho desfasada no tom e no conteúdo da nossa própria realidade”. O jornalista tem como objetivo levar a mensagem às pessoas de uma forma simplificada e perceptível. Nesses momentos é importante afastar um bocadinho da fé, a fim de se fazer um trabalho o mais isento possível. Ana Isabel não considera este tema um tema comum, devido a todas as condicionantes referidas anteriormente, “é um universo muito próprio”, onde é necessário

conhecer e ter alguns cuidados. Por outro lado é importante haver rigor e cuidado na forma como são abordadas as matérias jornalísticas, independentemente do assunto. Na rádio, o jornalista é os “olhos das pessoas”, daí a importância de refletir o emprego das palavras “subentender o que está escrito e tentar analisar para depois filtrar aquilo que é mais importante.” Ana Isabel Costa, já trabalha nesta área alguns anos, e isso permite conhecer as pessoas e as estruturas. Assim, afirma que não sente grandes dificuldades, mas anteriormente era difícil, agora o acesso é mais simplificado. A jornalista considera que sempre fez um trabalho verdadeiro e respeitoso, e isso possibilita que a informação lhe seja facilitada, bem como o acesso às fontes que têm de se ir cultivando. As fontes tentam sempre influenciar aquilo que é dito, mas cabe aos jornalistas estarem atentos e não se deixarem manipular. Atualmente Ana considera que o jornalismo atravessa uma fase difícil devido às pressões, às questões económicas, às más condições de trabalho mas sobretudo devido ao que estas questões originam: falta de aprofundamento da informação. Muitos jornalistas não têm liberdade de escolha do seu ângulo de notícia, e já vão para uma conferência de imprensa com a notícia “feita”. Esta jornalista julga que a relação entre os *media* e a Igreja é uma relação pacífica, porque há um conjunto de jornalistas que trata o tema, e isso confere alguma confiança entre as duas partes, se bem que pontualmente essa confiança é quebrada.

Manuel Vilas Boas é jornalista da TSF desde 1988. Integra a Sociedade Missionária da Boa Nova, é sacerdote. Quis ser jornalista para poder “denunciar” as “situações miseráveis” que possam existir dentro da Igreja. Outra das suas preocupações passava por querer “perceber como comunicar dentro da Igreja”, porque é um meio muito específico, com uma cultura e linguagem muito própria e “era preciso comunicar em profundidade o que o evangelho tem”. Para isso, este sacerdote considera que é fundamental adaptar a comunicação ao jornalismo mais moderno com meios bastante avançados. O dia-a-dia enquanto jornalista religioso é semelhante ao quotidiano de outros profissionais especializados em outras áreas. Neste sentido, o jornalista religioso merece ser respeitado como os restantes pares, porque muitas vezes as próprias redações desprezam esta temática informativa. Manuel por estar ao serviço de um órgão não confessional tem de abordar “temáticas que sejam do interesse dos próprios ouvintes”, porque nem tudo o que se passa no seio religioso integra a agenda da TSF. Portugal é um país maioritariamente Católico, mas este sacerdote ainda verifica uma “ignorância em volta da religião”, por isso abordar esta temática “é caminhar um bocado por cima de brasas”. Isto verifica-se porque as pessoas não estão devidamente informadas e os “meios académicos são anticlericais”, o que faz com que os jornalistas comecem as suas

atividades sem saber nada sobre o meio religioso. Manuel afirma que os jornalistas não têm de ser Católicos, mas seria importante terem umas noções daquilo que se trata, neste caso seria a informação necessária a desempenhar o trabalho com rigor porque é uma área sensível, muito pelos preconceitos ainda existentes. Manuel Vilas Boas está numa posição algo delicada porque é padre, e ao mesmo tempo jornalista e isto é “um binómio difícil de combinar. No entanto considera que por vezes isto é incómodo, uma vez que opta pela “verdade jornalística”. Quando desempenha as suas funções enquanto jornalista faz o seu trabalho com rigor e isenção. Neste caso, o ser padre ajuda a ter um conhecimento aprofundado acerca da Igreja. No entanto o ser jornalista e padre nem sempre é compatível porque quando te tenta fugir à tradição, ou abordar as coisas de um angulo diferente, corre-se o risco de ser mal interpretado, porque a instituição e as regras são muito pouco flexíveis. Nesta linha, para haver conformidade, os jornalistas deveriam receber formação em religião como recebem noutras áreas, “é importantes os jornalistas saberem daquilo que falam”, o comunicador, ao dar uma informação tem de dominar o assunto e a respetiva linguagem. Para este sacerdote, a “ Igreja confundiu propriedades dos meios de comunicação social com comunicação”, ou seja, os intervenientes religiosos têm uma grande dificuldade em comunicar, mas sobretudo em gerir as vias pelas quais podem fazê-lo, “é preciso adequar a comunicação a quem nos ouve, a quem nos vê e no tempo em que estamos”. Para que o processo informativo corra proveitosamente, seria fulcral haver colaboração por parte das fontes, mas o que se verifica é um certo “medo”. Estes medos são consequência de algumas más experiências. Para reverter isso, Manuel integra um grupo de jornalistas, quem têm tentado desenvolver um trabalho isento e rigoroso como objetivo de dar credibilidade ao jornalismo junto da Igreja.

António Marujo é jornalista do *Público* desde 1989, para de tratar os assuntos religiosos. A Igreja sempre foi um tema que lhe despertou interesse, e assim, foi uma maneira de conseguir ligar dois mundos: a religião e o jornalismo. Ao ser convidado a integrar a equipa do *Público*, já foi com o objetivo de tratar maioritariamente tudo o que se relaciona com a religião, e ao longo dos anos o trabalho foi aumentando porque há muita coisa para fazer acerca deste assunto. António teve uma educação cristã, isso permite conhecer a “linguagem deste universo” e deste modo “manejar melhor os conhecimentos, a informação e o sentido das coisas”. Por outro lado, esta educação não manipula o modo como o jornalista desempenha a sua função, até porque é importante separar as coisas, no entanto há um código ético que apela a valores, com os quais António concorda “praticamente a 100% que

coincidem muito com as minhas convicções enquanto crente”. Assim, estes dois conceitos nunca entraram em choque ao longo das suas vivências enquanto profissional e enquanto crente, o que leva a que António na sua profissão aborde esta temática como se de outra matéria se tratasse, desde que haja rigor e honestidade na forma como se transmite a informação. Para este jornalista a religião independentemente do credo (porque há outras religiões além do Catolicismo a ganhar expressão em Portugal como é o caso do Budismo e do Judaísmo) é um tema que levanta dificuldades tanto como outros temas, mas com a salvaguarda de ter uma linguagem muito própria como há noutros casos. Para estar no exercício pleno das suas funções o jornalista deve preparar-se para não haver equívocos. Para António Marujo, considera que a situação do jornalismo religioso evoluiu favoravelmente em Portugal, no entanto a evolução poderia ter sido ainda maior caso houvesse esforço quer por parte da Igreja quer por parte dos jornalistas. Inúmeras vezes, as entidades da Igreja ainda têm algum receio do trabalho dos jornalistas, por outro lado os profissionais da comunicação ainda têm algum preconceito em relação às questões da religião. Noutros países, o jornalista verifica que há um largo número de jornalistas a trabalhar estes assuntos da Igreja e Portugal ainda está um pouco longe disso devido a medos e preconceitos. No que toca a fontes, é fácil encontrar desde que haja perceção da importância do trabalho desenvolvido, porque é importante “perceber o fenómeno religioso enquanto dinâmica” porque aos poucos as pessoas estão a desligar-se da Igreja enquanto instituição e a viver a fé de uma forma individual. Para António Marujo, as fontes podem fornecer informações importantes para perceber estas “dinâmicas sociais”. Nesse sentido é importante escolher bem as fontes e estabelecer boas relações, porque estas acabam por influenciar direta e indiretamente as notícias. Para que o jornalismo religioso seja bem-sucedido futuramente, é fundamental deixar de lado os medos e os preconceitos. É necessário conhecer as pessoas, as linguagens, de modo a que haja cooperação e rigor. Enquanto quer jornalistas, quer entidades eclesiais, não compreenderem a verdadeira importância deste trabalho será difícil haver melhorias.

Joaquim Franco, está na SIC desde 2000 onde trabalha frequentemente a temática religiosa. O interesse pelos assuntos da Igreja é anterior ao percurso profissional, uma vez que teve uma educação cristã que tentou aprofundar ao longo da vida, e tentou conciliar com o percurso profissional porque “é importante não estar apenas preocupado em fazer perguntas para ter respostas, mas ter capacidade de fazer perguntas às respostas que julgamos ter”. Este jornalista considera que “há uma grande falta de cultura religiosa” o que causa uma certa dificuldade em por os temas da Igreja em agenda, se bem que esta situação em Portugal tem

vindo a sofrer mudanças. Para Joaquim Franco, o fenómeno religioso é abordado quer enquanto algo misterioso quer pelo lado institucional, mas em ambos há o “drama do enquadramento da linguagem”. Este jornalista considera que esta matéria é de difícil interpretação “numa sociedade cada vez mais secularizada”, e as entidades eclesiásticas e os responsáveis da Igreja são “hermeticamente fechados” quer a nível de linguagem quer a nível do próprio ambiente, sem terem noção da importância que o jornalismo tem e é um “compromisso de cedências”. Esta situação conduz a alguns equívocos. Para que esta situação seja ultrapassada, seria importante haver cedências quer por parte dos *media*, quer por parte da Igreja, sobretudo estes últimos deveriam adaptar-se “às contingências das novas linguagens e dos novos princípios da comunicação veloz e global.”. Joaquim Franco insere nesta problemática a dificuldade em encontrar fontes de informação, que considera serem “a mais importante força de manipulação”. Para este jornalista há uma relação definida entre os meios de comunicação social e a Igreja, no entanto para que esta ligação seja eficaz é importante que haja algumas cedências mas sobretudo compreensão mútua, porque tanto a Igreja como os *media* têm a sua missão que maioritariamente não coincide, mas também não podem ser completamente contrárias porque “o fenómeno religioso é jornalisticamente importante”.

Luís Martins é fonte anónima sobre matérias da Igreja com uma vasta experiência de 20 anos. Desde sempre teve gosto por comunicar e foi criando boas relações com os jornalistas. Fornece informação com o objetivo de “auxiliar colegas na credibilização de um dado noticioso” porque todos os dados que dá são seguros e verdadeiros, e isto permite ajudar a criar um jornalismo de confiança, sem querer influenciar a opinião pública. Considera que trabalhar com informação religiosa não é fácil porque “é uma área que poucas pessoas conhecem bem”. Neste sentido, é fundamental ter algumas cautelas como estar seguro da informação que se vai transmitir. Para conseguir recolher essa matéria é importante conhecer o ambiente circundante e as pessoas. Essa convivência e movimentação são uma “mais-valia” para se conseguir um bom trabalho. Quando surge alguma informação, o próximo passo é apurar se é verdade ou não, e conseguir mais pormenores. É um trabalho de risco na opinião de Luís Martins, mas há que ser perspicaz. Como já foi referido anteriormente a relação com os jornalistas tem de ser boa, ao ponto de se criar uma confiança que permite um conhecimento mútuo e cumplicidade. Geram-se rotinas e códigos entre jornalistas e fontes, porque as fontes são a chave da notícia, e neste caso não é revelada a origem da informação. Luís é Católico e reconhece que há “um longo caminho a trilhar” porque os intervenientes do

meio religioso não estão preparados para a exposição mediática, mas mesmo assim ao longo dos anos tem melhorado.

João Figueira, é professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra na área do jornalismo e assessoria. É também sócio da Ideias Concertadas, desde 2006. Para João Figueira, um assessor de imprensa tem como principal tarefa estabelecer uma relação entre a organização que representa e os meios de comunicação social. Neste sentido, o assessor, tem como objetivo “facilitar” a ligação, como intuito de “responder às necessidades” dos *media*. Esta ponte de ligação que se cria, permite que haja uma sensibilização dentro das organizações com o propósito de disponibilizar a informação necessária à atividade jornalística. Assim, o trabalho do assessor passa fundamentalmente por “canalizar informações” para os *media*, mas também “facilitar o acesso” da organização aos meios de comunicação social. Para João Figueira, um assessor de imprensa pode ser considerado uma fonte de informação e “deve ser citado como tal”, porque quando o assessor disponibiliza uma informação, é considerada fidedigna. Deste modo, a utilização deste tipo de fontes “é decisivo” porque, os jornalistas e as fontes nem sempre têm a mesma ideia a respeito de uma notícia, no entanto ambos são partes interessadas nessa informação. O jornalista no desenvolvimento do seu trabalho tem de consultar várias fontes, que conferem ao seu trabalho diversas perspetivas, uma vez que “a natureza da informação jornalística são as fontes de informação”. João Figueira considera as fontes fundamentais, porque são elas que conferem credibilidade à informação. No entanto à que ter em conta que nem todas as fontes têm o mesmo grau de importância. A escolha de fontes oficiais, é uma situação que se verifica sobretudo com o chamado “jornalismo de referência”. Há instituições que estão de facto preparadas e organizadas para dar informações aos meios de comunicação social. No que toca ao jornalismo religioso, João Figueira considera que a Igreja é uma instituição “muito fechada” e isso dificulta um pouco a relação com os *media*. No entanto há algumas entidades, nomeadamente bispos que pontualmente até se mostram disponíveis a colaborar com os meios de comunicação social. Para trabalhar este tema é fundamental conhecer a instituição e em Portugal não há “tradição” de abordar Igreja. É uma área muito específica, onde nem todos os jornalistas se sentem à vontade para trabalhar. João Figueira alerta para o facto de quando se fala em religião, sermos remetidos para a Igreja Católica e hoje em dia há outras religiões a ganhar expressão em Portugal e seria importante haver essa diversidade nos *media*. Mas no que toca à Igreja Católica, há algum “resguardo”, o que implica alguma indisponibilidade para o meio mediático. Contudo, há que ter atenção que cada caso é um caso, e cada pessoa é

única, e se há entidades que preferem permanecer com algumas reservas, há outras que até colaboram com os meios de comunicação social. Em suma para João Figueira, seria importante perceber a importância da educação Católica no seguimento do trabalho dos jornalistas.

Ana Guedes é assessora de imprensa na Conclusão desde 2011. É assessora na área da educação e formação, mas tem uma ligação e conhecimentos no que toca a religião. Ana considera que é importante ter atenção como é trabalhada a notícia consoante o tema e o respetivo público-alvo. O assessor de imprensa acaba por ser muitas vezes uma fonte jornalística. Esta assessora considera que o jornalismo se encontra “numa fase de mudança”, e para este processo muito tem contribuído o desenvolvimento das “redes sociais”, que ajudam a divulgação das informações o que permite um acesso mais facilitado à informação.

Leopoldina Simões é desde 2004 assessora de imprensa e responsável pelo centro de comunicação social do Santuário de Fátima. Enquanto fonte jornalística tem como objetivo transmitir de forma verdadeira informações acerca da vida do santuário, com o intuito de ajudar os jornalistas a desenvolverem as suas notícias. Enquanto assessora de uma instituição, prima também por manter a “imagem da Santuário de Fátima na opinião pública como entidade credível e séria e, sempre que necessário, desmistificar eventuais ideias erradas pré-concebidas”. Com esta ação pretende-se chegar ao público e influenciar no “sentido positivo do termo”. Leopoldina é abordada para facultar informações sobre o Santuário e sobre a história de Fátima, mas esporadicamente também lhe são solicitadas informações sobre a Igreja de grosso modo, assim como informações acerca da “realidade civil local ou regional”. Para estar a par da atualidade, é desenvolvido diariamente um trabalho de “seleção, elaboração e manutenção de conteúdos”. Relativamente ao santuário, Leopoldina considera as peregrinações importantes porque ao fim ao cabo trazem sempre algo de novo, seja no programa ou nos seus intervenientes. Para que este trabalho seja bem conseguido, é fundamental ter sempre presentes valores como “verdade, isenção e rigor, histórico e informativo”. O seu acompanhamento constante de reuniões, celebrações, e eventos, além dos contactos com os serviços e a respetiva chefia, permitem que esteja informada e apta a dar resposta às solicitações. As relações que esta assessora mantém com os jornalistas são cordiais e de partilha, pois o trato é fácil, muito pela credibilidade que o Santuário de Fátima tem, e como são quase sempre os mesmos a fazerem as notícias a relação torna-se fácil. Este contacto é feito via telefone, internet ou até mesmo pessoalmente, no caso dos jornalistas Portugueses. No caso dos jornalistas estrangeiros, a primeira ligação é sempre via internet.

Leopoldina já teve situações complicadas, onde a informação precisava previamente de uma autorização por parte da chefia antes de ser divulgada. Na sua opinião, o jornalismo atualmente passa grandes dificuldades devido aos constrangimentos económicos. No que toca à relação entre os *media* e a religião, Leopoldina considera que a “Igreja esteve sempre um passo à frente em matéria de comunicação social”, no sentido de tentar que haja um relacionamento positivo. Em relação a Portugal, “há um compromisso dos responsáveis da Igreja” com o crescimento dos meios de comunicação social, que é visível na criação de gabinetes de imprensa, presença na internet e fornecimento de bibliografia. Leopoldina salienta também de modo positivo a formação das pessoas que pertencem à Igreja.

A fim de clarificar as diferentes posições tomadas, foi elaborado os quadros sinopse que a seguir se apresentam:

Jornalista	Principais conclusões da entrevista
Alexandra Serôdio (JN)	A educação Católica permite conhecer a Igreja e a sua linguagem muito própria. Uma das principais dificuldades encontradas ao falar da Igreja é linguagem que por vezes não é perceptível, e se um jornalista não percebe, não pode escrever corretamente a notícia. Outro obstáculo que a jornalista encontra prende-se com o facto de nem sempre se conseguir encontrar alguém que esteja disposto a prestar informações, nem sempre é fácil encontrar fontes. Falta uma melhor gestão da comunicação por parte do clero. Esta situação, é resultante de atos quer por parte dos jornalistas, quer por parte de membros da Igreja. A Igreja “é uma estrutura que não está habituada a ser criticada”. As fontes com origem no seio religioso são algo prudentes. Ainda há um receio da Igreja em relação aos jornalistas
Ana Isabel Costa (Antena 1)	A formação cristã que recebeu, hoje em dia é fundamental para compreender o funcionamento da estrutura da Igreja e os seus limites. Na conjuntura de crise, as pessoas têm um grande “apego” à religião, e as palavras de conforto proferidas pelos membros da Igreja, são importantes. Mas para ser notícia, depende muito de quem fala, porque se foi algo dito por um bispo é mais importante que se for dito por um padre. “A Igreja tem uma linguagem muito hermética, uma linguagem muito própria, às vezes um bocadinho desfasada no tom e no conteúdo da nossa própria realidade”. “É um universo muito próprio”, onde é necessário conhecer e ter alguns cuidados. O acesso as fontes agora é mais simplificado. As fontes tentam sempre influenciar aquilo que é dito, mas cabe aos jornalistas estarem atentos e não se deixarem manipular.
António Marujo (Publico)	O jornalismo religioso evoluiu favoravelmente em Portugal, no entanto a evolução poderia ter sido ainda maior caso houvesse esforço quer por parte da Igreja quer por parte dos jornalistas. Inúmeras vezes, as entidades da Igreja ainda têm algum receio do trabalho dos jornalistas, por outro lado os profissionais da comunicação ainda têm algum preconceito em relação às questões da religião. É importante “perceber o fenómeno religioso enquanto dinâmica”. Para que o jornalismo religioso seja bem-sucedido futuramente, é fundamental deixar de lado os medos e os preconceitos. É necessário conhecer as pessoas, as linguagens, de modo a que haja cooperação e rigor. Enquanto quer jornalistas, quer entidades eclesiais, não compreenderem a verdadeira importância deste trabalho será difícil haver melhorias.

Joaquim Franco (SIC)	“Há uma grande falta de cultura religiosa” o que causa uma certa dificuldade em por os temas da Igreja em agenda. O fenómeno religioso é abordado quer enquanto algo misterioso quer pelo lado institucional, mas em ambos há o “drama do enquadramento da linguagem”. Esta matéria é de difícil interpretação “numa sociedade cada vez mais secularizada”, e as entidades eclesiais e os responsáveis da Igreja são “hermeticamente fechados” quer a nível de linguagem quer a nível do próprio ambiente, sem terem noção da importância que o jornalismo tem e é um “compromisso de cedências”.
Manuel Vilas-Boas (TSF)	É importante “perceber como comunicar dentro da Igreja”, porque é um meio muito específico, com uma cultura e linguagem muito própria e “era preciso comunicar em profundidade o que o evangelho tem”. É fundamental adaptar a comunicação ao jornalismo mais moderno. Muitas vezes as próprias redações desprezam este tema. Há “ignorância em volta da religião”, por isso abordar esta temática “é caminhar um bocado por cima de brasas”. Isto verifica-se porque as pessoas não estão devidamente informadas e os “meios académicos são anticlericais”. É uma área sensível, muito pelos preconceitos ainda existentes. Os jornalistas deveriam receber formação em religião como recebem noutras áreas. “A Igreja confundiu propriedades dos meios de comunicação social com comunicação”.
Paulo Agostinho (Agencia Lusa)	Num órgão não confessional, o tema religião é igual a outro assunto. Há poucos jornalistas a trabalhar o tema e por seu turno, a Igreja não estar preparada para colaborar com os jornalistas e isso leva a alguns erros de comunicação. Os gabinetes de imprensa, a agência de informação e um porta-voz não chegam. Todas estes aspetos, fazem com que abordar a temática Igreja seja algo complexo, no sentido em que os responsáveis religiosos não se esforçam para dialogar através dos meios de comunicação social, não elaboram uma estratégia mediática, quando seria importante uma tomada de decisão relativamente a certos assuntos, o que tem como consequência a relativização por parte dos <i>media</i> . É difícil confrontar as fontes. As culpas desta falha de comunicação são igualmente atribuídas aos jornalistas que ao longo da sua formação são treinados para ser “antidogmáticos” e duvidar de tudo, e o conceito de religião é defrontante com aquilo a que o jornalista está treinado. Todas as fontes têm interesse em que determinada informação seja tornada pública, seja por motivos pessoais ou institucionais.
Secundino Cunha (CM)	O serviço informativo é para com o leitor, por isso a verdade tem de estar acima de tudo. A maior dificuldade deste tema é a incompreensão. Incompreensão por parte dos membros da Igreja, que consideram que os jornalistas não dão a importância que seria desejada a determinados assuntos. Por outro lado há uma incompreensão por parte das redações. O rigor tem de ser uma prioridade, e quem fala sobre Igreja deve estudar cuidadosamente os assuntos, para perceber a orgânica desta instituição. Outra das dificuldades encontradas é o confronto de fontes, encontrar alguém que fale, sobretudo quando se trata de entidades eclesiais. Nem sempre a Igreja está preparada para falar com os jornalistas.

Quadro 3 - Síntese das principais conclusões das entrevistas a jornalistas

Fonte Jornalística	Principais conclusões da entrevista
Luís Martins	Fornecer informação com o objetivo de “auxiliar colegas na credibilização de um dado noticioso”. Esta ação ajuda a criar um jornalismo de confiança, sem querer influenciar a opinião pública. Considera que trabalhar com informação religiosa não é fácil porque “é uma área que poucas pessoas conhecem bem”. Geram-se rotinas e códigos entre jornalistas e fontes, porque as fontes são a chave da notícia, e neste caso não é revelada a origem da informação.
João Figueira	O assessor, tem como objetivo “facilitar” a ligação, como intuito de “responder às necessidades” dos <i>media</i> . O trabalho do assessor passa fundamentalmente por “canalizar informações” para os <i>media</i> , mas também “facilitar o acesso” da organização aos meios de comunicação social. que “a natureza da informação jornalística são as fontes de informação”. As fontes conferem credibilidade à informação. Para trabalhar este tema é fundamental conhecer a instituição e em Portugal não há “tradição” de abordar Igreja. É uma área muito específica, onde nem todos os jornalistas se sentem à vontade para trabalhar. Na Igreja Católica, há algum “resguardo”, o que implica alguma indisponibilidade para o meio mediático. Seria importante perceber a importância da educação Católica no seguimento do trabalho dos jornalistas.
Ana Guedes	É importante ter atenção como é trabalhada a notícia consoante o tema e o respetivo público-alvo. O jornalismo encontra-se “numa fase de mudança”, e para este processo muito tem contribuído o desenvolvimento das “redes sociais”, que ajudam a divulgação das informações o que permite um acesso mais facilitado à informação.
Leopoldina Simões	Enquanto assessora de uma instituição, prima também por manter a “imagem da Santuário de Fátima na opinião pública como entidade credível e séria e, sempre que necessário, desmistificar eventuais ideias erradas pré-concebidas”. É desenvolvido diariamente um trabalho de “seleção, elaboração e manutenção de conteúdos”. As relações que esta assessora mantém com os jornalistas são cordiais e de partilha, pois o trato é fácil, muito pela credibilidade que o Santuário de Fátima tem, e como são quase sempre os mesmos a fazerem as notícias a relação torna-se fácil. A “Igreja esteve sempre um passo à frente em matéria de comunicação social”, no sentido de tentar que haja um relacionamento positivo. Em relação a Portugal, “há um compromisso dos responsáveis da Igreja” com o crescimento dos meios de comunicação social, que é visível na criação de gabinetes de imprensa, presença na internet e fornecimento de bibliografia. É positivo a formação das pessoas que pertencem à Igreja.

Quadro 4 - síntese das principais conclusões de entrevistas a fontes jornalísticas

3. Jornalistas em ação

A observação consistiu em acompanhar a peregrinação de 12 e 13 de maio de 2012 num ângulo mediático. Foi um acontecimento de cobertura temática uma vez que é hábito um certo grupo de jornalistas acompanharem com regularidade esta peregrinação devido à sua importância para o mundo mediático. A peregrinação de maio é muito relevante e junta largas dezenas de jornalistas, inclusive alguns dos entrevistados deste trabalho académico. Assim para além do seu testemunho, poderei também tirar ilações da prática, e em tempo real presenciar interação entre os jornalistas e a fonte – neste caso os envolvidos na peregrinação.

Uns dias antes da peregrinação, foi enviado para as redações um comunicado às redações com todas as informações necessárias aos profissionais (horários, programa, locais), a convidar a uma visita ao túnel de requalificação da Avenida José Alves Correia da Silva, bem como uma informação a contextualizar a nova exposição a ser inaugurada.

A sala de imprensa, nesta peregrinação voltou à antiga Capela do Reconciliação – Colunata sul - onde foi também espaço de imprensa em 2000, aquando da vinda de sua santidade o Papa João Paulo II. Este lugar foi novamente opção por ser espaçoso e ser possível criar boas condições de trabalho. Nesta ocasião, procedeu-se pela primeira vez a um sistema partilhado de documentação através da plataforma *online Dropbox*. Inicialmente foi fornecido as indicações para aceder ao sistema *wireless* que permitirá o acesso à internet. O endereço e a *password* da *Dropbox* são também facilitados pela Leopoldina Simões – assessora do santuário – e pelo Rui Mendes, um funcionário que está a prestar apoio. Estão credenciados para evento aproximadamente 200 jornalistas, divididos por mais de 50 meios de comunicação social diferentes. Para responder às necessidades destes profissionais de informação foram criadas condições de trabalho com som, imagem e internet. Há na sala também uma estante onde temos a possibilidade de consultar os jornais diários e alguma documentação disponibilizada pelo Santuário de Fátima (brochuras de futuros eventos e documentos relativamente à peregrinação em papel). À chegada é fornecido um guião com toda a informação importante (tema, horários de celebrações, horários dos serviços, nomes dos presidentes das celebrações, informações musicais, informações litúrgicas, personalidades do protocolo presentes, informações sobre transmissão em direto, número de peregrinações). A sala era também muito confortável, o que conferia um ambiente agradável e propício à partilha e convívio. Para auxiliar a captação de imagem, numa zona vedada, fizeram uma varanda, onde se tinha uma visão total da esplanada bem como do altar.

Dia 12, à medida que as horas vão passando, os jornalistas no decorrer do trabalho colocam algumas questões à Leopoldina. Ela ia ajudando e respondendo consoante podia. O padre Cristiano Saraiva, também ia passando para se certificar que tudo estava a correr bem. Numa dessas visitas, uma jornalista abordou o administrador do santuário com o objetivo de saber informações relativamente a contas. De forma prudente, o padre Cristiano não comentou essa questão por ser um momento inoportuno para tal, mas que a seu tempo essa questão iria ser esclarecida. No entanto disponibilizou-se para prestar esclarecimentos aos jornalistas referente a dados da peregrinação. Na varanda improvisada, o administrador do santuário deu uma breve conferência de imprensa onde abordou dados relativamente ao

alojamento, parques, indicações úteis, mas a informação jornalisticamente mais importante, foi que naquela peregrinação estavam a ser batidos records de queimadas de velas no tocheiro.

Na conferência de imprensa oficial, a Leopoldina foi recebendo os jornalistas. Havia as condições necessárias para os jornalistas receberem som, uma vez que era num auditório já preparado para este tipo de situações. Falou o Sr. Reitor, o padre Carlos Cabecinhas sobre algumas das atividades do santuário (licenciatura em Ciências Religiosas, os simpósios e conferências sobre o tema do ano, férias para pais com filhos deficientes, novas publicações do santuário), seguiram-se as perguntas que incidiram sobre a peregrinação, sobre os preparativos para o centenário e para as obras de requalificação da Avenida José Alves Correia da Silva. Relativamente às novas publicações, iria ser tornado público um novo hino para o centenário das aparições. A informativa relativamente a esta iniciativa já tinha sido disponibilizada aos profissionais de informação. Uma jornalista fez uma pergunta acerca do processo de beatificação da Irmã Lúcia. Nesta situação, mostrou-se a falta de informação por parte da jornalista, porque o processo está entregue à Diocese de Coimbra. De seguida falou D. António Marto, bispo da Diocese de Leiria-Fátima, que nas suas palavras falou da crise económica que o país vive. O Cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício da Cultura e D. Jorge Ortiga, bispo da Diocese de Braga também falaram. Por fim a Dr. Isabel Varanda abordou a iniciativa *Átrio dos Gentios*, em colaboração com o cardeal Gianfranco Ravasi. Em seguida os jornalistas foram conduzidos à inauguração da exposição missionária *Alarga o espaço da tua tenda*. Para esta exposição foi distribuída previamente toda a informação que contextualiza e explica a exposição. Em paralelo com estas ações é disponibilizado regularmente informação oriunda da GNR e Proteção Civil, bem como de outras entidades colaborantes com a peregrinação.

Ao fim da tarde o volume de trabalho intensifica para ter peças prontas e informação disponível para os noticiários das 20h nas televisões. Os jornalistas de rádio e imprensa também vão enviando notícias para as redações e fazendo peças. Nas pausas, recolhe-se informações, fala-se com peregrinos, tenta-se completar peças. Quando as cerimónias começam, por volta das 21:00h, os jornalistas sobem junto ao altar, e os fotógrafos sobem mesmo à torre da Basílica da Nossa Senhora do Rosário para terem uma melhor vista. Enquanto tudo isto acontece, informações sobre o trânsito, posto de socorros, estatísticas, são disponibilizadas em mão e na *Dropbox*. A homília do Cardeal Gianfranco Ravasi também é

distribuída e lida atentamente.³⁰ As opiniões positivas são muitas, pois é uma homilia muito bem pensada. O trabalho continua porque há que enviar informações às redações.

No dia 13, bem cedo é distribuída a documentação e dadas informações aos jornalistas para o dia. Há uma clara colaboração entre os vários *media*, a Renascença dá som a uma rádio oriunda de França, a TVI transmite imagem em sinal aberto para outros meios de comunicação, a TV Canção Nova dá imagem a TelePace e a um outro canal Austríaco. Há muitos canais estrangeiros que acompanham através da internet, com as imagens disponibilizadas em tempo real pelo site do santuário. À semelhança do dia anterior, o ritmo de trabalho intensifica perto do noticiário das 13:00h.

São concedidos documentos em suporte papel ou na *Dropbox* com as informações estatísticas relativamente às principais celebrações da peregrinação (quem preside, quem concelebra e número de sacerdotes e bispos presentes, participantes da celebração, órgãos de comunicação creditados, transmissões em direto, número de visitantes do site oficial do santuário); estatísticas da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima (admissão de doentes, doentes para bênção, atendimento no posto de socorros, confissões em português e em língua estrangeira, lava-pés, número de servitas a prestar serviço e respetivas funções); velas queimadas no tocheiro; número de padres e bispos presentes; Número de peregrinos (grupos e sua origem); número de admissão de doentes fornecidos pelo posto de socorros (enfermagem, urgência, circunstâncias, resolução). A GNR convocou alguns dias antes uma conferência de imprensa onde disponibilizou todos os dados referentes à “Operação Fátima”. Durante a peregrinação ia fornecendo dados relativamente à intensidade de tráfego, ocupação dos parques e indicações de segurança. Por sua vez, a Leopoldina Simões transmitia estes dados aos jornalistas e os dados eram tornados públicos através das notícias emitidas pelos respetivos meios de comunicação social.

Todo este trabalho jornalístico e de acreditação de imprensa são coordenados pelo Centro de Comunicação Social do Santuário de Fátima. Na página oficial da Sala de Imprensa³¹, é referido que o Santuário de Fátima tem “gosto” em colaborar com os meios de comunicação social mas estes por seu turno também devem respeitar o ambiente de silêncio e de oração que se vive no Santuário de Fátima. A Sala de Imprensa do Santuário de Fátima é responsável pela acreditação dos profissionais que colaboram com os meios de comunicação

³⁰ <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=49984> (consultado a 13-05-2012)

³¹ <http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=1266>(consultado a 13-05-2012)

social. São também facultadas informações através da assessora de imprensa, Leopoldina Simões, com o objetivo de colaborar com o trabalho jornalístico. Com o mesmo intuito é enviado regularmente às redações um boletim informativo com eventos e informações importantes ao trabalho dos *media*. Neste sentido o Centro de Comunicação Social do Santuário de Fátima disponibiliza dois tipos de acreditação: acreditação temporária e acreditação permanente. A acreditação temporária é concedida aos jornalistas e profissionais da comunicação social no âmbito da realização de trabalhos de forma pontual. Para os jornalistas que trabalham assuntos relativos ao Santuário com frequência há a acreditação permanente com uma validade de dois anos. O objetivo desta autorização permanente é conferir aos jornalistas uma maior proximidade no acompanhamento e uma maior mobilidade.

Observação peregrinação internacional aniversaria 12 e 13 maio – Santuário de Fátima 2012	
Jornalistas	149 profissionais da comunicação social
Meios de comunicação social	53órgãos de comunicação social acreditados (Portugal, Alemanha, Brasil, Espanha, EUA, Croácia, Itália, Polónia, Guatemala, Argentina e México)
Transmissão em direto	RTP, TVI, SIC Internacional, TV Canção Nova, María Visión (Espanha), Telepace (Itália), Kephas TV (Alemanha / Áustria / Suíça), Giovanni Paolo TV (Parma/Itália) Rádio Renascença, Rádio Sim, Rádio Canção Nova, Radio Nuestra Señora del Encuentro con Dios (Espanha), Rádio Espérance (França), Rádio Maria (Hungria)
Jornalistas/Fontes presentes (que colaboram na presente investigação)	Alexandra Serôdio (JN), Ana Isabel Costa (Antena 1), António Marujo (Publico), Joaquim Franco (SIC), Manuel Vilas-Boas (TSF), Leopoldina Simões (SF), Luís Martins.
Padres/Bispos	Celebrações de dia 12 maio: 220 Sacerdotes/18 Bispos Celebrações de dia 13 maio: 265 Sacerdotes/22 Bispos

Peregrinos	Inscreveram – se no serviço de peregrinos do Santuário de Fátima 165 grupos de 31 países. (estatísticas de 13 maio – 10:00) – 6975 peregrinos. 34 grupos a pé com 1454 peregrinos
-------------------	---

Quadro 5 - Síntese dos principais dados da observação

Conclusão:

Através do trabalho de investigação desenvolvido, através da pesquisa bibliográfica, assim como através das entrevistas e observação do trabalho jornalístico foi possível apurar que é importante os *media* abordarem a temática religiosa pelo facto de a Igreja Católica ser um agente cultural na transmissão e regulamentação de valores. Ao analisar a Igreja no mundo atual, é possível verificar que esta continua a ser uma instituição sólida, com muitos fiéis. Um dos principais dogmas da Igreja assenta no conceito de anunciar o Evangelho, tarefa que tem sido executada desde os primórdios e das mais variadas formas, somente com um único objetivo: levar a Boa Nova a todos. Com as novas tecnologias, esta tarefa missão ganhou novos contornos. Hoje as Igrejas vêm-se irremediavelmente submersas numa imensa quantidade de símbolos e apelos mediáticos com a humanidade está interligada entre si. A comunicação virtual é um desafio para a linguagem do seio religioso sobretudo devido à velocidade com que se difunde e a forma como é construída. Isto acontece porque os antigos recetores passam de agentes passivos a ativos, isto é, antes simplesmente recebiam as mensagens, mas agora participam na construção e disseminação das mensagens, aliando muitas vezes a fé e a razão. A religião no mundo atual é vista como um dos temas mais curiosos para quem quer compreender a relação entre a modernidade e a tradição.

A comunicação tem uma vertente construtiva, uma vez que o homem é um ser social por natureza e o que é transmitido pelos meios de comunicação social representa os valores em vigor na sociedade. O jornalista ao executar o seu trabalho tem de ser rigoroso porque, a informação chega ao mais vasto público, e a comunicação deve ser acessível de modo a que qualquer pessoa entenda as notícias em pleno. O trabalho informativo deve ser igualmente rigoroso sem ferir ou estereotipar os indivíduos, porque a cultura deve ser acessível a todos. Por seu turno a comunicação tem uma vertente construtiva, uma vez que o homem é um ser social por natureza e o que é transmitido pelos *media* representa os valores em vigor na sociedade.

A informação tornada pública deve ser equilibrada e neutra. Quando o assunto das notícias é a Igreja é fundamental o empenho, rigor e conhecimento da área em questão uma vez que é um tema delicado pela linguagem e estrutura muito própria. Porém é imprescindível ter em conta que a religião desperta interesse nos *media*. É essencial conhecer o meio de modo a abordar o tema de forma cordial e verdadeira, para se conseguir fazer um trabalho baseado no rigor como manda o código deontológico.

Ao longo deste trabalho, um dos objetivos passou por perceber e salientar, a importância das fontes informativas. As fontes são de facto a essência do trabalho jornalístico como foi possível aclarar através das entrevistas e da respetiva interação durante a observação. Todos os jornalistas nas suas entrevistas realçaram a importância das fontes na construção da notícia. Sem fontes de informação não há notícia. Pontualmente não é fácil encontrar alguém que colabore com o trabalho jornalístico. No caso específico da Igreja Católica, a situação tem evoluído favoravelmente nos últimos anos, porque a Igreja em si é bastante cautelosa nesta matéria, pela sua natureza “fechada”. No entanto nos últimos anos em Portugal, um grupo de jornalistas tem trabalhado em prol da boa comunicação religiosa, e tem conseguido granjear a confiança e a colaboração por parte da Igreja. Não é fácil abordar este tema sobretudo pelo preconceito que se ainda se sente. É tema que merece a mesma importância que outros temas e como tal é necessário rigor e conhecimento. Mas para que tudo isto seja exequível é necessário a colaboração das fontes de informação. Contudo, as fontes não são isentas no trabalho que desenvolvem. Têm os seus interesses e convicções e exprimem-se de acordo com enquadramentos e discursos próprios. No caso dos assessores tem como objetivo passar uma imagem positiva e informação favorável à instituição que representam. As fontes individuais disponibilizam informação com o intuito de melhorar as notícias, ou até mesmo fomentar a relação com o jornalista.

Esta relação deve assentar na confiança e no respeito mutuo. É um trabalho que tem de ser elaborado em conjunto, por isso a cooperação deve ser a base. Quando a fonte dá uma pista é um ponto de partida para que haja notícia. Se for um trabalho de investigação, a mesma fonte é consultada diversas vezes. O mesmo acontece com determinados temas. No caso das notícias sobre a Igreja Católica, nos últimos anos um grupo de jornalistas tem trabalhado o tema, e sabe como movimentar-se e que fontes deve consultar perante as circunstâncias. É portanto uma relação que deve ser cordial, se não o desenvolvimento do trabalho é difícil.

Para a Igreja, comunicar é um conceito chave. Obviamente que os responsáveis religiosos têm completa noção do alcance dos meios de comunicação social, mas como quer Igreja, quer *media*, têm uma estrutura e uma linguagem muito própria, muitas vezes a interação é difícil.

João Paulo II defende que não deve haver impedimento algum nem à cultura, nem à informação, pela sua relevância na vida dos indivíduos. Tanto que as mensagens de cariz religioso ganham uma nova extensão quando apresentadas através dos meios de comunicação social. Esta constante partilha de informação conduz a um constante progresso. Não obstante,

os efeitos da informação e deste progresso varia de pessoa para pessoa, mas é através dos *media* que a maioria dos indivíduos tem acesso à cultura e muitas vezes educação. Mas para que todos estes processos funcionem em pleno é importante que os comunicadores façam um uso correto, e os recetores interpretem a mensagem de forma isenta e cordial. É uma questão que é defendida pela Igreja através das mensagens para o Dia das Comunicações Sociais. O primeiro passo para estas tomadas de posição foi dado durante o Concílio Vaticano II, onde problemáticas contemporâneas foram discutidas, inclusive a utilização dos meios de comunicação social. O decreto *Inter-Mirifica* foi o primeiro documento por parte da Igreja a tomar posição fase aos meios de comunicação, onde é aprovado o seu bom uso.

Mas esta recomendação nem sempre é levada a cabo da melhor forma segundo os jornalistas entrevistados. A relação desenvolvida entre os meios de comunicação social e a Igreja por vezes é de trato difícil. Isto acontece porque as entidades eclesíásticas não colaboram e os jornalistas não levam este tema a sério. Os jornalistas defendem que os responsáveis da Igreja não sabem gerir a comunicação, nem estão preparados para o meio mediático. Por seu turno os jornalistas nem sempre levam a religião a sério. São ensinados a ser imparciais e antidogmáticos, e a religião assenta em dogmas bastante precisos. O desconhecimento é uma das consequências deste paradoxo, e muitas vezes esta situação vai induzir numa falta de rigor que se traduz em erros. O sensacionalismo é também muitas vezes uma prática recorrente. Todas estas situações fazem com que a Igreja se “feche” por segurança. Esta “bola de neve” origina pontualmente conflitos entre a Igreja e os *media*.

Após este trabalho de investigação é possível afirmar que há um caminho a trilhar com o objetivo de melhorar a relação entre os *media* e a Igreja assim como o trabalho jornalístico em si. Os jornalistas na sua formação, adquirem conhecimentos acerca de História, Economia, Linguística, entre muitas outras de teor geral que são fundamentais para que o profissional de comunicação seja o mais completo possível. Seria igualmente importante os jornalistas terem uma formação onde o tema fosse a religião, de maneira a desmistificar alguns preconceitos existentes. Um jornalista que perceba a matéria em que está a abordar poderá seguramente fazer um melhor trabalho. Para que isto aconteça, é importante a colaboração e compreensão por parte das fontes. No caso das entidades eclesíásticas, se tivessem formação no âmbito da comunicação seria certamente uma mais-valia. As solicitações para o meio mediático têm tendência a ser cada vez mais, com o impulso das novas tecnologias de informação. É crucial os seus intervenientes estarem preparados. A informação deve ser rigorosa e igualitária de modo a não ferir suscetibilidades, daí a necessidade de formação, juntamente com alguma sensibilidade e bom senso.

Para que haja mais jornalistas especializados a escrever sobre religião, a Igreja tem de colaborar mais com os meios de comunicação social. Seria vantajoso, porque há igualmente jornalistas especializados em permanência em outros temas. Mas falar de religião é um tema complexo pela sua orgânica e linguagem, e os responsáveis da Igreja não elaboram uma estratégia mediática, se bem que nos últimos anos, e com um empurrão das redes sociais esta situação tem melhorado muito. Mas este afastamento trás consequências, como é o caso de ser um tema bastante relativizado e algo menosprezado pelas redações. O facto de alguns jornalistas terem uma educação católica ao longo da vida, não tira credibilidade nem imparcialidade, antes pelo contrário, dá conhecimentos que permitem aos jornalistas conhecerem as pessoas e as linguagens, quem o afirma são os jornalistas entrevistados.

A observação da peregrinação de 12 e 13 de maio de 2012 permitiu observar que quando há um evento deste porte, as rotinas são alteradas, porque é um serviço onde há a necessidade de acompanhamento em permanência e no local. A presença de meios de comunicação social quer nacionais quer estrangeiros é grande. Há uma grande entreatada entre si. No entanto no que toca a jornalistas Portugueses, como já foi referido anteriormente, há um grupo de jornalistas que usualmente trabalha esta matéria, e o à vontade é muito maior. Porém também marcaram presença outros profissionais da comunicação que pontualmente se debruça sobre o tema, mas foi visível nesses casos algumas dificuldades com certos pormenores, como foi o caso da jornalista que fez uma pergunta durante a conferência de imprensa que nada estava relacionada com a peregrinação.

Escreve-se sobre situações que ocorrem durante a peregrinação, mas há também espaço para completar algum trabalho intemporal acerca deste tema. Isto acontece sobretudo por parte dos jornalistas que integram o referido grupo de jornalistas, pela sua facilidade em perceber a linguagem, os procedimentos, e sobretudo porque a peregrinação junta em Fátima um grande número de entidades eclesíásticas, e os jornalistas têm uma relação onde é permitido esta troca de informações. A relação com a assessora do Santuário de Fátima é também bastante acessível, uma vez que é por esta via que todos os jornalistas têm acesso às informações relativas à peregrinação.

Ao estudar esta matéria foi possível destacar dois tipos de cobertura, a temática e a episódica. Com a denominação de cobertura episódica identificam-se casos pontuais de notícias, usualmente de índole negativa, onde há a denúncia ou a crítica de alguma situação no seio da igreja. Nem sempre fundamentadas com fontes religiosas, essas notícias são tornadas publicas e geram controvérsia e polémica. Um dos entrevistados mencionou um exemplo, em que houve uma suposta fuga de um sacerdote com uma paroquiana, seguida de uma agressão

por parte do marido da paroquiana. O jornalista tornou a notícia pública sem mencionar fontes. Havia somente uma referência que tinham tentado contactar o Bispo da Diocese em questão e este não quis prestar declarações. Dias mais tarde veio-se a verificar que a notícia era falsa, não houve queixa de agressão na GNR e o Bispo da Diocese não quis prestar declarações porque o padre em questão não fazia parte da sua Diocese (o jornalista contactou a diocese errada). É um exemplo de um caso pontual de cobertura episódica.

Em Portugal a cobertura é maioritariamente temática, porque é costume ver notícias referentes a uma serie de questões, como é o caso das peregrinações em Fátima, as reuniões permanentes da Conferência Episcopal Portuguesa, reuniões de grupos Católicos como é o caso da Cáritas, ou quando há acontecimentos relevantes no Vaticano e há a cobertura por parte de jornalistas Portugueses. É comum ter acesso a informação que aborde os eventos acima mencionados, porque como já foi referido, há um grupo de jornalistas que desenvolve trabalho nesta área da religião. As notícias são credibilizadas com informações oriundas de fontes de informação.

Em suma, o tema da religião é importante, mas para ser bem desenvolvido é necessária a colaboração de fontes de informação. Os Jornalistas devem abordar o tema com rigor a fim de desenvolver um bom trabalho, e para isso a formação e o conhecimento desta temática é essencial.

Bibliografia:

BADAROCO, Claire, 2005, *Quoting God – How media shape ideias about religion and culture*, Baylor University press

Bíblia Sagrada, 2012, Edição Pastoral, Paulus

BORDENAVE, Juan E.Diaz, 1995, *Além dos meios e mensagens- Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*, 7ª edição, Vozes

BUENO, Wilson C., 2005, *O jornalismo científico e o compromisso das fontes*, *Revista académica do grupo comunicacional de São Bernardo*, Ano 2, Nº3

BURGGRAF, Jutta, 2012, *A Liberdade vivida com a força da Fé*, Diel

CADIMA, Francisco Rui, 1997, *Estratégias e discursos da publicidade*, *Comunicação e linguagens*

CADIMA, Francisco Rui, 1999, *Desafios dos novos media- a nova ordem politica e comunicacional*, Notícias editorial

CAMPONEZ, Carlos, 2002, *Jornalismo de proximidade- Rituais de comunicação na imprensa regional*, Coimbra, Minerva Coimbra

CASTELLS, Manuel, 2002 *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, Vol. I *A Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian

CHRIS, Artur, 1993, *Religion and the media: an introductory reader*, University of Wales press

Concilio Ecuménico Vaticano II-Documentos Conciliares e pontifícios, 1979, 8ª edição, Editorial Apostolado de oração Braga

CORREIA, João Carlos, 2004, *Comunicação e Cidadania- os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*, Livros Horizonte

COVER, Jeane, 1993, Jeane, *Theological Reflections: Social Effects of Television in, Religion and the media: an introductory reader*, 1993, ORG. Arthur Chris, University of Wales press

- CRUZ, Manuel Braga, 1997, *O Catolicismo Português no primeiro quartel do século XX in Fenomenologia e Teologia das Aparições*, Congresso internacional de Fátima, Fátima, 1998
- CRUZ, Manuel Braga, 1999, *O Estado Novo e a Igreja Católica*, 2ª Edição, Editorial Bizâncio
- DESCHEPPER, Jacques, 1990, *Saber comunicar com os jornalistas da imprensa, rádio e da televisão*, edições CETOP
- Documentação Crítica de Fátima, Vol. III – Das aparições ao processo Canónico (1917-1918)*, 2002, Santuário de Fátima
- ESTEVES, João Pissarra, 2003, *A ética da comunicação e os media modernos- Legitimidade e poder nas sociedades complexas*, 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- ESTEVES, João Pissarra, 2008, *Comunicação e Identidades Sociais- Diferença e reconhecimento em sociedades complexas e culturas pluralistas*, Livros Horizonte
- FONSECA, Luís Gonzaga Aires, 1933, *Nossa Senhora de Fátima-Aparições-Culto-Milagres*, Edições do Apostolado de Imprensa
- GANS, Herbert, 1979/2004, *Deciding What's news- A study of CBS evening news, NBC nightly news, newswatch and time*, USA, Vision of the American Press
- GARDENCHI, Sérgio, 2004, *Limites ao exercício da liberdade religiosa nos meios de comunicação de massa*, Comunicado
- GUARERCHI, Pedrinho A., 2000, *Os construtores da informação-Meios de comunicação, ideologia e ética*, Editora Vozes
- GOMES, Rui Miguel, 2009, *A importância da internet para jornalistas e fontes*, media e jornalismo
- GROSSI, Giorgio, 1985, *Professionalita giornalistica e costruzione cosiale della realta, Problemi dell'informazione*, X13
- HACKETT, Robert A. 1999, «Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos» in N.Traquina (org) *Questões, Teorias e estórias*, Vegas

- HALL, CHRITCHEN, JEFFERSON, CLARKE, ROBERTS, Stuart, Chas, Tony, Jonh, Brian, 1999, «A produção social das notícias: o mugging dos media» in N.Traquina (org) *Questões, Teorias e estórias*, Vegas
- HOOVER, Stewart, 2006, *Religion in the media age*, Routledge, London/New York
- IYENGAR, KINDER, Shanto, Donald R., 1987, *News that matters - Television and American opinion*, The University of Chicago
- JAMBEIRO, ROLANÕ, BRITOS, Othon, Cesar, Valerio, 2009, *Comunicação, informação e cultura- dinâmicas globais e estruturas de poder*, EDUFBA
- KATZ, Elihu, 1999, *Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião* in N.Traquina (org) *Questões, Teorias e estórias*, Vegas
- MCDONNEL, Jim, 1993, *Religion, education and communication of values* in, *Religion and the media: an introductory reader*, 1993, ORG. Arthur Chris, University of Wales press
- MARCHI, Jonh, 2008, *Era uma senhora mais brilhante que o sol*, 22ª edição, Missões Consolata
- MOLOTH, LESTER, Harvey, Marilyn Gaye, 1999, *As notícias como procedimento intencional acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escandalos* in N.Traquina (org) *Questões, Teorias e estórias*, Vegas
- MORENTE, Garcia, *Razão e Fé*, Coimbra, Casa do Castelo Editora
- NERVI, Luciano, 2007, *Peregrinos em Fátima*, Paulus
- OLIVEIRA, CARDOSO, BARREIROS, José Paquete, Gustavo Leitão, José Jorge, 2004, *Comunicação e tecnologias de Informação*, Quimera
- PAULO VI, 1966, *Decreto Inter Mirifica*, Vaticano
- PEIXOTO, João Silva, 1999, *Catecismo da Igreja Católica*, 2ª Edição, Gráfica de Coimbra
- PINTO, Manuel, 2000, *Fontes Jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo*, Comunicação e Sociedade, Serie Comunicação, Volume 14, PP. 277-294
- RATZINGER, Joseph, 2006, *Deus é amor*, 3ª edição, Paulinas

- RIBEIRO, Vasco, 2009, *Fontes Sofisticadas de Informação: Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1990 a 2005*, Editora Media XXI
- ROSSI, Severo, 2008, *Fátima, lugar de esperança e paz*, Missões Consolata
- ROSADO, Nuno, 1966, *A Imprensa*, Coleção Educativa, Serie C, Nº11
- SANTOS, Rogério, 1997, *A negociação entre jornalistas e fontes*, Coimbra, Minerva Coimbra, Coleção Comunicação
- SANTOS, Rogério, 2003, *Jornalistas e Fontes de Informação- A sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*, Coimbra, Minerva Coimbra
- SAPERAS, Enric, 1986, *Os efeitos da comunicação de massas*, Edições ASA
- SCHAEFER, Dare, 2005, *Reporting complexity: Science and religion in Quoting God – How media shape ideas about religion and culture*, 2005, org. Claire Badaroco Baylor University press
- SCHLESINGER, Philip, 1999, *Os jornalistas e a sua máquina do tempo* in N. Traquina (org) *Questões, Teorias e histórias*, Vegas
- SCHMALZBAUER, Jonh, 2005, *Journalism and the religious imagination*, in *Quoting God – How media shape ideas about religion and culture*, 2005, org. Claire Badaroco Baylor University press
- SIGAL, Leon V., 1973, *Reporter and officials*, Lexington and Toronto, DC Heath and company
- SIGAL, Leon V., 1986, *Who? Sources make the news*, In manoff e suchudson(ed), *reading the news*, new york, Phanteon books
- SILVA, Andreia Fernandes, *Os meios de comunicação social enquanto elementos de regulação cultural-Breve apontamento* in BOCC
- SIMPSON, Neil, 1993, *Popular religion on Tv* in, *Religion and the media: an introductory reader*, 1993, ORG. Arthur Chris, University of Wales press

SODRÉ, Muniz, 1999, *Reinventando a Cultura- A comunicação e os seus produtos*, 3ª Edição, Editora Vozes

SOUSA, Jorge Pedro, 2000, *As notícias e os seus efeitos*, Coimbra, Minerva Coimbra

STOUT, Daniel A., 2006, *Encyclopedia of religion communication and media*, Routledge, London/New York

THEISSEN, Gerd, 2007, «*Iglesia o secta?*». In *Selecciones de Teología*, 181. 38-52. [Kirche oder Sekte? Über Einheit und Konflikt im frühen Urchristentum, in *Theologie der Gegenwart* 48 (2005) 162-175]

TRAQUINA, Nelson, 1999, *As noticia in N.Traquina (org) Questões, Teorias e estórias*, Vegas

TRAQUINA, Nelson, 1999, *Questões, Teorias e estórias*, Vegas

TRAQUINA, Nelson, 2000, *O poder do jornalismo- Analise e textos da teoria do agendamento*, Coimbra, Minerva Coimbra

TUCHMAN, Gaye, 1999, *A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas in N.Traquina (org) Questões, Teorias e estórias*, Vegas

TUNSTALL, Jeremy, 1971, *Journalists at work –Specialists correspondents: their organizations, news sources, competitor, Colleagues* London-contable

VIZEU, Azevedo, 2005, *O lado oculto do telejornalismo*, Calandra

VOLKOFF, Vladimir. 2000, *Pequena história da desinformação – do cavalo de Troia à internet*, Notícias editorial

ZELIZER, Barbie, 1993, *Journalists as interpretative communities revisited in The Routledge companion to news and journalism*, 2010, Org. Stuart Allan, Routledge, London/New York

BECKER, ULAD, Lee B., Tudor, 2009, *News organizations and routines in Handbook of journalism*, 2009, ORG. Karin W. Jorgensen, Thomas Hanhzsch, Routledge, London/New York

Estado Laico. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-06-21]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$estado-laico](http://www.infopedia.pt/$estado-laico)>.

Decreto-lei 21 abril 1911: <http://www.legislacao.org/diario-primeira-serie/1911-04-21/0/anterior> (Consult. 2013-06-21).

Lei da Liberdade Religiosa: <http://dre.pt/pdf1s/2001/06/143A00/36663675.pdf> (consultado a 21-05-2013)

Concordata 1940:

<http://www.ucp.pt/site/resources/documents/ISDC/Texto%20da%20Concordata%20-%201940.htm> (Consult. 2013-06-21).

Concordata 2004: <http://dre.pt/pdf1s/2004/11/269A00/67416750.pdf> (Consult. 2013-06-21).

Censos 1981:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=65587858&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 (consultado a 20-08-2013)

Censos 2001:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=133411&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 (consultado a 20-08-2013)

Estudo UCP 2012: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/oito-em-cada-dez-portugueses-sao-caticos-e-quase-metade-vai-a-missa-1542295> (consultado a 20-08-2013)

Iniciativa Repensar juntos a Pastoral da Igreja em Portugal?: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=80196> (consultado a 20-08-2013)

Artigo de opinião Joaquim Franco:

http://sicnoticias.sapo.pt/opinionMakers/joaquim_franco/2012/10/01/igreja-no-mundo-mediatico-do-dilema-ao-conteudo1 (Consultado a 01-10-2012)

Anuário Católico: <http://www.portal.ecclesia.pt/anuario/default.asp> (Consultado a 21-06-1013)

Livro de Estilo da Agencia Ecclesia:

<http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/LivroEstiloAgenciaEcclesia1Abril2011.pdf> (Consultado a 09-11-2012)

Código Deontológico dos Jornalistas: <http://www.ccpj.pt/legisdata/LgLei1de99de13deJaneiro.htm>
(consultado a 23-09-2012)

Decreto *Inter-Mirifica*:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html (consultado a 19-08-2012)

Critérios de colaboração ecuménica e inter-religiosa nas comunicações sociais:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04101989_criteria_po.html (Consultado a 19-08-2012)

Ética nas Comunicações Sociais:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html (Consultado a 19-08- 2012)

«Comunicações sociais e desenvolvimento da criança»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_23051979_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«As comunicações sociais a serviço da liberdade responsável do homem»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_10051981_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24051984_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_15041985_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«Comunicações sociais e formação cristã da opinião pública»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011986_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«A religião nos mass media»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011989_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«A proclamação da mensagem de Cristo nos meios de comunicação»:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011992_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho» :

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

A mídia: rede de comunicação, comunhão e cooperação:

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20060124_40th-world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la»:

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20080124_42nd-world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

«Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade»:

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day_po.html (Consultado a 19-01-2012)

Homilias peregrinação maio 2012: <http://www.santuاريو-fatima.pt/portal/index.php?id=49984>
(consultado a 13-05-2012)

Anexos:

Anexo 1 – Entrevista com Alexandra Serôdio

44 anos – Licenciatura em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa. Pós-Graduação em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Curso de formação do CENJOR. Jornalista do *Jornal de Notícias* desde 1995.

Entrevista a 3 de abril de 2012.

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Alexandra Serôdio - É assim, eu tenho uma historia diferente porque eu tive sorte em conseguir entrar na profissão e trabalhar e estudar ao mesmo tempo sempre na área que gosto. Eu sempre quis ser jornalista, desde que me conheço, desde garota. Eu lembro-me das pessoas me perguntarem já aos meus 4/5 anos, o que eu queria ser, eu queria ser jornalista. E porque? Porque eu sempre gostei imenso de escrever, eu lia imenso e sempre gostei de escrever histórias. E portanto, eu gostava de contar histórias e de escrever histórias e daí eu querer ser jornalista. E tive muita sorte porque eu concorri a um concurso a nível nacional pra Renascença, tinha eu os meus 19 anos e foi um concurso com milhares de candidaturas e eu tive a sorte de poder entrar. O meu percurso foi feito a estudar e a trabalhar já dentro da minha profissão. Para mim foi uma mais-valia porque me permitiu sempre ir aprendendo e colocando em prática os conhecimentos. Eu tenho neste momento 23 anos de profissão e ter começado cedo ajudou. Ao longo dos anos tenho procurado fazer a formação contínua, tenho feito vários cursos por exemplo do CENJOR, que é o centro de formação de jornalistas, em determinadas áreas que eu achei que eram importantes. Entretanto eu saio da rádio para jornais e de facto é a área onde eu me sinto como peixe na água, e eu prefiro sinceramente os jornais do que a rádio. Se tivesse de fazer rádio ou televisão fazia mas não gosto porque eu prefiro mesmo o jornal. Depois dentro do jornal tentei especializar-me em algumas áreas. Eu gosto imenso de justiça e então fui procurando essa especialização. Fiz uma pós-graduação em Direito da Comunicação, fiz já três cursos de Medicina Legal, fiz um sobre reinserção social, participei em vários workshops e congressos. Tudo já ligado à área da justiça que é uma área que eu gosto e que eu dou preferência. Relativamente à área da religião, a minha formação tem a ver com aquilo que me ensinaram desde miúda. Eu venho de uma família Católica praticante, em que sempre se rezou e foi à missa e à catequese, portanto tive uma educação Católica bastante profunda, mas nunca sequer pensei em fazer ou seguir religião, daí eu não ter uma especialização nesta área. Tenho uma vivência, tenho trabalhos feitos mas não tenho um curso de teologia. Aquilo que eu sei nesta área é fruto daquilo que eu vou lendo e

vou falando e vou perguntando e vou procurando aprender. A minha grande área de especialização tem a ver com a justiça e não a ver com religião.

Trabalhando aqui na zona de Fátima, acaba por escrever muito sobre religião...

AS- Eu faço de tudo. De à uns anos para cá, apesar da minha área ser a justiça, a área da religião surgiu porque eu trabalho em Leiria, e eu já na Renascença fazia religião como é lógico. Fiz a primeira visita do Papa, mas quem fazia religião na Renascença sempre foi a Áurea Miguel e portanto nunca foi bem a minha área. Aliás eu estive três anos na Renascença e fazia essencialmente a Câmara Municipal de Lisboa. Entretanto venho trabalhar para Leiria, por questões pessoais, e comecei por trabalhar no *Diário de Leiria*. Nessa altura também não fiz muita religião apesar de nós estarmos bem perto de Fátima. Comecei a fazer mais religião quando passei para o *Jornal de Notícias*, onde estou desde 95, e começo a fazer religião com as peregrinações. Nós na altura tínhamos um especialista, que era o padre Rui Osório, ele fazia os grandes temas de religião. Mais tarde fiz a segunda visita do Papa João Paulo II e aí já fazia mais religião mas não era só eu, havia mais gente a fazer e é depois dessa visita do Papa a Portugal que eu começo a fazer religião. É um área que eu gosto e onde conheço muita gente porque o meu irmão foi seminarista durante muitos anos e como eu sempre tive uma vida ligada à Igreja, os meus pais também eram pessoas muito ligadas à Igreja e conheço muita gente. É perfeitamente normal se nós conhecemos as pessoas, é mais fácil falar das coisas, eu conheço muitos padres e muitos bispos, alguns deles trato-os por tu porque existe um relacionamento já de muitos anos. Eu comecei a fazer grandes destaques em termos de jornal, o jornal em si começa a apostar mais em mim e eu começo a interessar-me mais e a fazer mais. O jornal dá mais destaques a estes assuntos aí à sete ou oito anos. Mas eu não faço só religião, ando aqui um bocado dividida, mas tudo o que seja religião passa por mim. Fiz as visitas do Papa a Portugal e também já o acompanhei no estrangeiro. Já estive três vezes no Vaticano, acompanhei as visitas a Espanha à dois anos atrás, Santiago de Compostela e Barcelona, depois tive nas Jornadas Mundiais da Juventude em Madrid, tive na Beatificação do João Paulo II, isto é, tudo o que seja mesmo fora de Portugal mas seja importantes para os portugueses ou de alguma forma tenha a ver com os Portugueses, nós somos um jornal Português, nós acompanhamos. Eu começo a fazer religião mais e tudo o que é religião passa por mim à meia dúzia de anos.

De que modo é que a educação cristã que teve influencia o seu trabalho?

AS- Não influencia nem deixa de influenciar. Essa educação Cristã Católica que eu tive permite-me pelo menos conhecer as coisas. Eu sei o que é uma missa, o que se passa numa missa, sei o que é um altar, um confessionário, o que me permite quando escrevo sobre as coisas estar perfeitamente à vontade porque tenho a noção daquilo que é. A linguagem própria, é uma linguagem que eu domino porque convivi com ela desde criança e permite-me escrever sem cometer erros. Em termos de notícia em si não influencia nada, como nada me influencia porque eu sempre consegui distinguir muito bem as coisas e eu costumo dizer que acima de tudo sou profissional. Este “profissional” para mim quer dizer que sou isenta, quer eu concorde ou não, ou tenha uma ligação mais forte ou fraca, a minha notícia, pelo menos eu procuro fazer-la de forma a que o meu leitor perceba a história que eu estou a contar independentemente de eu ter ligação ou não. Toda a educação Católica que eu tive, me permite eu conhecer as pessoas, a religião, as coisas, a forma como esta estrutura se movimenta e não cometer erros como é comum ver, por exemplo chamar ao Santuário de Fátima “ajoelhadromo”, isso é grave, e são erros que não podemos cometer, porque uma pessoa quando faz, tem de saber pelo menos como as coisas funcionam. Temos de saber certos termos e certas informações que não usamos muitas vezes, mas nestas situações nos podem ser uteis. Eu recordo-me quando veio ca o Bento XVI houve um trabalho que eu fiz, que era sobre como se estava a preparar a missa que ele ia celebrar no Santuário de Fátima, foi importante saber que, tinham preparado um ramo de flores especial, o pano que tapa a patena tinha sido bordado. Se nós não tivermos o mínimo conhecimento das coisas, cometemos erros. Toda essa minha educação permite perceber como é que as coisas funcionam e fazer a notícia de uma forma muito mais clara. Não quer dizer que eu saiba tudo, mas pelo menos este tipo de trabalhos é importante.

Quando tem em agenda uma notícia sobre a Igreja, como é o dia-a-dia? Como prepara a notícia?

AS- Depende um bocado dos temas. Há um tema que estou a preparar, e como não estou em exclusivo a trabalhar para ele, já o comecei a fazer à mais de um mês. Como eu não estou em exclusividade a trabalhar esta área, eu tenho de dividir a realização de trabalhos a que nós chamamos intemporais com a minha agenda diária, ou seja, se eu tiver hoje marcada uma entrevista com um padre, para um trabalho intemporal, se nesse dia me acontecer alguma coisa que não está na agenda como por exemplo, um homicídio ou um acidente, eu terei que avançar e terei que deixar o outro trabalho para trás. Portanto isso depende um bocado. Os

trabalhos intemporais vão sendo encaixados na nossa agenda diária, por isso é que as vezes demoram mais tempo. Para esse tipo de trabalhos depende os temas e aquilo que eu procurei fazer para este foi tentar ler, falar com pessoas, fiz pesquisas. Depois há aquele trabalho que nós temos em agenda. Sabemos que duas vezes por ano os bispos se reúnem em Fátima durante uma semana, e durante essa semana, nos estamos dedicados a eles, a nossa agenda passa pela agenda deles. Sabemos que o Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa reúne uma vez por mês, nesse dia a nossa agenda é com eles. Os trabalhos intemporais da Igreja vão-se encaixando, os outros trabalhos de agenda nós vamos fazendo. Por exemplo a próxima Assembleia Plenária, há um assunto importante que nós estamos fartos de falar, em que vai ser apresentado um estudo da Universidade Católica, uma sondagem que foi feita, vou recolher todo o material que tenho sobre esse estudo, quando surgiu a ideia, quando começou o estudo, preparar o *background* para depois quando nos derem o estudo eu perceber o que é que é aquilo. É assim em todos os trabalhos. Por exemplo eu quando fui ao Vaticano, quando foi o Consistório³², antes fui perceber os vários trabalhos que existem sobre isso durante duas semanas. Fui perceber o que era um Consistório, quantos cardeais existem, quantos são Portugueses, a importância dos cardeais, existe sempre um trabalho para nós percebermos e podermos explicar ao leitor o que é aquilo, o que se passa, portanto há sempre um trabalho de véspera. Durante isto, deixei uma serie de trabalhos prontos a ser publicados, nomeadamente um que fala sobre a presença dos Portugueses no mundo, a importância deles, para além dos três cardeais que temos no Vaticano, também temos pessoas importantes nas Nações Unidas. Como naquela semana eu sabia que iria estar em Itália, as duas semanas antes foram praticamente dedicadas ao trabalho que eu iria fazer em Itália. A minha agenda ficou três semanas ali no Consistório. Agora se for outro tipo de trabalho, por exemplo, eu raramente preparo as Assembleias Plenárias, porque a gente nunca sabe o que é que sai de lá. Vou ter de preparar esta questão do estudo dois dias antes. Mas quer dizer, se entretanto surgir um homicídio, um acidente, fica tudo em *stand by*.

No que toca à Igreja, o que é que é importante meter em agenda?

SA- Neste momento é a crise e até que ponto as estruturas da Igreja estão a responder à crise e até que ponto a Igreja está atenta àquilo que se passa em Portugal e às medidas sociais que estão a ser anunciadas e postas em prática. É importante perceber até que ponto a Igreja está a

³² Um Consistório é uma reunião de Cardeais para dar assistência ao Papa nas suas decisões.

responder com as suas várias estruturas na ajuda ao próximo, através da Cáritas, Misericórdias. Depois temos outro tema, que passa pela sondagem que vai surgir, que foi uma sondagem feita aos Portugueses sobre aquilo que eles esperam da Igreja Católica, e portanto acho que vai dar uns bons temas.

Abordar a temática Igreja, é difícil? Ou é um tema como outro qualquer?

AS- É difícil porque, pelo menos para mim, na Igreja ainda existe uma linguagem muito hermética e há muita gente que ainda não tem a preocupação de simplificar a linguagem para nós podermos perceber e se eu não consigo perceber eu não consigo escrever, e então eu brinco muito com as pessoas e se calhar é isso que me permite superar as dificuldades. Quando eu vejo que existe alguns entraves em que as pessoas começam com algumas dificuldades em falar comigo, eu digo logo que não percebo e para me explicar como se eu tivesse 5 anos para ver se percebo. Isto quando se trata de alguns temas mais complicados de se tratar, nós temos de falar com teólogos, com historiadores da religião e eles usam determinada linguagem que muitas vezes até para mim não é perceptível quanto mais para o leitor. O tentar decifrar essa linguagem e pô-la de forma simples para que o leitor possa perceber às vezes é complicado. A maior dificuldade que eu sinto tem a ver com o conseguir falar com a pessoa certa para o tema certo, e que essa pessoa fale de uma forma muito simples. Mas nós não dominamos as coisas, somos um conjunto de jornalistas que fazemos religião, que sabemos e conhecemos algumas pessoas e às vezes a minha preocupação é tentar variar e não por sempre o mesmo “suspeito”, como nós costumamos dizer. Por exemplo, quando nós queremos a reação de uns bispos, e eles não falam, a quem é que nós ligamos? Ao D. Januário Torgal Ferreira³³ que é bispo e cada vez que a gente lhe liga ele atende e tem sempre uma opinião sobre tudo. Existem determinadas pessoas ligadas á Igreja que são assim. Às vezes era importante conseguirmos por outras pessoas, porque há gente muito boa a pensar a religião, a estudar a religião, com opinião e acho que seria importante. A minha dificuldade tem sido essa de chegar a determinadas pessoas. Pessoalmente, nós somos poucos e eu devo ser das mais novas, e devo ser a única mulher, existem duas pessoas fundamentais para mim, que me têm ajudado e a quem eu devo aquilo que eu já sou em termos desta área. Eu quando estou muito aflita ligo a duas pessoas, uma é o Manuel Vilas Boas, da TSF que pertence ao mesmo grupo do *Jornal de Notícias*, que é padre e conhece imensa gente, e tenho outra

³³ Januário Torgal Mendes Ferreira nasceu no Porto em 26 de Fevereiro de 1938. Foi ordenado sacerdote em 1960. Mais tarde foi professor e foi ordenado bispo. De 1993 a 1999 foi porta-voz e secretário da Conferência Episcopal Portuguesa. Colaborou com vários meios de comunicação socia.

pessoa fundamental que só faz igreja, tem formação em Teologia, não é padre mas domina a área, deve ser o jornalista em Portugal, que mais domina e mais gente conhece nesta área, que é o Octávio da Eclésia. Eles têm sido as minhas grandes ajudas para conseguir gente que fale de uma forma simples e perceptível sobre os temas, porque falar de Igreja é complicado.

É preciso algum cuidado especial na abordagem deste tema?

AS- É! Assim como nós temos um cuidado especial ao falar de justiça ou política, porque como na política existem regras, na justiça existem regras e na religião existem regras. As pessoas têm que saber como é a estrutura, o que é a estrutura, o que é a Igreja, como é que as coisas se movimentam para poderem perceber como é que são as coisas, por exemplo agora em Portugal fala-se muito na questão dos feriados, porque a Igreja tem que decidir mas ainda não decidiu portanto este ano vamos ter ainda dois feriados religiosos. Porque? A estrutura da Igreja é diferente, por mais que a gente escreva ou diga nas televisões, ou nas rádios ou nos jornais, as pessoas ainda não perceberam que a estrutura passa por um cardeal, dois arcebispos, e depois os bispos, mas quem manda na Igreja em Portugal é o Papa! É a Santa Sé! Portanto existe um acordo entre o Estado que é o Vaticano e o Estado Português que é a *Concordata*, e qualquer decisão que seja tomada relativamente à Igreja tem de passar sempre pela Santa Sé e a agenda do Papa não é propriamente a nossa agenda. E esta questão demora o seu tempo porque o processo tem de ser analisado e estudado, e tem todo um procedimento até ser tomada a decisão. As estruturas são diferentes e as linguagens são diferentes e as pessoas têm que ter o mínimo de conhecimento de como as coisas funcionam mas é como tudo. Por exemplo eu hoje em dia teria alguma dificuldade em ser jornalista parlamentar, em perceber toda aquela estrutura e os seus procedimentos. Mas é como na religião, existem regras, temos de perceber daquilo que falamos para podermos escrever de forma ao leitor poder perceber.

Como são elaboradas as notícias?

AS- Depende. Por exemplo, eu tenho um trabalho que pensei fazer e a ideia foi simples. Eu vi um vídeo num site da Igreja de Espanha, e fizeram o vídeo com vários padres a dar o testemunho de porque é que são padres, por causa da falta de vocações. E eu pensei “será que isto em Portugal funcionava?”, e depois de ver o vídeo, estou á espera que os bispos venham a Fátima porque o responsável pela Conferência Episcopal para as vocações é o bispo de Coimbra, e eu não tive tempo de ir a Coimbra, e então pensei que visto eles estarem uma semana em Fátima, eu apanho-os. Vai ser um trabalho sobre vocações e de como estamos em

Portugal em termos de padres, não me refiro a vocações religiosas, só mesmo diocesanas. Depois quero saber se aquele vídeo que a Igreja Espanhola fez funcionava ou não em Portugal. Este é um exemplo de trabalho. Tenho outro trabalho que me está a demorar mais tempo. Nesse eu primeiro vi as normas do cardeal, o tema em si arrepiava-me, não é um trabalho que eu goste de fazer mas que me foi pedido pela direção. Comecei por ler, depois tentei perceber o que era, depois fui tentar falar com padres exorcistas. Houve alguns com quem falei pessoalmente, outros por telefone e li bastante. É um trabalho que entretanto vai surgir. Eu tenho uma agenda que faço habitualmente em janeiro/fevereiro com os temas “religião e sociedade” para o ano todo, e portanto para além dos temas que nós temos em agenda e que marcam com as peregrinações, Assembleias Plenárias, congressos, há trabalhos que vão estando em agenda e esses trabalhos eu agendo logo no início do ano e depois vou encaixando os outros trabalhos. À umas semanas fiz um trabalho sobre as Cáritas e os pedidos de ajuda que têm vindo a aumentar e as Cáritas antes do pedido estarem sem capacidade de resposta. E tenho mais trabalhos em vista, mas é uma questão de tempo e agenda.

Quando o tema é Igreja, encontra muitos entraves ou é um tema como outro qualquer?

AS- Eu escrevo, a diferença que eu faço tem a ver com a secção para onde eu escrevo, a diferença nas minhas notícias está aí. Se eu escrever para uma secção chamada regiões o tipo de linguagem e a forma como eu começo a notícia é diferente se for uma notícia que eu escrevo para a secção segurança ou para a sociedade ou para a política. Tem a ver com o tema em si e também com a secção em si como é lógico, por exemplo se eu escrevo para a secção segurança o que interessa ali é o sangue e o crime, se eu escrevo para a sociedade é uma notícia diferente, no caso da religião depende um bocado, eu gosto imenso de fazer reportagem e gosto imenso de começar textos em discurso direto porque acho que agarra o leitor. Gosto de fazer *leads* fortes. Agora depende um bocado dos temas, por exemplo se for uma frase do cardeal eu ponho a em título, mas escrevo a notícia de forma igual como se tivesse a escrever outra coisa qualquer ou seja eu nas minhas notícias de religião sou eu que as escrevo e assumo e em termos da minha hierarquia os meus textos não são mexidos, quando há necessidade de ser alterado um título porque eu de facto sou uma nódoa a fazer títulos, a minha chefia fala comigo antes de alterar o título. Há esse cuidado no meu jornal porque é uma área, não digo que seja sensível mas como eu costumo dizer não há necessidade de provocar atritos quando nos podemos fazer as coisas de uma forma que agradando ou não agradando são as corretas, ou seja há muitas maneiras de dizer as coisas, escusamos de as dizer de uma forma agressiva para provocar e portanto a forma como eu faço as notícias da

religião é a mesma forma como eu faço outro tipo de notícia. As notícias têm de ser feitas de uma forma isenta, eu conto a história e a partir daí a pessoa tira as relações que quiser. Nem sempre agradamos. Nestes anos todos já recebi dois *e-mails* a dizer que não era bem aquilo que queria dizer e tal e que não concordava mas nada de grave pronto.

Pegando no que disse o que é que causa atrito?

AS- Depende da forma como as notícias são ditas. A Igreja é uma estrutura que não está habituada a ser criticada. E é uma estrutura que até à pouco tempo estava noutra nível. Os bispos, os padres e as pessoas ligadas à Igreja falavam e a pessoa que escrevia por medo ou por algo que não sei muito bem tinha alguns cuidados especiais. A determinada altura começou a haver exageros, e a Igreja fechou-se. Nós temos tido vários encontros entre o “topo” da hierarquia e nós jornalistas. Eu quando tenho oportunidade costumo dizer que acho que a Igreja nunca teve desde à 3 ou 4 anos pra cá aquilo que tem agora que são uma quantidade de jornalistas de todos os órgãos de comunicação social desde jornais, televisão e rádios nacionais e internacionais atrás deles. E às vezes nós temos que pedir quase de joelhos para eles falarem connosco, porque a Igreja não tem conseguido aproveitar, se bem que agora já melhorou muito, não tem conseguido aproveitar a comunicação. Antigamente eles falavam e há pessoas que escrevem mas não dominam as coisas e depois sai asneira. Por exemplo houve casos de histórias, e atenção que não estou a dizer que o jornalista tem culpa ou que a Igreja tenha culpa porque existe culpas de parte a parte, o jornalista que não perceba de determinado assunto não faz uma notícia da mesma forma que uma jornalista que perceba do assunto. Se me puserem a mim a fazer economia eu não sei o que é os *spreads*, e os índices e eu faço a notícia. Agora eu não a faço com a mesma qualidade que um jornalista de economia que domina os termos. E a mesma coisa acontece com a religião. O jornalista que vá fazer religião, que vá ouvir um bispo a falar sobre determinada coisa, ele ouve e faz a notícia mas é capaz de não perceber e depois dá origem a erros. Eu lembro-me de um caso recente do nosso jornal, o bispo do Porto estaria a falar sobre o número de Católicos, acerca de um estudo na Diocese do Porto, e fez uma comparação e o jornalista que estava a fazer a notícia, penso que era da secção de cultura ou assim, e percebeu que só havia dois mil e tal Católicos na Diocese do Porto, isso é notícia na perspectiva do jornalista, porque nós estamos a falar de uma cidade importantíssima que tem uma diocese enorme e tem um número de pessoas reduzido que vai à missa é notícia, é título. Neste caso o jornalista não colocou a hipótese de o bispo se ter enganado ou tentado pelo menos falar com o bispo acerca daquele número. Um jornalista que não está habituado a fazer determinadas áreas, pode não ter este tipo de sensibilidade. Aquilo

de facto foi título e no dia seguinte levamos com o bispo do Porto em cima. Houve um caso muito recente do *Correio da Manhã*, acerca de um padre que foi apanhado na cama com uma senhora, e o marido dela deu-lhe uma pancada e por aí fora. O padre negou tudo, não há queixa na GNR portanto não há provas, pra mim aquilo nem sequer é notícia porque não há provas, não há queixa na GNR nem assistência nos hospitais logo não há provas, o padre não estava com nódoas negras, negou tudo, nem sei se chegaram a falar com a mulher, alegadamente a pessoa que terá contado a história ao *Correio da Manhã* nem sequer aparece o nome. O problema daquilo é que existem por duas vezes naquela notícia que o *Correio da Manhã* tentou contactar o bispo da Diocese de Leiria-Fátima e não foi possível ou não quis responder. A notícia sai, vale o que vale, e no próprio dia que a notícia sai o bispo telefona para o *Correio da Manhã* porque bastava um telefonema para a diocese de Leiria-Fátima para se perceber que tomar pertence à diocese de Santarém. Tao simples quanto isso. Isto são exemplos concretos de quem não faz religião, de quem não percebe e de quem não pergunta. Porque no *Correio da Manhã* existe gente que faz religião e bastava um telefonema para esse colega. E é o que acontece no *Jornal de Notícias*. A semana passada nós fizemos um trabalho, e eu até falei com o colega, e tinha um trabalho bem feito porque ele é um excelente jornalista, sobre uma senhora que diz que foi curada por intercessão da Irmã Lúcia, e na notícia tava lá a senhora a dizer que foi um milagre e mostrava os testes médicos, e foi porque rezou imenso à Irmã Lúcia e ia mandar o processo para Fátima por causa do processo de beatificação. E o artigo está corretíssimo, muito bem escrito. Está é cheio de erros! O processo não está em Fátima, está em Coimbra, quem está a tomar conta daquilo são as Carmelitas, quem manda é o bispo de Coimbra! Erros que podiam ter sido evitados se o colega que fez aquilo tivesse ligado. Eu até tinha feito um trabalho sobre a beatificação à pouco tempo. Resumindo, eu acho que se pode fazer tudo, e escrever tudo com os respetivos cuidados. Eu em Setembro fiz uma manchete com o Cardeal a dizer que ninguém sai da política “com as mãos limpas”, ainda hoje se fala dessa machete e o cardeal andou chateado comigo mas de facto ele disse aquela frase, está gravada, está em vídeo, esta no *online*. Eu não tenho só porque é o cardeal ou um bispo, eu não posso deixar de por esta frase só porque é a Igreja. Se nós pomos do Cavaco, do Passos Coelho, do Marinho Pinto porque não podemos por do cardeal? Agora há determinados cuidados que nós devemos ter para não errarmos. Ainda em relação à manchete, lembro-me que tivemos até altas horas para decidir o título, mas se ele disse aquilo! Ele gostar não ia gostar, e ia dizer que não era bem aquilo que queria dizer, mas isso já é um problema dele, agora que ele disse aquilo disse. Para ser jornalista tem de se ter alguma sensibilidade. A entrevista foi feita por mim e pelo meu colega

do *online*, e o Luís é que preparou o vídeo, e eu não falei com ele, eu fiz a entrevista, foram 4 páginas, e o Luís pegou no vídeo que tinha feito e começa o com essa frase e nós não tínhamos falado, só que quem é jornalista percebe o que é notícia no meio daquilo tudo. A entrevista tinha duas fases, que era os 50 anos de ordenação dele, depois era a questão social em Portugal, e depois era o facto dele estar sempre a dizer que um bispo não se deve meter na política, a Igreja não se deve meter na política mas e depois desenvolve. Criou controvérsia na altura mas nós não temos que proteger só porque é Igreja se não tínhamos de proteger também a política e os economistas. O que é que é notícia? É aquilo! Se é notícia pronto. É isso que a gente faz.

Quem escreve sobre Igreja deve ter uma preparação especial?

AS- Sim, tem de ser. Porque as pessoas têm de saber sobre aquilo que escrevem, se uma pessoa não domina o tema é complicado. Há determinados trabalhos que eu tenho de fazer, mas não são da minha área. Tenho de me preparar, tentar perceber. No caso da religião, mesmo quem só faz religião não domina, eu as vezes oiço certas coisas e não percebo, mas depois vou investigar o que é aquilo, e porque falaram naquilo, para tentar perceber, mas eu sou muito chata porque eu pergunto tudo.

Há facilidade de encontrar informação? Há facilidade de encontrar fontes?

AS- Sim, encontra-se informações e fontes. O problema é a linguagem. Porque quando eu fiz o trabalho do Consistório eu encontrei gente muito engraçada que eu não conheço pessoalmente, e hoje eu já encontro pessoas que falem sobre determinados temas, por exemplo esta história da Igreja, porque é que existem os cardeais e falei com um historiador em Coimbra que achei absolutamente fantástico, porque ele de facto explicou-me e contou me de uma forma simples e quando eu não percebi ele explicava. Por isso sim consegue-se. Quando o ano passado fiz um trabalho sobre a possibilidade das mulheres virem a ser ordenadas, o que as impedia, e segundo o cardeal não havia impedimentos teológicos e eu encontrei gente, padres e teólogos e gente fantástica que pensa as coisas da Igreja e que sabe. Agora dá trabalho, mas nós temos hoje em dia a Universidade Católica que tem excelentes pessoas e professores que falam connosco. Nós já temos um conjunto de gente com quem conseguimos falar sobre determinados temas, depende dos temas e conseguimos já associar determinadas pessoas a determinados temas.

Estabelece-se boas relações com as fontes?

AS- Sim. Eu tenho pessoas que só conheço por telefone e tem sido 5 estrelas comigo, absolutamente fantásticas na ajuda.

Essas vão ter influência direta no que é noticiado?

AS- As fontes têm sempre a sua influencia. Depende, eu procuro sempre ouvir diferentes pessoas de vários quadrantes. Por isso é que somos jornalistas porque temos de ouvir sempre o contraditório. Eu normalmente costumo ter sempre diferentes visões da mesma coisa. Por exemplo quando o cardeal me diz que não existe objeção teológica para a mulher ser ordenada, eu vou ouvir pessoas que estudassem esta área e que concordem ou não estudaram e me podem explicar em termos históricos e da Igreja. E a partir daí consegues fazer um texto com três ou quatro pessoas a falar.

Há uma relação definida entre Igreja e os *media*?

AS- De à uns tempos pra cá as coisas têm melhorado. Nós dependemos sempre um bocado da Conferência Episcopal. Porque há determinados assuntos que precisamos que um bispo fale sobre esse assunto, e quem devia falar sobre isso era o cardeal patriarca. Porque ele neste momento é o presidente da Conferencia Episcopal Portuguesa, é a pessoa mais importante em termos de hierarquia em Portugal. Por exemplo se o ministro da Segurança Social anuncia medidas que vão ter implicações na Caritas ou nas Misericórdias. A Igreja tem que ter uma posição, uma palavra a dizer sobre isso. A Igreja é uma estrutura que independentemente daquilo que eles pensam, tem que ter uma opinião sobre tudo, como eu tenho e como qualquer pessoa tem que ter uma opinião. E principalmente numa estrutura como a Igreja. Que acontece hoje em dia? Nós temos a Conferência Episcopal de à uns anos pra cá tem um porta-voz. Que costuma ser um bispo. De à seis anos pra cá, é um padre, o padre Morujão. Quando nós queremos falar ou queremos uma opinião da hierarquia, nós ligamos ao padre Morujão. Agora uma declaração do padre Morujão pode ser igualzinha à declaração do Cardeal Patriarca mas não tem o mesmo peso. Uma coisa é eu por em título o que porta-voz da Igreja disse e outra é eu por o que o Cardeal Patriarca diz. Isto quer dizer que em termos de peso hierárquico tem muito mais peso uma palavra do cardeal do que uma palavra do padre Morujão. De qualquer maneira ele é o porta-voz. Eles têm pelo menos que ter o porta-voz disponível para falar, se eu ligo ele atende o telefone, se não atende liga-me de volta. Independentemente de onde estiver, eles nisso têm sido impecáveis. Eles têm feito todos anos um encontro promovido pela agencia Eclésia para jornalistas ligados à Igreja, mas aí já vão

também pessoas que fazem jornais paroquiais e assim. Mas dentro da própria estrutura da Igreja existe um bispo responsável pela comunicação social, que é o bispo auxiliar do Porto³⁴. Mesmo assim não é uma pessoa acessível. Isto para dizer que já foi mais complicado mas não é muito fácil. Neste momento, para mim é fácil porque eu já os conheço à muitos anos e mesmo assim há bispos que fogem de nós e que não querem falar. Eu lembro me quando foi as eleições da Madeira, havia uma reunião em Fátima e estavam os bispos todos, e o bispo do Funchal, e ele viu-me e cumprimentou-me, e eu fui para o cumprimentar e ele fugiu de mim. Eu abordei-o ele disse-me que tinha pressa, e eu tranquilizei-o dizendo que não lhe ia falar das eleições na Madeira. Ainda há este receio do que os jornalistas perguntam, o que os jornalistas querem saber. Eles nunca como agora tiveram tantos jornalistas atrás deles. E eles em vez de aproveitarem para passarem a mensagem que quiserem da forma que quiserem, têm esse privilégio porque têm jornalistas atrás deles. Eu as vezes sofro imenso para conseguir uma simples declaração. Às vezes ainda é complicado mas as coisas estão melhores. Demora o seu tempo, mas eles vão lá.

³⁴ D. João Evangelista Pimentel Lavrador. Nasceu em 18 de Fevereiro de 1956 em Mira. Foi ordenado sacerdote em 1981 e ordenado bispo em 2008. Desde 1999 desempenha as funções de Secretário da Comissão Episcopal das Comunicações Sociais. Em 2005, passou a ser Comissão Episcopal da Cultura, dos Bens Culturais e das Comunicações Sociais.

Anexo 2 – Entrevista com Ana Guedes

23 anos – Licenciatura em Comunicação Organizacional vertente Comunicação Empresarial e Relações Públicas na Escola Superior de Educação de Coimbra. Desde 2011 trabalha na Conclusão³⁵ com funções de Assessoria de Imprensa.

Entrevista feita a 25 abril 2012

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Ana Guedes - Descrevo como uma aventura. Isto porque a nível académico mais do que estudar, é uma fase de crescimento e contacto com diversas gerações e aprendizagens contínuas, sendo a ponte para a vida profissional. Atualmente o percurso profissional é uma estrada da qual muitas vezes temos de escolher caminhos e tomar decisões que podem mudar a nossa vida e a vida dos que fazem parte dela.

De que forma surgiu o jornalismo/comunicação na sua vida?

AG - Desde pequena que a área de jornalismo e comunicação está intrinca nos meus conhecimentos. De pequenino se torce o pepino e assim foi, desde pequena que fui ligada aos livros e à escrita.

Teve algum tipo de educação cristã?

AG - Sim e atualmente ainda estou ligada à educação cristã.

Quando e como começou a ser fonte jornalística?

AG - Desde a faculdade. No âmbito do desenvolvimento de eventos académicos.

Qual o seu objetivo enquanto fonte jornalística?

AG - Dado que é uma área muito específica é sensibilizar para a importância da formação profissional e as suas mais-valias no mercado de trabalho atual.

Tem como objetivo influenciar a opinião pública?

AG - Não digo influenciar mas mudar a opinião pública no que toca à formação profissional ao longo da vida.

³⁵ Empresa de estudos e formação profissional e consultoria sediada em Coimbra.

É fonte de assuntos em geral ou de algum tema específico?

AG - Tema específico: formação profissional e empresarial.

O que se pode considerar importante ao ponto de ser notícia?

AG - Provém da importância de determinado facto ou evento a potenciar junto dos órgãos de comunicação social.

Tem algum cuidado especial na abordagem na informação que transmite e na forma como a transmite?

AG - Sim, a forma como se apresenta a notícia até a sua abordagem é trabalhada consoante o público-alvo que se pretende atingir.

Como é conseguida a informação?

AG - Dado que o trabalho é como assessora de imprensa, acabo por ser a fonte muitas vezes dos jornalistas. A informação no meu caso é gerada a partir da empresa e dada a conhecer junto dos órgãos de comunicação social.

Encontra algum tipo de dificuldades?

AG - Não

É fácil entrar em contacto com os jornalistas? Que relações se estabelece com os jornalistas?

AG - No âmbito do desenvolvimento das atividades da organização com que atualmente colaboro, os jornalistas tem um papel preponderante, sendo que a nível de contacto são bastante acessíveis, tendo uma boa relação com os mesmos.

Enquanto fonte de informação é abordado de que forma pelos jornalistas quando são estes que o procuram?

AG - Consoante as situações a abordagem pode ser feita de forma informal através de um contacto telefónico e uma pequena conversa de café, mas até aí temos de manter um nível formal com a marcação de reunião.

Alguma vez vivenciou alguma situação mais complicada por facultar informação?

AG - Até hoje não.

Há algum tipo de interesse ao transmitir informação?

AG - Há sempre interesse na transmissão de informações, seja desde dar a conhecer um produto ao reforçar a imagem institucional de uma empresa.

Qual o seu papel na elaboração de uma notícia?

AG - Acabo por ser a voz da empresa e a ponte de interligação entre uma entidade e o público.

Como é o teu trabalho como assessora?

AG - O papel enquanto assessora de imprensa é aproximar os órgãos de comunicação social da realidade das empresas, desde do envio de notícias referentes às atividades da entidade à transmissão de informações de interesse público. É impossível para os meios de comunicação terem acesso do que ocorre em entidades privadas sem a ajuda de um assessor de imprensa.

O que pensa do jornalismo na atualidade?

AG - No meu ponto de vista pessoal o jornalismo encontra-se numa fase de mudança. O desenvolvimento das redes sociais tem-se tornado uma fonte preciosa de difusão das notícias e acesso às mesmas por parte dos jornalistas. Atualmente o contacto com os jornalistas e acesso às notícias em primeira mão é muito mais acessível.

Na sua opinião há uma relação definida entre os *media* e a Igreja?

AG - Sim sem dúvida que há. A abertura da igreja com o passar dos anos, acabou por ver nos media um meio difusor da fé cristã e uma ponte de interligação com os seus devotos.

Anexo 3 – Entrevista com Ana Isabel Costa

43 anos – Cursos de formação do CENJOR. Cursos de formação de jornalistas. É jornalista da Antena 1 desde 1994.

Entrevista a 12 de Maio de 2012

Como é que descreve o seu percurso académico e profissional?

Ana Isabel Costa - Provavelmente como muita gente da minha geração começou. Eu comecei a fazer radio nas antigas rádios piratas logo depois de terminar o 12º ano e só depois é que fiz os estudos, portanto comecei primeiro a trabalhar. Fica uma paixão, depois para quem tem o gosto de comunicar a radio é fascinante. Fiz muitos cursos de formação profissional, fiz duas tentativas de concluir um curso universitário, que até hoje ainda não consegui, mas pronto tenho sempre procurado atualizar conhecimentos sobretudo através de cursos de formação profissional, leio muito e procuro atualizar-me, sobretudo as tendências, perceber o que é que está a acontecer como é que não só em Portugal mas também no Mundo os meios de comunicação social estão a mudar e como é que o Mundo esta a mudar em função desses meios e pronto tem sido assim.

E o jornalismo como é que surgiu?

AC - Precisamente nessa fase depois de terminar o 12º ano. Eu sempre tive grande apetência para a comunicação oral e depois de experimentar a rádio percebi que estava como peixe na água. Também experimentei no início programas de animação, mas os meus programas tinham sempre um pendor informativo com entrevistas e portanto eu percebi que era o que eu gostava de fazer e portanto, tantos anos volvidos já lá vão 22, continuo a sentir-me realizada e continuo a sentir-me estimulada por fazer jornalismo até porque é cada vez mais desafiante faze-lo hoje em dia.

É correspondente da Antena 1 certo?

AC- Sim, antes fui correspondente e jornalista da Radio Renascença durante 2 anos, também em Leiria e agora sou correspondente da Antena 1.

E como é que surge esta questão do jornalismo religioso?

AC - A questão para já surge pela proximidade, primeiro porque eu vinha da Rádio Renascença, portanto era suposto ter alguns conhecimentos extra, depois também sou Católica, tenho todos os Sacramentos, estudei num colégio Católico, fui catequista, portanto é um meio que eu domino e onde não me sinto estranha e em Portugal ainda existe muita gente que no nosso meio jornalístico, que não tem grande formação nesta área. E pronto surgiu naturalmente, até pela proximidade de Fátima e como aqui acontece muitos eventos que têm naturalmente a ver com a Igreja. Mas não se resumem só às Peregrinações Aniversárias de 12 e 13 de Maio, de Agosto e Outubro. Com isto tudo foi algo que então surgiu naturalmente.

Então considera que a educação Cristã que teve acaba por ser importante hoje em dia para desenvolver o seu trabalho?

AC – Claro! Não é um universo estranho, não tenho preconceitos relativamente a ele, o facto de conhecer os mandamentos, os dogmas, enfim de conhecer o funcionamento da Igreja também me permite mais facilmente movimentar-me, perceber como é que as coisas funcionam, perceber até os limites. E a linguagem, isso é importante porque o mundo, a religião tem uma linguagem própria e eu às vezes fico um bocadinho chocada porque às vezes é aplicada tipo uma linguagem futebolística como por exemplo quando dizem que “o recinto tem casa cheia”, “quais são as receitas” esse tipo de coisas. E conhecer a linguagem também é importante, portanto acho que sim a educação é uma mais-valia.

Quando o tema é religião como é que é o seu dia a dia?

AC - Então é assim, eu todos os meses tenho uma presença em Fátima e tem a ver com o acompanhamento em permanência da estrutura de cúpula, eles não gostam que se chame assim mas pronto, com a estrutura hierárquica da Igreja Católica através do Conselho Permanente da Conferencia Episcopal Portuguesa. Os bispos compõem esse conselho permanente, reúnem mensalmente e fazem-no em Fátima no início de cada mês. Discutem normalmente temas da atualidade, preparam documentos pastorais que depois são emitidos, também abordam naturalmente temas da atualidade. E portanto, todos os meses eu venho a Fátima. Depois eu estou sempre atenta às questões religiosas porque, hoje em dia até pelo momento de crise em que vivemos as pessoas que ainda são maioritariamente Católicas no nosso país têm um grande apego á religião e ultimamente se calhar tem maior relevo as palavras de conforto que a Igreja lhes pode dizer. Portanto como também a Igreja está em mutação até porque está a decorrer um processo de restauração da própria, da própria Igreja,

da forma a repensar a Igreja em Portugal, está a decorrer esse processo e portanto também é uma questão que se acompanha diariamente.

Quais são os critérios que usa pra definir os temas em agenda?

AC – Bom, os critérios têm haver sobretudo com atualidade. Trata-se de rádio no meu caso. Por exemplo, quando há a questão do desemprego, há maior preocupação, as pessoas sentem uma grande falta de esperança, são normalmente atacadas no seu dia-a-dia, isso é um critério para mim, ou seja, é um critério saber o que é que a Igreja tem a dizer a essas pessoas. Para além disso tem a ver com quem difunde a mensagem, com quem por parte da instituição difunde a mensagem, obviamente porque tem maior peso da acordo com quem fala. Basicamente são esses os critérios, que são no fundo aqueles que norteiam todo o meu trabalho jornalístico. Fundamentalmente tenho de estar atenta á atualidade.

É difícil falar da igreja?

AC - É, às vezes é. Porquê? Primeiro porque a Igreja ainda têm uma linguagem muito hermética, uma linguagem muito própria, às vezes um bocadinho desfasada no tom e no conteúdo da nossa própria realidade contemporânea. Às vezes é difícil de descodificar a mensagem, eu procuro fazer isso ou seja não é difícil falar na Igreja no sentido em que para mim não é um bicho-de-sete-cabeças falar sobre esses temas mas às vezes é difícil descodificar a mensagem que a Igreja quer passar, que acho que é o nosso papel de jornalistas. A nossa função é tentar levar a mensagem às pessoas de forma compreensível e clara e por vezes isso é difícil sobretudo porque quando estamos a faze-lo, temos de ter em mente não uma perspectiva beata da coisa, quer dizer eu tento afastar-me um bocadinho do facto de ser católica como é evidente. Claro que isso está implícito no meu trabalho mas tento me afastar um bocadinho disso e tentar ser o mais isenta possível. Eu espero que a mensagem seja suficientemente clara para as pessoas e é basicamente isso que eu procuro.

Quando o assunto é Igreja é preciso ter algum cuidado especial ou alguma preocupação ou é um tema como outro qualquer?

AC - Não, não é um tema como outro qualquer exatamente pelas condicionantes todas que eu já falei. Primeiro é um universo muito próprio, existe uma hierarquia muito própria, uma forma de funcionamento muito própria da Igreja. Existe sobretudo uma linguagem, quer dizer sem falar obviamente com a tal linguagem hermética que às vezes o clero usa mas existe uma linguagem própria da Igreja e portanto é preciso ter alguns, alguns cuidados. Mas eu também

utilizo esses mesmos cuidados, que não são exclusivos para o meu trabalho enquanto jornalista do assunto religioso, eu também utilizo esses cuidados por exemplo quando estou a falar de medicina. Porque convém fazer-mos passar a mensagem condignamente, mas sim eu uso alguns cuidados, admito que a escolha das palavras é cuidada para descrever ambientes religiosos e depois existe uma linguagem própria de não dizer como eu já tenho ouvido dizer por vezes “ no recinto do Santuário” quase como se fosse um estádio de futebol. Depois é importante saber distinguir uma homilia de uma eucaristia, saber quais são as vestes porque em rádio isso é preciso, é preciso ser os olhos das pessoas e portanto é necessário descrever e usar uma linguagem muito mais descritiva. Isto acontece sobretudo quando se faz uma reportagem. Portanto também é bom ter conhecimentos relativamente às vestes, ao que está a acontecer numa cerimónia, por exemplo quando eu falo de cerimónias o que está a acontecer numa cerimónia para descodificares o que se está a passar e poderes comunicar, á parte disso só os outros cuidados normais de tentar maior rigor e isenção.

Quando tem uma notícia como é que é o processo de elaboração?

AC - Uma notícia de cariz religioso? Lá esta primeiro tento analisar á luz do que se quer dizer porque às vezes a Igreja caracteriza ainda um bocadinho a sua mensagem por uma, não tanto hermética como eu estava a dizer à bocadinho, mas por quase por parábolas. As pessoas tentam por vezes não dizer claramente aquilo que querem, não chamam as coisas pelos nomes. Portanto o que eu tento fazer é quando estou a ler, por exemplo, um comunicado, a minha principal preocupação é subentender o que está escrito e tentar analisar para depois filtrar aquilo que é mais importante. É obvio que isso é um critério sempre muito subjetivo, que depende obviamente da sensibilidade e da vivência de cada um, filtrar o que eu considero mais importante para depois transmitir.

Encontra algum entrave no acesso á informação ou na elaboração da notícia?

AC - No meu caso não, não tenho sentido, admito que por exemplo á uns anos atrás tudo isto era muito mais complicado. Por exemplo aqui em Fátima não havia acesso direto a quem dirigia por exemplo a reitoria do Santuário, era preciso surgir uma notícia. Recordo-me perfeitamente, uma vez surgiu uma notícia sobre a passagem da administração do Santuário de Fátima para a Santa Sé que depois se veio a verificar que não correspondia á verdade, mas era necessário confrontar alguém do Santuário com isso e até que isso acontecesse demorou praticamente um dia, quer dizer e mesmo assim já foi uma exceção aberta na altura pela pressão feita pelos jornalistas que confrontaram tanto a reitoria do Santuário que alguém teve

que se pronunciar sobre isso. De resto era muito difícil, havia a possibilidade de comunicar com a reitoria uma vez por ano por ocasião do 12 e 13 de maio e nunca havia ninguém que falasse. Hoje em dia não, esse acesso está mais facilitado. O Santuário fez um grande esforço também de aproximação aos jornalistas abrindo um gabinete de imprensa que funciona, que é ativo, que envia diariamente informação, que também facilita essa comunicação com a hierarquia. Relativamente ao clero Português também não tenho sentido dificuldades mas lá está, como faço á tantos anos isto também já tenho muitos contactos e conhecimentos, admito que para mim seja mais fácil, mas nunca notei por parte da Igreja nenhum impedimento ao meu trabalho desde que o faça com respeito e que contacte as pessoas, que solicite informação nunca me foi vedada.

É fácil então encontrar fontes?

AC – É. As fontes cultivam-se, mas isso é em todos os âmbitos do jornalismo, não é só no religioso. Admito que a minha vida seja facilitada porque conheço quase todos, todos me conhecem e assim é fácil. Tenho o telefone de quase todos, portanto é mais fácil mas isso cultiva-se e também acho que sem falsas modéstias também granjeei o respeito das pessoas que são os meus interlocutores porque fazendo isto á tantos anos e fazendo-o de uma forma que eu pretendo que seja isenta, clara, também tenho granjeando o respeito das pessoas e assim é mais fácil.

De que forma é que as fontes vão influenciar as notícias?

AC - É sempre uma tentativa, as fontes fazem sempre essa tentativa, cabe-nos a nós jornalistas ser suficientemente atentos para não permitir que isso aconteça mas é impossível que não aconteça, nós somos humanos. O que é que acontece? Acontece que neste caso em particular, o que se procura fazer normalmente, pelo menos eu procuro estabelecer uma relação pessoal e presencia-la, o *face-to-face* não é substituído pelos meios como a internet nem a comunicação por telefone ou seja, é muito mais fácil estabeleceres uma relação direta com as pessoas depois de falar com elas pessoalmente, se te deres a conhecer, se criares alguma empatia é mais fácil depois teres acesso às fontes por isso, a relação que eu procuro estabelecer é uma relação pessoal muitas vezes e criar essa mesma empatia com as fontes.

O que acha do jornalismo atualmente?

AC - Por vezes desencanta-me um bocadinho a forma como as pessoas desempenham a sua função. Eu sei que muitas vezes não podemos imputar a culpa ao jornalista porque as pressões

que sofre são grandes por parte das suas chefias editoriais que os obrigam a fazer coisas com as quais eles não concordam. Também já me aconteceu e por isso eu não aponto toda a culpa ao jornalista, aos agentes da notícia, mas às vezes desencanta-me um bocadinho a forma como os jornalistas são pouco precisos, são levianos e abordam de forma muito o mais fácil. O espetáculo, exploram o espetáculo em vez de ir á essência em vez de ir á essência da notícia e isso ás vezes choca-me um bocadinho. Relativamente ao caso português acho que se fica sempre tudo muito pela superficialidade, acho que falta o aprofundamento das notícias mas também vivemos tempos tao difíceis e conturbados, muitos dos jornalistas são precários, têm o emprego em risco, por isso às vezes não se podem dar ao luxo, é quase um luxo de serem eles próprios a escolher o seu ângulo da notícia, muitas vezes o que acontece é quando nós estamos as vezes em conferência de imprensa, percebemos perfeitamente qual é o ângulo da notícia pelo qual aquele jornal vai tratar o tema no dia seguinte pela forma insistente como tentam explorar algumas coisas, já vão para uma conferência de imprensa com o ângulo da notícia em vez de irem ouvir e depois fazerem a síntese do que aconteceu. Eles já vão definidos a quererem que lhes digam alguma coisa que encaixe perfeitamente, já vão com o *lead* e o título feito, às vezes é um bocadinho assim e isso incomoda-me. Acho que mais do que nunca o jornalismo tem de ser rigoroso, tem de ser interventivo no sentido em que não podemos ter amorfos, não podemos limitarmo-nos a ver a realidade passarmo-nos ao lado sem termos uma influência sobre ela, acho que devemos dar o retrato do que se passa de uma forma crua para as pessoas poderem fazer depois a sua análise e no fundo devemos transmitir ás pessoas, devíamos dar as pessoas elemento para que elas possam fazer a sua própria análise de uma forma mais objetiva, acho que é esse o papel também.

E a relação entre os *media* e a Igreja?

AC - Acho que neste momento é uma relação pacífica, mas hoje em dia acho que está estreitada essa relação entre os *media* e a Igreja, até porque pela quantidade de jornalistas que acompanham de forma permanente este fenómeno, o que também permite á própria Igreja ter alguma confiança na forma como os temas são tratados de forma mais profissional, digamos assim. Acho que também se criou uma relação de confiança entre a Igreja e os jornalistas, que penso que até hoje pelo menos não de forma muito drástica, nunca foi quebrada, eu digo de forma não muito drástica porque há pontualmente aqui e ali tipo embargos documentos que nos são dados como embargos que as vezes são violados.

Isso acaba por prejudicar o vosso trabalho...

AC - Claro, acaba porque cria uma relação de desconfiança e é obvio que se alguém nos entrega um documento e nos confia que ele está embargado até X horas, até ser preferido publicamente e alguém se antecipa e pública antes, há um caso concreto disso que foi na ultima Assembleia Plenária dos bispos e ser divulgado um comunicado que, que tratava de uma análise feita pela Universidade Católica á população Portuguesa e que ia definir se a população Católica tinha crescido ou decrescido. E portanto o documento foi passado às agências com embargo e elas violaram esse embargo e portanto quer dizer acabou por ser notícia, os próprios bispos muitos deles tomaram conhecimento do relatório que lhes ia ser apresentado presencialmente pelo responsável pelo estudo da Universidade Católica, acabaram por ter conhecimento dele pelos jornais. É óbvio que cria uma relação de desconfiança mas de uma forma geral acho que é uma relação de confiança mutua.

Anexo 4 – Entrevista com António Marujo

51anos – Licenciatura em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Associado do Metanoia - Movimento Católico de Profissionais – onde é coordenador editorial da *Viragem*, a revista do movimento. Jornalista do *Público* desde 1989.
Entrevista a 13 maio de 2012

Como é que descreve o seu percurso académico e profissional?

António Marujo - Em termos académicos fiz um curso de Comunicação Social. Em termos profissionais tive a trabalhar na revista *Cáritas*, que existia nessa altura, colaborei no semanário *Expresso*, estive oito meses no *Diário de Lisboa* que também já acabou, enfim, colaborei em várias publicações, em alguns programas de rádio e televisão e acabei no *Público* em setembro de 1989.

O jornalismo sempre foi uma coisa que quisesse ou foi uma coisa que foi surgindo?

AM - Foi uma coisa que desde muito cedo me apaixonou, sempre gostei muito da escrita e a partir da adolescência comecei a interessar-me pela linguagem jornalística e pareceu-me que era por aí que eu gostaria de enveredar.

E esta, e esta especialização em jornalismo religioso?

AM - Foi uma coisa que foi nascendo, porque era um universo que me interessava, em termos pessoais e portanto foi uma maneira de ligar dois mundos que me entusiasmavam. Não houve assim um clique, um momento em que isso surgiu como uma decisão mas foi aparecendo e portanto a dada altura eu achei que gostaria de fazer, utilizando a linguagem jornalística, que gostaria de falar deste universo religioso e as coisas foram-se proporcionando nos meios onde eu fui trabalhando e fui fazendo alguns trabalhos nessa área. Depois quando fui convidado para o *Público*, já foi para ter como tarefa prioritária a informação religiosa e aquilo que a tarefa prioritária no início acabou por ser de facto uma tarefa muito dominante porque á muita coisa para se poder falar neste âmbito e neste universo.

Teve uma educação crista?

AM - Sim.

E de que maneira é que isso influencia hoje em dia?

AM - Posso dizer que influência no sentido em que a linguagem deste universo não me é desconhecida pelo contrário porque conhecendo-a posso manejar melhor os conhecimentos, a informação e o sentido das coisas. Agora não me parece que seja que esse facto influencie o modo como eu olho, como é que eu posso dizer isto, não me parece que o facto de ter tido essa educação, influencie de algum modo o exercício da profissão num sentido ou noutro, quer dizer eu sinto-me 100% jornalista sem despir a minha pele e as minhas convicções como crente porque nunca senti que isso chocasse uma coisa com a outra, pelo contrário acho que em termos profissionais há códigos éticos e deontológicos que apelam a determinados valores e conceitos com os quais eu concordo praticamente a 100% e que coincidem muito também com muitas das minhas convicções enquanto crente, portanto nunca me senti em choque nessas duas condições podemos falar assim.

Atualmente só aborda mesmo a temática da religião?

AM - Digamos que de vez em quando faço outras coisas mas maioritariamente falo de religião.

Como é que é o seu dia á dia?

AM - Como os outros jornalista. É recolher informação, falar com pessoas, ler coisas, preparar entrevistas, preparar reportagens, escrever notícias, portanto não é muito diferente do que outros camaradas de profissão podem dizer sobre o seu dia-a-dia, acompanhar políticos ou a acompanhar o futebol ou a acompanhar outros universos.

Em que, que se baseia para escolher os temas em agenda, o que é que considera notícia?

AM - Obviamente naquilo que é a atualidade, naquilo que me parece que pode ser interessante para as pessoas lerem já que trabalho num jornal, e tendo em conta também obviamente a minha sensibilidade ou seja a informação que se passa nunca pode ser objetiva porque nós somos pessoas e portanto falamos de subjetividade, o que me parece é que é importante é ser rigoroso, ser honesto na forma como transmitimos a informação às pessoas e ao fazer seleção já estou a usar os meus critérios, a usar a minha formação a usar a minha sensibilidade em relação aquilo que me parece mais importante. Escolho pessoas para entrevistar porque me parece a partir de determinados critérios e determinados pontos de vista que essas pessoas tem algo a dizer, portanto todas essas escolhas, todas essas opções são fruto dessa subjetividade, agora procuro que isso corresponda e que isso tenha eco nas pessoas que

me leem portanto por, pelos ecos que me vão chegando de forma como eu abordo as coisas da forma como, como escolho pessoas, temas, notícias, informações que dou, parece-me que em muitos casos pelo menos é certo naquilo que os leitores do jornal onde eu trabalho querem ler nesse jornal também.

É um tema difícil? A Igreja?

AM - Tanto quanto outros. Eu acabo por não reduzir o que faço só à Igreja Católica embora obviamente o Catolicismo seja dominante em Portugal e portanto por razões naturais estamos em Portugal e um jornal como o *Público* não pode deixar de privilegiar aquilo que é um noticiário oriundo do universo Católico mas desde o início do jornal que trato outros universos religiosos, seja o Protestantismo, o Cristianismo Protestante, seja outras religiões como o Judaísmo, o Islão, o Budismo e por aí fora. O universo religioso é um tema difícil porque tem uma linguagem específica muitas vezes mas isso acontece com outros universos porque se formos falar com médicos também é uma linguagem específica, se formos falar com juízes e advogados também há uma linguagem específica.

Não há portanto um cuidado especial?

AM - Eu acho que o cuidado deve ser cuidado que qualquer jornalista deve ter, ou seja, ao fazer um trabalho preparar-se muito bem e tentar fazer muito bem do que esta a falar, porque eu não seria capaz de escrever sobre futebol antes de me informar muito bem sobre futebol, sobre o significado de algumas coisas do mundo do futebol, sobre as táticas e estratégias dos jogadores e sobre o modo como os jogadores se posicionam no campo e tudo isso. Portanto ao falar sobre o religioso, eu também tenho que saber que para já dizer os nomes certos das coisas portanto não chamar nomes errados, não trocar o treinador pelo jogador, não trocar o campo pela baliza, não trocar essas coisas todas como se estivesse a falar do futebol e depois saber também o que é que significam as movimentações internas no campo religioso, saber o que é que significam as expressões das pessoas, saber, tentar perceber dinâmicas sociais e dinâmicas individuais que hoje são importantes porque a religião remete para essa dupla vertente de algo que é muito importante para a vida pessoal de muita gente mas que depois tem traduções em manifestações coletivas como por exemplo o que a gente verifica num fenómeno como Fátima.

Como é que é o processo de elaboração da notícia?

AM - É perceber o que é que é importante na notícia, o que é relevante e depois construir uma notícia, com as regras profissionais, portanto a pirâmide invertida e todas essas coisas mas enfim, procurar respeitar esses critérios, obviamente depois depende se estamos a falar duma notícia seca, pura e dura se estamos a falar duma crónica, duma reportagem, duma entrevista portanto obviamente ia tentar obedecer aos critérios de cada género jornalístico. Mas a técnica em princípio é semelhante á técnica que eu usaria se escrevesse uma notícia sobre economia, sobre política ou outra coisa qualquer.

É fácil encontrar a informação para fundamentar as notícias ou encontra algum tipo de entraves?

AM - Digamos que em Portugal a situação evoluiu positivamente nestes vinte anos em que eu já posso olhar para trás e ter uma perspetiva, ter uma retrospectiva, mas penso que também já poderiam ter dado passos muito mais rápidos da parte das instituições religiosas e da parte do jornalismo. Acho que parte da instituições religiosas há muitas vezes ainda um certo medo do que os jornalistas podem fazer com a informação religiosa e do lado do jornalismo há muito preconceito em relação aquilo que é fenómeno religioso e aquilo que são as instituições religiosas. Portanto nestes vinte anos apesar de terem dado muitos passos em Portugal acho que estamos muito longe do que se verifica noutros países europeus em que é normal haver jornalistas vocacionados para fazerem informação religiosa nas televisões, nas rádios, nos jornais e são normalmente grandes jornalistas, grandes nomes do jornalismo de países como Itália, França, Espanha, Inglaterra, Reino Unido, Alemanha por ai fora. Infelizmente em Portugal acho que ainda estamos muito longe disso como digo por medos e preconceitos e ignorância que existem dos dois lados, falando assim dos dois lados da barreira digamos assim.

E fontes, á facilidade em encontrar fontes?

AM - Há, se as pessoas perceberem que o trabalho é sério e que se pretende trazer para a praça pública algo que me parece bem, como eu dizia pouco, porque penso que o fenómeno religioso é uma questão que continua a ser muito importante nas nossas sociedades mesmo se publicamente na Europa está a sofrer algumas alterações nas suas dinâmicas. As pessoas estão-se a desligar de dinâmicas institucionais e a religião está a ter manifestações muito mais individualizadas muito mais autónomas e tem a ver com a consciência individual. Isso não significa que a religião desapareceu, significa como dizem os entendidos da sociologia

religiosa que a religião não desapareceu, simplesmente mudou de lugar. E portanto para mim mais do que as instituições o que me importa é perceber o fenómeno religioso enquanto dinâmica de pessoas, de grupos, de povos, e isso é que me entusiasma, não é tanto o falar de instituições, é mesmo o perceber o que é que estamos a viver a um nível mais profundo hoje nas nossas sociedades e que toca a dimensão religiosa.

Como é que essas fontes vão influenciar a notícia?

AM - É assim esse trabalho com as fontes a partir do momento em que as pessoas percebem que de facto o que me interessa é entender essas dinâmicas profundas, eu acho que as fontes acabam por confiar e por falar connosco na perspectiva de comunicar algo que realmente é importante para as dinâmicas sociais e para perceber os dinamismos que hoje atravessam as sociedades. Até hoje nunca tive ninguém que quisesse influenciar-me, quer dizer possivelmente houve meia dúzia de coisas em que as pessoas talvez quisessem influenciar num sentido ou noutro de determinada notícia ou determinada informação mas, penso que rapidamente as pessoas perceberam que eu não, pelo menos eu iria tentar não me deixar influenciar e que fazia as coisas segundo os meus critérios e portanto possivelmente às vezes, enfim, não somos seres quimicamente puros e portanto isto da influencia também não é suscetível de ser medido ao milímetro. Obviamente quando eu falo com algumas pessoas se calhar deixo-me influenciar mais do que falar com outras porque exatamente o meu subjetivismo entra em cada trabalho que faço e portanto ao selecionar as fontes com quem falo, as informações que recolho as notícias que vou tratar, tudo isso, estou a sujeitar-me a um conjunto de influências que são as da minha educação a dos meus critérios a da minha história pessoal e mais tudo de que aquilo de que tudo que me rodeia portanto não sou quimicamente puro nem inorgânico não é? Portanto sou uma pessoa como outra qualquer.

E que relações estabelecem com essas mesmas fontes?

AM - Relações de uma certa proximidade e da distância necessária para que eu possa fazer o meu trabalho com convicção de que estou a ser profissionalmente rigoroso e que estou a ser honesto comigo mesmo e com a minha consciência com os leitores do trabalho que faço.

Há uma relação definida entre os meios de comunicação social e a Igreja?

AM - Isso tem a ver com aquilo que eu dizia à bocadinha que é, há um caminho que já se faz e que registou alguns avanços nestes vinte ou vinte e tal anos em Portugal mas essa relação ainda é feita de muitos medos mútuos e de muitos preconceitos.

Como é que isso se pode melhorar?

AM - Passa sobretudo pela mudança de duas atitudes básicas. Bom, passa desde logo por uma questão essencial que é as pessoas conhecerem-se umas às outras e as pessoas conhecerem os problemas que de um lado e de outro existem, as dificuldades e também as virtualidades e depois conhecendo tudo isso o contato é mais fácil, as chamadas de atenção também são mais fáceis e a colaboração mútua também é mais fácil. Enquanto as pessoas não perceberem que de um lado e doutro há pessoas honestas e há pessoas de boa vontade e pessoas que querem ser bons profissionalmente naquilo que fazem, sejam jornalistas, sejam agentes do fenómeno religioso, obviamente que continuará a existir um grande preconceito e uma grande ignorância. Quando as pessoas entenderem que do lado de lá também podem ter interlocutores válidos e honestos e de boa vontade as coisas mudam muito facilmente.

Anexo 5 – Entrevista com João Figueira

48 anos – Licenciatura em Jornalismo e Mestrado em Comunicação e Jornalismo pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Jornalista durante 26 anos. Socio da Ideias Concertadas desde 2006.³⁶

Entrevista a 20 de abril de 2012

O que é um assessor de imprensa?

João Figueira – Um assessor de imprensa é um profissional que trabalha numa organização, seja que organização for. Uma empresa, uma instituição qualquer, pública ou privada e que tem como objetivo estabelecer a ligação entre essa organização e os órgãos de comunicação social. Esta é digamos o conceito mais linear de um assessor de imprensa. É evidente que com a crescente complexidade que as relações e os relacionamentos entre as organizações e as suas necessidades de comunicação têm vindo a requerer o seu papel também tem vindo gradualmente, não diria a alterar-se mas sim a ganhar outro tipo de contornos, ou seja o assessor de imprensa é alguém que serve para fazer essa ligação, é alguém que serve também para facilitar o relacionamento entre os órgãos de comunicação e uma determinada organização, ou seja, no sentido de responder às necessidades que os próprios *media* noticiosos têm quando contactam uma determinada organização e portanto o assessor de imprensa é digamos o elemento que faz essa ponte, essa ligação e que sensibiliza dentro da própria organização também as pessoas indicadas para responder às questões que são colocadas, que as sensibiliza para essa importância e que procura responder também à necessidade do jornalista. Em suma, diria que é alguém que ajuda na comunicação para o exterior, ajuda na comunicação entre as empresas, entre as instituições, entre as organizações e a comunicação social. Isso é, digamos, na sua forma mais linear, agora as suas múltiplas funções são vastas e dependem muito e variam muito de organização para organização.

Como é desenvolvido o trabalho de um assessor de imprensa?

JF- O papel do assessor de imprensa varia muito de organização para organização. Há organizações onde o papel do assessor de imprensa é um papel importante, no sentido de que tradicionalmente o assessor de imprensa visa canalizar informações para os órgãos de comunicação social e visa depois por outro lado facilitar o acesso a esses órgãos de

³⁶ A Ideias Concertadas é uma empresa de comunicação e produção de conteúdos sediada em Coimbra.

comunicação social a essa organização. Tradicionalmente e convencionalmente é isto que ele faz. Há organizações onde este papel é levado um pouco mais além, que é de o assessor de imprensa é alguém que estabelece relações de proximidade com os jornalistas, que estabelece relações de proximidade com os *opinion makers*, no fundo no sentido de através desse estreitamento de relações também permitir que se passe o pensamento da organização que ele representa, portanto isso é importante não no sentido imediato da informação que é feita porque muitas vezes isso não visa uma informação imediata mas o que visa é a construção de uma espécie de sedimento do ponto de vista do pensamento de outras pessoas sobre a organização que esse assessor de imprensa representa.

Um assessor pode ser considerado uma fonte?

JF- Pode! Claro que sim! Desejavelmente deve ser citado como tal, ou seja, muitas vezes diz-se que “uma fonte próxima da organização X disse isto” e muitas vezes é um assessor. Eu acho que o jornalista não deve fazer isso. O jornalista deve dizer que o assessor de imprensa “alguém do gabinete de comunicação da organização X, do ministério Y e da camara municipal ou da empresa diz isto.”, ou seja, porque se o assessor de imprensa dá uma informação, é porque a informação é verdadeira e portanto o jornalista deve citar a fonte, e é uma fonte de informação, isto é, se não é uma fonte não deve ser citada como tal, nem as informações devem ter tidas em consideração.

Fiz esta questão porque há jornalistas que não consideram os assessores fontes de informação...

JF- Isso é a mesma coisa que eu dizer que também não considero todas as pessoas que escrevem jornais jornalistas! Eu assumo o que estou a dizer porque acho que só por distração ou desconhecimento se diz uma coisa dessas, porque se não considera o assessor uma fonte, porque é que fala com ele? Mas isso tem a ver com algum preconceito que ainda existe na sociedade portuguesa infelizmente, que é de que as fontes são umas coisas terríveis e os assessores de imprensa umas pessoas maquiavélicas que devem ter levado uma vacina quando eram pequeninos e que os tornaram umas pessoas absolutamente medonhas e manipuladoras, mas depois são contactadas justamente para dar informações. Então se são pessoas tão más, tão manipuladoras, porque é que falam com eles? Não falem com eles! É a mesma coisa que eu deixar de falar com um jornalista porque houve um jornalista que fez um mau serviço, porque foi sensacionalista, não ouviu as 2 partes, deturpou o que eu disse, etc., etc.. E eu vou dizer que todos os jornalistas são maus? Não! Vou dizer é que aquele jornalista ou aquela

jornalista fez um mau trabalho naquela circunstância e digo porque! Agora não considerar os assessores fontes de informação? Só por distração ou por grande desconhecimento ou por preconceito.

Neste sentido, qual acaba por ser a importância deste tipo de fontes na construção da notícia?

JF- É decisivo! É decisivo. Vamos lá ver se eu consigo dizer isto de uma forma simples e tentar desmistificar um conjunto de equívocos que existem à muitos anos. Os jornalistas e as fontes não têm necessariamente a mesma perspetiva sobre a mesma notícia. Mas o jornalista e as fontes são agentes interessados na informação que se tá a fazer. Há alguém mais interessado numa notícia que o jornalista? Não conheço. Porque esse é o trabalho do jornalista. Ou seja, quando se diz que a fonte é uma parte interessada, é, mas e o jornalista não é? Ou seja, o que nós temos que perceber aqui é o seguinte, a fonte de informação defende o seu ponto de vista e tem toda a legitimidade para o fazer, o jornalista tem no contexto do seu trabalho, no desenvolvimento do trabalho que faz, tem de ouvir as várias fontes, tem de ouvir várias perspetivas, se não o faz está a fazer mal o seu trabalho e portanto, uma peça jornalística se não tiver fontes o que tem? A opinião do jornalista? É evidente, uma peça jornalística sem fontes é o que? Uma opinião! A natureza da informação jornalística são as fontes de informação! E é por isso que as fontes devem ser explícitas e devem ser citadas e por isso, é que eu dizia à um bocadinho, quando me perguntava, um assessor serve como fonte, é uma fonte e deve ser citado como tal. Porque a informação jornalística, a credibilidade, a fiabilidade da informação jornalística, reside nas fontes. Nem todas as fontes são iguais, claro que não, nem todas as fontes têm o mesmo grau de importância, claro que não. Então mas fazemos notícias sem fontes? Não! Como é evidente, se eu for fazer uma notícia de uma greve não vou ouvir os sindicatos? Mas também devo ouvir a entidade patronal! E têm perspetivas diferentes. E agora? Não publico a notícia porque acho que uma delas me está a enganar? E qual é o meu papel como jornalista? Não é descobrir a verdadeira onde ela for possível? Não é seguir o acontecimento? Não estar lá também para ver se a fábrica ou a instituição X esteve ou não esteve parada, se laborou ou não laborou? Qual é o papel do jornalista? Portanto não confundir as coisas! Que depois há aqui um outro aspeto que é o seguinte: alguma preguiça também profissional por parte dos jornalistas, e eu não tenho medo de dizer isto, e um outro aspeto mais grave ainda, que tem a ver com a crescente redução de recursos humanos nas redações, leva a que de facto os jornalistas não consigam fazer muito bem o seu trabalho, e então o que acontece? Acontece uma coisa fantástica, é que ficam nas mãos das fontes porque eles não conseguem ir a todos os sítios, quer dizer, você vê

um jornalista que chegou a meio de um colóquio, e chega ao pé da pessoa e diz que é capaz de dizer “quais foram as coisas mais importantes? O que disse de mais importante aqui?” tão mas o jornalista...isso é um trabalho de jornalista! Ele aí está mais uma vez a confiar na sua fonte, no seu interlocutor, porque é que faz isso? Ou por preguiça, ou não quer estar a pensar no acontecimento todo, ou porque não chegou a tempo. Não chegou a horas porque se calhar atrasou-se no trânsito ou foi fazer outro trabalho antes. Porque esse é um problema grave hoje das redações. O jornalista tem que fazer muitas coisas e não as consegue fazer todas em tempo útil.

Porque é que cada vez mais há jornalistas a procurar as chamadas fontes oficiais, como por exemplo os assessores?

JF- As fontes oficiais, não é de hoje, sempre foi assim. Isso sobretudo passa-se com o jornalismo de referência. Com o jornalismo popular não se procura as fontes oficiais como explicação dos acontecimentos. Se nos olharmos para o jornalismo popular e para o jornalismo de referência vamos encontrar algumas diferenças, relativamente ao predomínio das fontes. Eventualmente haverá uma exceção na questão do noticiário político, que será semelhante em alguns aspetos, do ponto de vista das fontes mas no resto não. Mas as fontes oficiais porque? Primeiro porque o jornalista precisa de lá estar, porque o jornalista precisa de fontes para credibilizar a informação que tem. As informações, as fontes oficiais têm naturalmente, porque são fontes organizadas, são instituições que estão preparadas para dar resposta às necessidades de informação que o jornalista tem. Depois, tem-se a ideia e a imagem de que sendo instituições formais, oficiais, etc., têm também do ponto de vista público, uma credibilidade maior e sobretudo tem a ver com isso. Estão organizadas para prestar informações. Há informação por exemplo onde essas mesmas fontes, sobretudo quando estão em causa os seus interesses, onde elas por exemplo já não estão disponíveis para prestar declarações e para prestar essas mesmas informações. Basicamente tem a ver com isso, com a sua própria forma de organização, com a imagem pública de credibilidade que eles têm e que isso configura também uma certa credibilidade ao texto jornalístico.

Relativamente ao tema que estou a abordar na minha tese, há uma relação minimamente definido entre os *media* e a Igreja?

JF- É uma pergunta um pouco difícil, porque quando falamos de jornalismo religioso, temos de definir o campo em que estamos a trabalhar, porque uma coisa é a imprensa da Igreja, e que de certa forma veicula um certo jornalismo religioso, outra coisa é um jornal como o

Público que tem um jornalista que é o António Marujo, por exemplo, especialista em jornalismo de religião, ou o Licínio Lima no *Diário de Notícias*, que trata assuntos de religião, ou o Joaquim Franco na SIC, portanto, há definitivamente alguma dificuldade porque a Igreja por natureza é uma instituição muito fechada, é uma instituição de difícil convivência porque apesar de tudo há, mesmo na própria Conferência Episcopal Portuguesa, alguns bispos muito mais abertos e disponíveis para falar com os jornalistas do que outros. Portanto eu diria que é um mundo, apesar de tudo, de alguma dificuldade de acesso, é verdade e implica um conhecimento muito aprofundado de tudo aquilo que tem a ver com esse universo, e nós em Portugal não temos uma tradição muito grande de tratar toda a questão religiosa. E quando falamos de religião, é preciso ter cuidado com o conceito, porque estamos a falar na religião Católica, porque nós deveríamos quando se fala de jornalismo religioso, haveríamos de falar no jornalismo religioso Muçulmano e noutros. Portanto também existem e têm cada vez mais presença em Portugal e nós continuamos como se em Portugal ainda estivéssemos sob domínio daquilo que existiu durante muitos anos, que era uma religião oficial, existiu durante o estado novo mas hoje não existe, mas nós culturalmente consideramos e continuamos a pensar e até eu agora intuitivamente quando comecei a falar de religião, falei na religião Católica quando naturalmente nós temos outras religiões que convivem no espaço Português e que já tem hoje uma expressão muito importante e que também deveriam merecer atenção. Agora acho que a estrutura religiosa de uma Igreja naturalmente, digamos que pela sua própria atitude, é sempre uma instituição de algum resguardo, portanto não é uma instituição que viva muito disponível para a exposição mediática no sentido mais convencional do termo e há aqui uma certa reserva e nesse sentido digamos que existe alguma dificuldade, agora eu acho que mesmo isso tem de ser visto com muita cautela porque eu pessoalmente enquanto jornalista, entrevistei vários bispos, sem qualquer tipo de problemas, abordei questões mais variadas possíveis porque eu acho que as pessoas mesmo na Igreja não são todas iguais. Portanto se você for entrevistar o antigo bispo de Setúbal, todo ele vai ter um discurso totalmente distinto de um outro bispo qualquer não é? Do ponto de vista social, do ponto de vista político, etc., o atual líder da Igreja Católica em Portugal, tem um perfil diferente do anterior. Se for entrevistar o D. Januário Torgal Ferreira, ele é uma pessoa que precisamente por estar muito habituada aos *media* aborda questões com uma frontalidade e com uma coragem que muitos outros bispos não abordam. Portanto a questão tem de ser vista com alguma cautela. O que eu também quero chamar a atenção, é que, sendo uma área muito específica, nem toda a gente se sente à vontade para a abordar e por isso mesmo é que nós em Portugal, tirando o caso daquela jornalista da Rádio Renascença, a Áurea Miguel, que tem

uma experiência brutal e fazia parte do grupo de jornalistas que acompanhava regularmente o Papa João Paulo II. A Áurea Miguel é de facto uma pessoa com um conhecimento e um com historial dentro disso, e depois há o caso de mais dois ou três casos como eu citei. Estes são aqueles que mais de perto têm seguido, alguns deles até com formação nessa área, como é o caso do António Marujo. O que era interessante perceber nestes jornalistas era a importância ou não que a própria formação Católica, o seu capital de fé, têm no desenvolvimento do trabalho e na forma como eles abordam isso. Isso é muito interessante de ver.

Anexo 6 – Entrevista com Joaquim Franco

45 anos – Licenciatura em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona e à pós-graduação em Média e Religiões Universidade Católica Portuguesa. Formação jornalística no CENJOR. Membro da Comissão Nacional de Justiça e Paz e da administração da Misericórdia da Amadora. É jornalista da SIC desde 2000.

Entrevista a 22 Maio de 2012.

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Joaquim Franco - Da prática à experiência, sem excluir a teoria. Tudo começou, ainda no liceu, nos anos 80, numa das primeiras, senão a primeira, rádio local, a Radio Mais, em Portugal, na Amadora. O interesse pela comunicação aprofundou-se e desenvolveu-se a carreira. Correio da Manhã Rádio, TSF, Rádio Comercial, TSF e SIC, passando por colaborações na imprensa escrita e na televisão no programa 70X7 da RTP2 de 1995 até 2000.

Como surgiu o jornalismo na sua vida?

JF - Com legalização das rádios, em 1989, tendo terminado o serviço militar obrigatório e percorrido o ensino secundário, optei pela formação no CENJOR, atraído pelo jornalismo, sobretudo pela reportagem rádio, e pela sedução de manipular o som de forma a fazê-lo também narrativa jornalística. Infelizmente, a rádio perdeu esta capacidade de fazer ver! A ida para a televisão foi o desenrolar de um percurso. Da TSF para a fundação da SIC Notícias, foi um convite irrecusável.

Como surgiu esta especialização em jornalismo religioso?

JF - A minha ligação ao fenómeno religioso é anterior a qualquer opção profissional. Sou culturalmente cristão católico. Cresci e entrei na idade adulta em meio juvenil católico, nas mais diversas dinâmicas, sobretudo sociais em regime voluntariado e artísticas sobretudo na música, de membro a líder. Ao fazer a opção profissional que fiz não deitei fora a minha cultura. Mantive-me fiel à minha história. Acreditando ser possível conciliar as regras da ética e deontologia profissional com a minha fé, dediquei-me ao estudo do fenómeno religioso, da filosofia e da sociologia. A religião tem inegável interesse científico, sociológico e, consequentemente, jornalístico. Esta dedicação levou-se, por exemplo, à licenciatura em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona e à pós-graduação em Média e Religiões Universidade Católica Portuguesa. Mas a mais importante das formações é a muita dedicação

à leitura, o espírito aberto ao mundo e à diversidade cultural e religiosa, as viagens, e o muito diálogo. Nisto da fenomenologia religiosa, seja na perspectiva confessional, seja na abordagem jornalística, é importante não estar apenas preocupado em fazer perguntas para ter respostas, mas ter capacidade de fazer perguntas às respostas que julgamos ter.

Como é o dia-a-dia de um jornalista especializado em religião?

JF - Não é fácil. Há uma grande falta de cultura religiosa, para não dizer geral, que não ajuda um jornalista dedicado a esta área a propor trabalho. No meu caso – televisão – o tema tem as condicionantes próprias da imagem, além da linguagem nem sempre acessível dos protagonistas religiosos. Diria que a abordagem, entre o mistério do invisível e a dimensão institucional conhecida, obriga a um criativo “golpe de rins”, em que a originalidade e a narrativa são fundamentais.

Em que se baseia para escolher os temas em agenda?

JF - Nos critérios jornalísticos.

Considera que abordar a temática da Igreja é difícil?

JF - No caso de Portugal, vamos vendo algumas mudanças. O tempo dirá se para melhor ou para pior.

O que se pode considerar notícia?

JF - Neste aspeto sou muito clássico. Os critérios são conhecidos. No caso da televisão, acrescentaria a força da imagem e a capacidade de emocionar. Não porque sejam critérios, mas por óbvia necessidade apelativa, própria da linguagem televisiva. Uma cedência que tento equilibrar com um esforço de racionalidade jornalística. O acontecimento religioso em Portugal tem sido tratado na comunicação social sob dois ângulos mais ou menos complementares. Enquanto fenómeno institucional, visível na expressão hierárquica, estrutural e política. Ou enquanto fenómeno misterioso, quando o invisível é visível na experiência comportamental, do simbólico ritual e da espiritualidade. Ora, a Igreja vive o drama do enquadramento da linguagem. Entre uma e outra dimensão. Verdade absoluta vs verdades relativas. Preconceito e parcialidade. Conflito do tempo e dos valores. Perene e efémero. Diversidade e pluralidade. Sagrado e profano. Uma equação difícil, mas estimulante para o trabalho jornalístico.

Tem algum cuidado especial na abordagem dos temas religiosos?

JF - Todos. Nos dois sentidos. Porque a temática, como já disse, é de difícil interpretação numa sociedade cada vez mais secularizada. Os códigos de compreensão, nos quais podemos estabelecer o “jogo” do emissor e recetor, excluem já, para a esmagadora maioria, a simbólica religiosa. Por outro lado, os protagonistas das plataformas religiosas, hermeticamente fechados, tanto em conceitos linguísticos próprios como em ambientes pouco abertos culturalmente, podem não entender a necessária “liberdade” da narrativa jornalística que, como se sabe, é um compromisso de cedências. A cada vez menor cultura religiosa leva a que oiçamos coisas verdadeiramente aberrantes e não faltam exemplos, na comunicação social. O esforço tem de ser bivalente. Por um lado a responsabilidade dos próprios jornalistas, confrontados com a falta da formação, a rapidez e o preconceito. Por outro, os responsáveis das estruturas religiosas que têm de adaptar-se às contingências das novas linguagens e dos novos princípios da comunicação veloz e global.

Como é realizado o processo de elaboração da notícia?

JF - A forma clássica. Do primeiro contacto à concretização sem perder de vista as regras do código deontológico.

Encontra algum tipo de entraves na elaboração da notícia ou no acesso á informação?

JF - Penas as contingências da rapidez, falta de meios por vezes, que obriga a um doloroso processo de seleção e exclusão, e uma crescente pressão sobre as redações e jornalistas por via da precariedade laboral. Vale a pena lembrar o jornalismo antes da internet! Dizer que os jornalistas têm hoje limites no acesso à informação é muito redutor. Há mais acessos. Resta saber quais e em que condição de liberdade se faz o exercício jornalístico.

É fácil encontrar informação para fundamentar as notícias que escreve?

JF - Sim.

Há facilidade em encontrar fontes?

JF - Depende da área. No caso da religião, nem sempre é fácil. Mas vamos dando a volta.

De que forma é que as fontes têm influência nas notícias?

JF - São a mais importante força de manipulação. Já aprendi, há muito tempo, que as fontes seguras são escassas e exigem muitas cautelas.

Como é desenvolvido o trabalho com fontes?

JF - Primeiro passo: a primeira boa impressão. Segundo passo: estabelecer relações de confiança. Terceiro passo: “manter” a fonte.

O que pensa do jornalismo na atualidade?

JF - Por tudo o que já disse. A minha visão não é muito otimista. Também não sou propriamente um pessimista. Diria que sou um realista informado, ou tento ser. O problema da precariedade laboral é muito grave. Põe em causa a essência do exercício. Entendo que o jornalismo, conforme o modelo para o qual me formei e no qual desenvolvi a minha vida profissional, está em extinção. O que é hoje é muito diferente do que fiz até há poucos anos. Por força da tecnologia e da globalização mediática. Mas também de profundas mutações culturais, sociais e políticas. Entendo que o futuro do jornalismo passa pelo desafio da interpretação. Mais do que ser emissor, o jornalista tem de ter a mestria de melhor interpretar, salvaguardando, nesse papel, o seu público-alvo. Face à diversidade de oferta, a diferença vai fazer-se pela interpretação e pela linguagem dessa interpretação. E, claro, estar sempre em cima das novidades tecnológicas.

Na sua opinião há uma relação definida entre os *media* e a Igreja?

JF – Haver há. É a relação que se exige a qualquer protagonista social no diálogo com os meios de comunicação social, ou seja, no diálogo com as pessoas. Acontece é que essa relação, para ser eficaz, implica, como já disse, um jogo de cedências e compreensão. A Igreja tem uma missão. A comunicação social não confessional também. Na maioria dos casos, não coincidem. Nem têm de coincidir. Mas também não têm de estar de costas voltadas. O fenómeno religioso é jornalisticamente relevante. Isso, por si só, basta. É inquestionável. A dimensão religiosa cruza-se com a dimensão política, económica, ética. Mas a função dos *media* não é ser eco de qualquer proselitismo. Confesso que ainda me assusta ouvir responsáveis da Igreja insistirem na importância dos meios de comunicação social apenas porque servem para “evangelizar”.

Anexo 7 – Entrevista com Leopoldina Simões

40 anos – Licenciatura em Comunicação Social na Universidade da Beira Interior. Assessora de imprensa e responsável pelo Centro de Comunicação Social do Santuário de Fátima desde 2004.

Entrevista a 30 de Maio de 2012.

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Leopoldina Simões - Concluída em 1996 a licenciatura em Comunicação Social, iniciei funções como jornalista, em órgãos de comunicação regional, primeiro de imprensa e depois de rádio, área em que trabalhei 4 anos. Trabalhei depois numa empresa de comunicação, imagem e publicidade, que criei com uma colega da área. Desde janeiro de 2004 que exerço funções de assessora de imprensa e responsável pelo Centro de Comunicação Social do Santuário de Fátima.

De que forma surgiu o jornalismo/comunicação na sua vida?

LS - A minha opção de formação foi sempre a comunicação institucional.

Teve algum tipo de educação cristã?

LS - Sim.

Quando e como começou a ser fonte jornalística?

LS - Primeiro na empresa de comunicação, que prestou serviços a várias entidades e instituições, locais e regionais, tais como a ACISO³⁷, a Adega Cooperativa de Ourém, o Santuário de Fátima, entre outras. Depois no Santuário de Fátima.

Qual o seu objetivo enquanto fonte jornalística?

LS - Fazer chegar aos profissionais da comunicação as informações das atividades realizadas, transmitindo a melhor imagem da instituição, sem falsidades nem subterfúgios. Possibilitar que os jornalistas desempenhem o seu trabalho da melhor forma possível quando se encontram ao serviço no Santuário de Fátima ou a tratar temas relacionados com Fátima. Manter a imagem do Santuário de Fátima na opinião pública como entidade credível e séria e, sempre que necessário, desmistificar eventuais ideias erradas pré-concebidas.

³⁷ Associação Empresarial Ourém-Fátima

Tem como objetivo influenciar a opinião pública?

LS - Querer chegar aos jornalistas tem sempre como ultima instância chegar às pessoas, à opinião pública. Influenciar, dar a conhecer o que se realiza, no sentido positivo do termo, sim.

É fonte de assuntos em geral ou só de temas ligados á Igreja?

LS - Em primeiro lugar sou fonte – ou encaminhamento para outras vozes mais informadas do Santuário de Fátima - para assuntos relacionados com as aparições, a história e a atualidade de Fátima. Em determinadas ocasiões, e porque sempre se está disponível para isso, sou procurada para assuntos mais gerais relacionados com a Igreja e mesmo com a realidade civil local ou regional.

Fornecer informação acerca da Igreja é uma tarefa difícil?

LS - No caso do Santuário em que há sempre factos e temas com atualidade não é difícil. Implica atenção e trabalho diário na seleção, elaboração e manutenção de conteúdos criação de cadernos temáticos e acompanhamento diário daquilo que é a atualidade.

O que se pode considerar importante ao ponto de ser notícia?

LS - Ainda que os acontecimentos e celebrações pareçam sempre o mesmo (peregrinações aniversárias, celebrações litúrgicas, visitas protocolares) cada um destes momentos traz sempre pormenores diferentes, seja pelos programas, seja pelos pormenores ou mesmo pelas pessoas envolvidas, o que acaba por trazer a novidade procurada pelos jornalistas, ou mesmo a repetição de algo extraordinário – presença de muitos peregrinos de múltiplos países, por exemplo – que, por isso, é visto como importante informativamente falando.

Tem algum cuidado especial na abordagem na informação que transmite e na forma como a transmite?

LS - Verdade, isenção e rigor, histórico e informativo. Nos Boletins Informativos adoto o estilo dos takes de agência. Nas publicações oficiais como o jornal “Voz da Fátima” e “Fátima Luz e Paz”, por vezes, assume-se uma escrita mais confessional, sempre também verdadeira e rigorosa, mas mais vocacionada para o leitor, manifestamente cristão e quase invariavelmente devoto de Nossa Senhora de Fátima.

Como é conseguida a informação?

LS - Através da minha participação em reuniões de agendamento e decisão, do acompanhamento de celebrações e eventos, das agendas de cada serviço do Santuário e da informação das chefias e colegas que fazem saber das principais atividades agendadas ou em realização.

Encontra algum tipo de dificuldades?

LS - Tem sido fácil, embora implique muito trabalho e constante dedicação.

É fácil entrar em contacto com os jornalistas? Que relações se estabelece com os jornalistas?

LS - Sim, é fácil contactar os jornalistas e chegar até eles, não pela minha pessoa mas pelo peso e pela credibilidade da instituição. Até porque são praticamente sempre os mesmos que tratam as matérias relacionadas com “Fátima”. Estabeleço com os jornalistas relações profissionais e cordiais, de diálogo e de escuta.

Enquanto fonte de informação é abordado de que forma pelos jornalistas quando são estes que o procuram?

LS - Os que trabalham em Portugal contactam-me de forma pessoal, por telefone ou via internet. Do estrangeiro praticamente sempre primeiro por internet, e depois pessoalmente quando vêm em trabalho a Fátima.

Alguma vez vivenciou alguma situação mais complicada por facultar informação?

LS - Sim, caso de respostas que, por exemplo, necessitam de aval superior por serem menos habituais ou por envolverem polémica e a chefia não está fácil de contactar.

Há algum tipo de interesse ao transmitir informação?

LS - O interesse nalguns casos é divulgar, noutros retificar, noutros esclarecer.

Qual o seu papel na elaboração de uma notícia?

LS - Recolha da Informação, tratamento da informação, elaboração da notícia, divulgação da notícia pelos diversos meios.

Que relação tem com a Igreja?

LS - Católica praticante.

O que pensa do jornalismo na atualidade?

LS - Julgo que passa por grandes dificuldades devido aos constrangimentos económicos. Consequentemente os jornalistas também sofrem com situações precárias de trabalho, por vezes pressões e incompreensões, que muitas vezes geram desinteresse e que afetam a própria maneira como as pessoas veem o jornalismo.

Na sua opinião há uma relação definida entre os *media* e a Igreja?

LS - A Igreja esteve sempre um passo à frente em matéria de comunicação social, nas várias áreas. Procura também relacionar-se de forma positiva com os *media*. Isto acontece, digamos, de uma forma geral. Em Portugal assiste-se a um crescimento do compromisso dos responsáveis da Igreja com o crescimento desta área. Aspetos visíveis: criação de gabinetes de comunicação, aposta na presença na internet e na elaboração de materiais, como filmes, documentários, livros. Outro aspeto visível é o próprio empenho na formação das pessoas que nas instituições da Igreja nas várias áreas.

Anexo 8 – Entrevista com “Luís Martins”³⁸

43anos – Fonte jornalística anónima de assuntos da Igreja em diversos órgãos de comunicação social Portugueses à mais de vinte anos.

Entrevista feita a 27 de Março de 2012

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Luís Martins - O meu percurso profissional foi como o de tantos outros, trabalho, esforço, dedicação. Depois de deixar os estudos incompletos fui trabalhar, uma vez que se vivia tempos complicados e as necessidades assim o obrigavam. Comecei numa tipografia e trabalhei numa carpintaria. Depois comecei a trabalhar na empresa onde estou ainda. Simultaneamente e como estávamos nos quentes anos das rádios pirata, colaborei em duas delas na minha área de residência. Atualmente trabalho na área audiovisual e colaboro com uma empresa de comunicação. Mais tarde devido a exigências conclui os estudos, e tirei mesmo formação a nível de jornalismo.

De que forma surgiu o jornalismo/comunicação na sua vida?

LM - O jornalismo e comunicação foram entrando na minha vida por motivos de trabalho, como trabalhava com jornalistas e no meio da comunicação social fui de alguma forma contagiado por esse “bicho”. O som, a imagem, a edição, enfim, tudo foi entrando e ficando.

Teve algum tipo de educação cristã?

LM - Sim! Tive uma educação cristã e muito exigente.

Quando e como começou a ser fonte jornalística?

LM - Comecei a ser fonte jornalística quase que como uma forma de trabalho. Desde que comecei a lidar com jornalistas, fui criando amigos e almoçar com eles e a conviver no mesmo espaço profissional e foi aí que comecei a ser, sem dar por isso.

Tem como objetivo influenciar a opinião pública? Qual o seu objetivo enquanto fonte jornalística?

LM - O meu objetivo é simplesmente auxiliar os colegas, mas mantendo o meu espaço profissional e por uma questão de amizade, mas sobretudo mais para ajudar na credibilização de um dado noticioso e saber que o que informei é de alguma forma credível, ou seja, dar

³⁸ Luís Martins é nome fictício.

credibilidade ao que se notícia e para que se saiba a verdade o mais real possível. Tal como referi anteriormente, será para dar credibilidade o mais “verdade possível”, por isso corro o risco de influenciar mal ou bem a opinião pública, mas não é o objetivo.

É fonte de assuntos em geral ou só de temas ligados á Igreja?

LM - Sou de assuntos que conheço muito bem, mas sobretudo da Igreja.

Fornecer informação acerca da Igreja é uma tarefa difícil?

LM - Não é muito fácil, porque é uma área que poucas pessoas conhecem bem.

O que se pode considerar importante ao ponto de ser notícia?

LM - Por exemplo, a nomeação de um cargo importante ou até mesmo de um bispo.

Tem algum cuidado especial na abordagem na informação que transmite e na forma como a transmite?

LM - Muito cuidado mesmo. É preciso estar seguro do que se vai informar, mas sobretudo do que se vai recolher, nem sempre é fácil, por isso tenho ser tento ser muito cuidadoso.

Como é consegue obter a informação?

LM - Bom, para obter a informação é preciso conhecer muito bem o “terreno” que pisamos e as pessoas. Normalmente consigo circular muito bem no ambiente onde quero tirar a informação, e muitas vezes, consigo mesmo chegar ao próprio alvo que vai ser noticia. A convivência com as pessoas certas é de fato uma mais-valia. Quando estamos em dúvida numa questão ou outra, o trabalho é mais complicado e sobretudo quando surge um boato de alguma coisa e é necessário apurar a verdade. Muitas vezes os boatos acabam por ser mentira e há surpresas, vai noutra direção, e é nessas circunstâncias que somos essenciais e leva-nos a outras perícias e perspicácia no *backstage* e acaba por dar certo as nossas informações depois do trabalho de terreno que por vezes corremos riscos.

Encontra algum tipo de dificuldades? É fácil entrar em contacto com os jornalistas? Que relações se estabelecem com os jornalistas?

LM - Depende do assunto e da circunstância, em geral é fácil. Quando o assunto é urgente, há um código de telemóvel, e quando não é urgente, um almoço ou um café é o suficiente. A relação com os jornalistas também pode depender das circunstâncias, o que é profissional e

estamos na presença de outros intervenientes é uma relação profissional de respeito e sem se perceber que há uma certa “cumplicidade”. Se estamos num ambiente de colegas, somos amigos e falamos normalmente das últimas “cusquices”.

Enquanto fonte de informação é abordado de que forma pelos jornalistas quando são estes que o procuram?

LM - Depende sempre do assunto e da circunstância. Há assuntos muito complicados e que para poder responder, nem sempre posso dizer sim ou não diretamente. Contatam-me por telefone ou pessoalmente que acontece muitas vezes.

Alguma vez vivenciou alguma situação mais complicada por facultar informação?

LM - Tive uma situação muito complicada, mas há sempre maneira de dar a volta à questão quando se conhece muito bem as pessoas com quem se trabalha.

Há algum tipo de interesse ao transmitir informação?

LM - O meu interesse é de alguma forma um interesse profissional para manter as amizades mas de forma geral, sentir que somos úteis e que de fato aquilo que transmitimos é credível e defende o bem do meio em que sociabilizamos, e acima de tudo a verdade.

Qual o seu papel na elaboração de uma notícia?

LM - Se eu informar todo o conteúdo, é certo que será importante. Mas, muitas vezes, a notícia é dada de forma que não intenta a uma direção que não me ponha em risco. Na generalidade é importante no sentido em que o que informei foi credível e assertivo, sempre como fonte anónima.

Que relação tem com a Igreja?

LM - A minha relação com a Igreja antes de mais, é uma relação de crente e depois a profissional.

O que pensa do jornalismo na atualidade?

LM - Se falarmos de informação religiosa, penso que há um longo caminho a trilhar na formação de quem noticia e da forma de como se noticia. Dentro da Igreja há pessoas muito mal preparadas inclusive dentro da própria Igreja. A nível geral, é como tudo. Eu

sinceramente não gosto dos noticiários de certos canais, e ouço noticiários de bradar aos céus. Em geral não gosto do que se noticia e como se noticia.

Na sua opinião há uma relação definida entre os *media* e a Igreja?

LM - Com os anos que levo nestas andanças há muito a fazer nesta relação, mas já vivemos tempos mais complicados em que relacionar-se com a Igreja e com as suas estruturas era uma relação de quase compadrio, ou seja, só se noticiava o que convinha, e isso descredibilizava algumas instituições Católicas havia assuntos que de alguma forma eram “tabus”.

Anexo 9 – Entrevista com Manuel Vilas Boas

63 anos, sacerdote à 38 anos, membro da Sociedade Missionária da Boa Nova. Jornalista da TSF desde 1988.

Entrevista a 13 maio 2013

Manuel vilas boas - O meu nome é Manuel Alves Vilas Boas, tenho 63 anos, sou natural de Barcelos. Eu sou membro da Sociedade Missionaria da Boa Nova, sou padre à 38 anos. O jornalismo na minha vida, surgiu penso que aos 15 anos, recordo-me de uma história, em que o meu professor ficou muito zangado por eu ter adquirido, juntamente com dois colegas, um jornal na cidade de Tomar para saber das notícias das inundações em Lisboa, no ano de 1967. Nessa ocasião um colega tinha lá familiares e nós contra todas as normas decidimos ir comprar 3 jornais diferentes. A verdade é que fomos culpados por isso, fomos obrigados a pagar uma multa, depois desse episódio, eu disse para comigo, se calhar eu preciso é de fazer jornalismo dentro da Igreja para um dia denunciar as situações mais miseráveis que ela possa ter. E uma dessas situações era o que estava a acontecer connosco, era uma situação miserável. Mas depois só se veio a concretizar de modo organizado quando em 1976 me foi atribuída uma bolsa de estudos da Alemanha, para fazer formação específica na área do audiovisual. Fui para Leon e ingressei na Universidade Católica fazendo um curso específico para a área audiovisual em expressão da fé. Nessa ocasião aprendi sobretudo o caminho do simbolismo, da grande simbólica, isso permitiu para além de mim foram também, foi o padre António Rego foi o padre Lopes Morgado Capuchinho e ainda um outro colega que agora esta doutorado em cinema não na Universidade Católica, que é Carlos Capucho. Esta nossa ida coletiva, quase comunitária, permitiu-nos organizar um curso, um grupo audiovisual de Lisboa e nos anos oitenta nos avançamos algumas sementes cujos frutos estão a ser colhidos. Concretamente uma das coisas mais importantes foi a criação do programa *70x7* que eu sou um dos fundadores iniciais e onde estive a trabalhar durante 12 anos.

Atualmente desempenha papéis na TSF não é?

MVB - Atualmente sou jornalista da TSF, comecei em 1988 ou seja à 24 anos que sou jornalista da TSF. Desempenhei cargos na direção, fui secretário-geral. Atualmente sou jornalista e realizo um programa semanal que se chama *Encontros com o património* e é um programa dedicado especificamente á cultura. Mas continuo o acompanhamento da área religiosa da estação e esse é o meu trabalho específico.

A educação cristã teve influência nesta especialização de que forma?

MVB - Tudo isto percebe-se que foi uma sequência. A minha entrada no jornalismo e depois a minha entrada dentro do seminário como formação religiosa específica e de querer perceber como comunicar dentro da Igreja essa era a minha preocupação. Percebi isso desde cedo aliás aos 15 anos no seminário estava já a fazer uns jornais também nessa ocasião fiz também muitas montagens audiovisuais.

Sempre foi uma área que gostou muito?

MVB – sim, era a área que de certo modo me prendia os olhos me agarrava os ouvidos e sobretudo aquilo que eu percebia é que a simbólica da Igreja estava muito presa á iconografia, andava por ali passo a expressão muito á volta dos santinhos e não saia dali. Era preciso comunicar a profundidade que o evangelho tem, e isso é extremamente difícil porque trata de uma linguagem específica, de uma mensagem muito específica e que vem de uma cultura específica. Na minha opinião era preciso investir naquilo que pudesse ser mais conciliável com os tempos modernos e realçar o importante não só da liturgia mas de outros meios no ensino. Por exemplo na educação religiosa dizer por outros meios aquilo que nos conhecíamos do mundo das letras do mundo da imprensa. Era preciso passar de Gutenberg para Marconi, de Marconi depois para os nossos dias com toda essa parafernália que há de meios de comunicação modernos.

Como é o dia-a-dia de um jornalista especializado em religião?

MVB - O dia-a-dia de um jornalista é igual a todos os outros jornalistas. Eu considero que o jornalista que trata religião deve ser respeitado tanto quanto os outros, trabalha uma área que é específica sim, como a economia, como é a ciência. Às vezes as redações estão roborizadas por muita ignorância, normalmente desprezam esta forma de investir e de fazer jornalismo. O dia-a-dia é tão preocupante quanto o de qualquer outro jornalista que tem de investir em várias áreas em que se baseia para escolher os temas em agenda. Atualmente além da agenda, vou para os grandes assuntos, as grandes questões, pequenas histórias. Há outros meios de comunicação social que o fazem, há meios de comunicação específicos da Igreja como é a Eclésia. É possível fazer a difusão do acontecimento religioso, na TSF, porque é uma estação dirigida sobretudo no universo laico não religioso e eu tenho que tomar para além da linguagem, tenho que tomar temáticas que sejam também do interesse dos próprios ouvintes,

não é tudo com que aconteça no meio religioso que cabe nos microfones da TSF, não é presunção mas é uma forma de estar e convicta, convencida e explicitada.

Tem algum cuidado especial na abordagem da temática religiosa?

MVB - É evidente que é caminhar um bocado por cima de brasas quando se fala de religião em Portugal porque há uma ignorância em volta da religião. A maioria do país sendo católica não é informada, não é catequizada, os meios académicos são anticlericais. Os jornalistas que entram nas redações não sabem nada de religião, rigorosamente nada, muitos deles não foram batizados, nem era preciso que fossem mas era preciso que soubessem se calhar o mais importante e o mais obrigatório. O saber não é cumprir os rituais, não é preciso que um bom jornalista vá á missa todos os domingos ou todos os dias para ser um bom jornalista da área da religiosa. O que é preciso é que seja capaz de tomar com grande profundidade aquilo que faz, porque é uma área sensível. A maioria das pessoas tem preconceitos sobre isso, quer os católicos quer os não católicos tem preconceitos acerca da religião acerca da informação religiosa. O jornalista tem de ser rigoroso se não arrisca-se a ouvir grandes críticas.

Sendo padre, sendo jornalista...

MVB - É um binómio difícil de combinar. Eu tenho consciência de que muitas vezes fui incómodo, muitas vezes sou incómodo conscientemente. O que faço, porque tem a ver com a verdade jornalística, eu quando sou jornalista sou jornalista não importa que seja padre ou que seja bombeiro ou que seja outra coisa qualquer! Eu sou jornalista e em defesa da profissão de jornalista que eu tenho de atuar. Ser padre é importante e estando nestas coisas da religião, eu posso ter um conhecimento mais aprofundado, ser capaz de explicar melhor. Agora entre a liberdade e a comunicação, eu prefiro ficar o lado da verdade e do lado da liberdade

São coisas que não são compatíveis?

MVB - As vezes não são, porque a Igreja tem o processo doutrinário, tem um catálogo doutrinário excessivamente quadrado e quando alguém tenta levantar o véu, descobrir algumas coisas que podem ser explicadas de maneiras diferentes, há um compacto que cai assim perante nós, que é isso que se chama tradição às vezes muito mal explicada e muito mal conseguida. Às vezes é preciso romper, é preciso rasgar e as vezes essa atitude de romper e rasgar não são muito aceitáveis por parte sobretudo das hierarquias que estão constituídas em silêncios, em programas, em coisas muito fixadas e pouco inamovíveis e nada mais amovível do que o nosso mundo aquilo que nos fazemos todos os dias.

É importante os jornalistas que falam acerca da Igreja terem uma formação específica?

MVB - Absolutamente, é obrigatório como os jornalistas falam de política como os jornalistas falam de economia! É importante os jornalistas saberem daquilo que falam!

É uma tristeza quando eu dou por mim a ouvir coisas do “arco-da-velha”, coisas ditas de uma maneira tão imprecisa, tão tonta. Aliás isso pode acontecer o que se a quem se meta por exemplo a falar sobre a medicina, sobre ciências, e que não domine, corre o risco de estar a dizer “patacoadas”. É extremamente importante que um jornalista seja capaz de dominar a sua casa, dominar o seu vocabulário, dominar as linguagens as simbologias a simbólica, se for capaz disso acho que pode passar em exame.

Por exemplo, sendo os meios de comunicação social cada vez mais uma coisa que tem mais importância quer nas pessoas quer no dia-a-dia, a Igreja unir-se aos meios de comunicação social não chegaria a mais pessoas?

MVB - Não, o problema da Igreja é que confundiu às vezes propriedades dos meios de comunicação social com comunicação e não é o facto de terem uma estação de rádio ou de televisão, como tiveram infelizmente a TVI quando foi da Igreja, foi a coisa pior coisa que a igreja podia ter feito! O Vaticano nunca fez nenhuma televisão, trabalha com a RAI, tem um centro de televisivo mas não faz televisão, não tem uma antena de televisão. A televisão é uma “senhora” muito perigosa e a Igreja que tem uma moral muito “escaninhada”, tem muita dificuldade em colocar diante num ecrã com inteligência. Por isso, a Igreja que tem um maior número de jornais de províncias e jornais regionais. A Igreja tem um capital, tem uma montanha de coisas que estão na sua maioria desaproveitados e são de má qualidade. A maioria daquilo que se escreve sobre catolicismo em Portugal é de má qualidade infelizmente. Nem a Renascença escapa, quer dizer, tem uma boa informação mas no que respeita a problemas religiosos se calhar era preciso uma vassoura para tomar conta dos que estão a fazer coisas novas com maior qualidade. Outra aposta é a Eclésia, que deveria ser mais corajosa, tem bons profissionais mas não chega é preciso ir mais longe, os programas que estão á volta disso. Tendo nós um cenário Católico no país, os católicos infelizmente na sua maioria são os mais ignorantes na religião e às vezes vejo gente que não é crente, que não tem sequer profissão religiosa mas que tem uma cultura vasta religiosa, o que não é habitual no nosso país. Nós aqui temos ainda uma catequese infantil, que não passa disso, infelizmente algumas experiencia pelo meio juvenil mas a maioria dos católicos portugueses ficam-se por

aqui. Hoje vi aqui no Santuário de Fátima o cardeal que veio da cultura do vaticano, tem uma homilia notável, uma das mais belas que foram proferidas aqui neste santuário mas as palavras do cardeal passaram todas por cima da cabeça das pessoas! É preciso adequar a comunicação a quem nos ouve a quem nos vê e no tempo em que estamos.

É difícil fundamentar as notícias? Há facilidade em encontrar fontes?

MVB - Na Igreja Católica acho que há alguns fontenários, algumas fontes andam inquinadas. As pessoas têm medo, têm medo de ser diferente e quando os medos são mais altos do que a coragem não sei o que fazer, mas não é fácil de viver neste universo.

É difícil então estabelecer relações com as fontes?

MVB - É, porque a Igreja tem algumas razões num passado recente, em que jornalistas menos preparados escreveram e disseram “baboseiras” acerca da Igreja e quem é queimado uma vez não aparece á segunda. Tem havido por parte dum grupo de jornalistas, em que eu me incluo, tentar fazer entender aos senhores bispos, aos responsáveis pela Igreja Católica a nível hierárquico, que os jornalistas não são todos iguais. O esconder foi sempre um dos grandes problemas da Igreja e a pedofilia foi uma das coisas miseráveis da Igreja, porque andavam a esconder durante vários anos estas coisas todas e a Igreja quer ainda esconder. Antes de esconder as coisas, os acontecimentos, as nomeações, é preferível que falem francamente com os jornalistas porque há jornalistas que são respeitáveis pelo seu trabalho, pela sua história, pelo que fizeram e não andam tao preocupados como alguns senhores bispos em fazer denúncias daquilo que aconteça. É preciso é que haja acesso às fontes.

Anexo 10 – Entrevista com Paulo Agostinho

36 anos – Licenciatura em Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Pós-Graduação em Imprensa Regional pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Pós-Graduação em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Editor da Editoria País na Agência Lusa e coordenador da rede de correspondentes da Agência Lusa. Está na Agência Lusa desde 2000.

Entrevista a 16 de Março de 2012

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Paulo Agostinho- Tirei em Coimbra um curso de jornalismo. Depois tirei uma pós graduação e um mestrado, o mestrado ainda não está concluído, por isso formalmente é só a pós-graduação. Percurso profissional, comecei muito cedo aos 15 anos a colaborar com jornais locais, a fazer primeiro textos sobre jogos de futebol, colaborei com jornais também em Coimbra e quando vim para aqui comecei a trabalhar num jornal em Alcobaça, depois trabalhei num jornal em Leiria, depois entrei para a Lusa em 99. Comecei primeiramente a fazer só desporto e partir de 1 de janeiro de 2000, assumi funções plenas de correspondente na região de Leiria. Mas continuei a colaborar como jornalista essencialmente em jornais locais, trabalhei mesmo num jornal em Fátima. Comecei a dar aulas. Só entrei para os quadros da Lusa em 2004 e a partir daí estou a tempo inteiro na Lusa. À três anos que estou a trabalhar em Lisboa.

Como surgiu o jornalismo na sua vida?

PA- Foi mais ou menos um gosto e um acaso, não há nenhuma razão. Não é nenhuma paixão de adolescente. Não era daqueles miúdos que quisessem ser jornalistas, eu queria era ser professor de História. Enganei-me no foi na data da prova específica de História e acabei por não entrar no curso de História.

Falou-me que foi editor da parte religiosa durante alguns anos...

PA- Eu contextualizo isso. Eu fui jornalista de religião entre 2000 e 2008. Porque digo que fui jornalista de religião? Eu sendo correspondente em Leiria, o trabalho com maior relevo desta região é Fátima. E há uma tradição na Lusa, não há ninguém que faça religião propriamente dita e acaba por ser a pessoa que tem mais contacto com a Igreja Católica através de Fátima, através de Assembleias Plenárias, Conferências Episcopais, que acaba por ser o responsável

por religião da Lusa. E foi essa a minha função durante todo este tempo, não é uma coisa formal porque nós não trabalhamos em pastas definidas mas na prática era eu que era o jornalista de religião da Agência Lusa durante muitos anos.

Teve uma educação cristã?

PA- Tive uma educação cristã completa.

Cada vez que escrevia sobre Igreja os valores religiosos tinham influência?

PA- Não, não tem nada a ver. Fazer religião num órgão não confessional, é como fazer política ou fazer desporto ou fazer economia, é uma área temática. Porque eu dou notícias que interessam a quem não é confessional. Se eu trabalhasse num órgão confessional, faria sentido, se eu trabalhasse numa Eclésia, ou se eu trabalhasse num *Boa Nova*, num órgão Cristão, Católico, Protestante, o que quer que fosse, faria sentido, não faz sentido para quem trabalha na Lusa tratar o fenómeno religioso como sendo, havendo alguma relação com a formação cristã. Agora a formação cristã deu-me bases para eu perceber a religião Católica, da mesma forma que a minha formação política, o facto de eu saber a diferença entre a esquerda e a direita me dão formação para eu fazer uma campanha do PS ou do PSD, da mesma forma que eu saber a diferença entre um trinco e um defesa central me deu formação para eu fazer um jogo de futebol. Deu-me formação para eu perceber, não interferiu na minha análise, não pode interferir.

Enquanto correspondente da Lusa, como era o dia-a-dia?

PA- Caótico! Eu era correspondente, fazia tudo, não tinha horário, não tinha fins-de-semana mas também tinha uma flexibilidade de vida completamente diferente daquela que eu tenho por exemplo em Lisboa. Se me apetecesse tirar uma manhã para fazer alguma coisa tirava, se tivesse que trabalhar 12 horas seguidas, trabalhava. Se tinha a manifestação da coincineração na Maceira, a Conferência Episcopal em Fátima ou o protesto do Barco do Aborto na Figueira da Foz, sabia que tinha dias mais chatos que outros, mas não há uma rotina propriamente dita.

E no que toca a religião? Como era a agenda?

PA- O *prime-time* da cobertura do Santuário era entre início de maio e final de outubro. Porque Fátima não é só os 13's. É claro que os 13's são muito importantes, mas além dos 13's, Fátima é importante por ter reuniões mensais da Conferência Episcopal, mas depois também há muitos encontros de movimentos católicos, de grupos cristãos, movimentos

cívicos associados à Igreja. Encontros da Fundação de Ajuda à Igreja que Sofre³⁹, encontros da Cáritas que dá sempre notícia. Quem faz religião não se pode esgotar na lógica das batinas dos padres, é tudo aquilo que toca na sociedade, por isso é que era raro o sábado que eu não fosse para Fátima ou porque havia encontros da Cáritas, em que iriam tomar posição sobre a pobreza em Portugal, ou campanhas, ou o que quer que seja. Ou havia o encontro dos Padres Casados, que saía em todo o lado, ou as causas da exclusão da licitude em matrimónio dos matrimónios católicos. Ou era um encontro de missionários e retrato de países Africanos ou de países internacionais onde a Lusa vende conteúdos e por isso eu tinha de fazer uma cobertura adequada disso. Ou seja, era uma multiplicidade de encontros que são muito superiores. A importância mediática de Fátima não se esgota nos 13's. E há uma espécie de um período de maior relevo mediático que é mais ou menos entre maio e outubro.

Acaba por ser uma coisa importante?

PA- É importante os dois lados. Há um problema em Portugal que é o problema da religião, porque há pouca gente que faça religião e a religião não está organizada para trabalhar com jornalistas. Ponto final! Os padres não querem, os bispos não querem, a hierarquia não quer, só gosta de falar para o seu rebanho, só gosta de falar para os seus órgãos. Gosta de falar para a Rádio Renascença, gosta de falar para a Eclésia, e ficam muito contentes quando a Rádio Renascença tem a notícia de um bispo e não falam para a comunidade. Por isso, fazer religião, quem percebe um bocadinho de religião consegue perceber nos intervalos das homilias, o que é que um bispo quer dizer numa intervenção pública. As homilias são o grande espaço da religião Católica no espaço público e a maioria dos bispos não percebem isso, ficam a falar dos anjos e dos arcanjos, que é muito bonito e serve para reforçar a auto-estima do rebanho mas não serve para sair do seu rebanho. Por isso fazer religião é importante. Fátima dentro da área da religião, foi, apesar de alguma tentação centralista lisboeta, e continua a ser a capital da Igreja Católica em Portugal, com bastantes erros de comunicação, bastantes erros de gestão dessa mesma comunicação, mas continua a ser uma referência, nem que seja porque é o espaço onde os bispos de norte a sul do país se encontram, já que em Lisboa quando se encontram no seminário dos Olivais é tudo de uma forma mais fechada, muito menos aberta à sociedade do que Fátima.

³⁹ **Fundação Ajuda á Igreja que Sofre (AIS)** é uma organização Católica que tem como objetivo apoiar projetos pastorais em países onde a Igreja Católica está em dificuldades. As principais dificuldades que a AIS encontra são questões políticas, fanatismo religioso, as seitas, falta de sacerdotes.

Que acha da frase acerca de notícias sobre religião: “Eu não me importo do que os *media* falam, importo-me sim do modo como o fazem.”?

PA - É simples, quanto menos falarem, mais o discurso sobre a Igreja Católica será um discurso que não é aquilo que a Igreja Católica quer. Não faz sentido que os padres não tenham uma cadeira, na sua formação no seminário, sobre falar em público para perceberem o que devem ou não dizer. Não faz sentido que os bispos sejam escolhidos por motivos divinos e não por motivos concretos na sua relação com a sociedade. E os *media* são o instrumento de relacionamento da Igreja com a sociedade. Há um esforço muito grande e reconheço, a Eclésia tem feito um trabalho inestimável mas cada vez que eu quero falar com o presidente da Comissão Episcopal da Família, que representa a posição da Igreja em matérias de família para comentar uma matéria que seja relevante do ponto de vista mediático, como seja uma reforma da *Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez*, como seja a possibilidade de adoção por casais homossexuais, é aquilo que a agenda pública mediática define, ele foge mais depressa que o diabo foge da cruz, e isto não faz sentido. Quando se quer alguém que fale sobre as perseguições dos portugueses na Nigéria ou que se fale sobre as questões africanas, vai se falar com o presidente da Comissão Episcopal das Missões, e o presidente da Comissão Episcopal das Missões assobia para o lado porque só está preocupado com a sua diocese. Há uma lógica de fechamento em que olham para os jornalistas como que os jornalistas têm de ser uma espécie de beatos, comunicadores beatos, os jornalistas não o são! Os jornalistas não são isso. Os jornalistas mal ou bem, têm todos os defeitos do mundo, e vamos ser francos, os jornalistas são maus! Mas são maus para a religião Católica como são para os partidos, como são maus para os clubes de futebol, como são maus para tudo o resto. Agora essas estruturas organizam-se para falar com os jornalistas. A Igreja não se organiza. Blinda, fecha, nomeia um porta-voz que é uma pessoa muito estimável. A Igreja Católica está convencida que nomeando, que tendo uma agência de informação, que faz um trabalho inestimável, e nomeando um porta-voz, chega. Nada disso é suficiente. A Igreja não tem um comportamento pró-ativo relativamente aos *media* por isso é normal que as poucas coisas que saem sejam coisas que depois a Igreja não consegue controlar. Porque a Igreja não sabe fazer *damage control*, a Igreja não vem se demarcar dos jornalistas que aldrabam, Ele há histórias recorrentes, há uma história célebre de haver manchetes que são mentirosas por parte de um dos grandes jornais portugueses. Recorrentemente nunca ninguém desmente aquilo da Igreja e continuam a falar com esse jornalista, quando a Igreja não tem uma estratégia de gestão da sua comunicação, sinceramente como jornalista é me indiferente, como Católico tenho muita

pena que a Igreja Católica não tenha o mínimo de se relacionar com o mundo dos *media* além daqueles que já estão convertidos.

A solução para isso passava por haver jornalistas especializados?

PA- Mas porque é que ao de haver jornalistas especializados? Só há jornalistas especializados se a Igreja criar uma estratégia de comunicação que justifique aos órgãos de comunicação social ter jornalistas especializados. Isso é o que a Igreja quer. A Igreja está sempre a dar cursos de formação a jornalistas como que para os catequisar! Eu quero tomadas de posição da Igreja e não os tenho! Há um ou dois bispos que são um bocadinho polémicos, e consigo tê-los a reagir. Ninguém reagiu ao facto do Alberto João Jardim fazer anúncios políticos à porta das missas! Porque razão é que eu agora tenho de montar um esquema, os jornais têm de ter jornalistas especializados em religião? A Igreja que crie motivos de comunicação suficientes para os jornalistas especializarem alguém para lá. O argumento tem de ser o contrário. Em comunicação o erro é sempre do comunicador e neste momento o grande erro é da Igreja. Isto não quer dizer que não haja vantagem em haver jornalistas especializados em religião, como há vantagens em ter jornalistas que percebam de política e de outras áreas. Agora se a realidade em si justificar, nós especializamos alguém. Agora eu não vou especializar apenas porque é mais fácil e porque dá mais jeito à Igreja. Eu estou à vontade, serei das pessoas que mais faço religião, menos beato sou, menos relação subserviente tenho com a lógica. E sou Católico, praticante, ou tento ser praticante e estou perfeitamente de consciência tranquila. Acho é que a Igreja em Portugal não tem uma estratégia nem sequer vai buscar os bons exemplos ao Vaticano. Eu tenho mais facilmente reações do Vaticano, do gabinete de imprensa do Vaticano sobre matérias que interessam aos meus clientes do que tenho por parte da Igreja em Portugal, o que é extraordinário. A Igreja não tem uma estratégia.

Falar de Igreja acaba então por ser um tema difícil?

PA- Claro que é um tema difícil. É um tema complicado de explicar porque não há o mínimo esforço da Igreja de dialogar com a sociedade através dos *media* e eu tenho que olhar para uma homilia e eu adoro ver citações de evangelhos em homilia, é a prova que a pessoa do lado de lá é inteligente, agora eu olho para aquilo e penso aquilo tem interesse para quem está na missa? Tem algum, mas é uma quantidade incrível de lugares comuns que não querem dizer nada. De vez em quando há uma frase solta que dá para fazer notícia. Os bispos têm no recinto do Santuário de Fátima, têm a possibilidade de discursar perante centenas de milhares de pessoas, de falar para o mundo, e ficam a falar dos anjos e dos arcanjos num discurso

holístico que não tem relação com a sociedade. A Igreja não faz um esforço para tentar dialogar com a sociedade. Só faz um esforço para dialogar com a sua sociedade e ficam contentes por falarem para a Renascença, para o *Correio do Minho*, para o *Reconquista*, para *O Mensageiro*, para o *70X7*, para a Agência Eclésia e ficam todos muito contentes por falar para essa realidade. Há quanto tempo eu não vejo um bispo a tomar posição? A ir ao Telejornal falar, exceto o Sr. D. Jorge Ortega e o Sr. D. José Policarpo, há quanto tempo? A Igreja a tomar posição sobre alguma matéria? Claro, tivemos aquele epifenómeno do D. Manuel Clemente, que ganhou o prémio pessoa e aí durante um bocadinho foi o foco das atenções. Mas não há uma estratégia mediática da Igreja! Por isso é difícil trabalhar Igreja.

Sendo Portugal um país Católico era importante os bispos tomarem posição?

PA- Claro que sim! Eles deviam tomar posição! Mas sem nenhuns preconceitos e não podem só querer falar para os amigos! Eles querem falar com jornalistas que sejam amigos. Eu tenho mais dificuldades em fazer perguntas a bispos que ao Presidente da República! Não faz sentido! Perante isto ok, a Igreja fica satisfeita em falar para o seu rebanho e eu ouvirei a Igreja quando algo que ele diga não interesse somente ao seu rebanho mas também aos outros! E é por isso que a religião não é uma prioridade na maioria dos órgãos de comunicação social Portugueses. O que se passa, e os nomes que foram elencados, existe Fátima que é um fenómeno de massas, mas tirando isso não há religião em Portugal. Há quatro ou cinco pessoas, o António Marujo, O Joaquim Franco, que gostam de religião, e que tentam e esforçam-se mas quer dizer...O Vilas Boas tem um processo de despedimento pendente na TSF, infelizmente com muita pena minha, Marujo faz religião q.b., o Joaquim Franco para aguentar o lugar na SIC tem que fazer outras coisas além de religião como fazer campanhas políticas. Não há jornalismo religioso, porque a Igreja em Portugal não tem uma estratégia de comunicação. E não podem vir com aquela ilusão de que nós é que temos de nos organizar para os servir melhor. Eu não sou pago pela Igreja, eu sou pago pelo meu patrão e o meu patrão quer notícias. Se a Igreja não me dá notícias, eu não me vou estar a especializar para isso.

Face a tudo isto o que se pode considerar notícia no seio da Igreja?

PA- A notícia como em tudo na vida é algo novo. Tudo aquilo que é novo. E há coisas que são novas. Todos os anos há uma novidade que é a concentração de milhares de pessoas em Fátima, todos os meses há tomadas de posição da Comissão Episcopal. Agora a Igreja tem que optar por aquilo que é novidade, não faz sentido que a Igreja reúna uma vez por mês em

Fátima, à uma semana houve uma reunião da Comissão Episcopal, da comissão permanente e não houve comunicado porque eles saíram mais cedo e disseram que não havia motivo para comunicado. Isto não faz sentido. Se a Igreja tem esta postura, ostensivamente fechada, o que nós faremos notícia é o padre que foi apanhado com armas, é o outro padre que casou e que fugiu, não há casos de pedofilia felizmente em Portugal mas o que nós vamos pegar é nos episódios e fenómenos. Ou seja, vamos continuar a fazer notícias. Eu não percebo porque é que a Igreja não toma posição sobre os idosos em Portugal. Perante isto o que é que eu posso dizer? Notícia continua a ser tudo o que é novo, se a estrutura em si não funciona para criar novidade e para procurar novidade, os jornalistas vão procurar noutro lado.

Quando há uma notícia acerca da Igreja, é preciso algum cuidado especial visto ser um tema delicado, ou é um tema abordado como outro qualquer?

PA- É e tem de ser abordado como todos os outros. Confronto de fontes, o problema é que a Igreja não fala. O normal, por isso não há confronto de fontes. Nós aí só temos um dos lados da questão porque aí a Igreja recusa comentar na esmagadora maioria das vezes. Se for um tema polémico para a Igreja, aí a Igreja não fala. Tem de ser tratado como os outros temas. Pode o jornalista que vai fazer ter um bocadinho mais de cuidado na abordagem porque não é fácil abordar fontes na Igreja, mas o tratamento técnico final tem de ser exatamente igual ao de outro tema, se não, não é notícia, é uma homenagem à Igreja ou é uma carta de ódio, não pode ser uma notícia.

Como é o processo de elaboração de uma notícia? Há fontes? Como é que isto se processa?

PA- Depende das notícias. Há fontes, muitas vezes é a fonte contra a Igreja e esse alguém fala. Não há é depois o confronto porque a Igreja não fala, outras vezes há notas pastorais, há tomadas de posição. Há três tipos de notícias, as notícias contra, as notícias a favor que sejam construídas pela Igreja que são muito raras, e a terceira situação é quando nós tentamos obter reações de matérias de atualidade junto de figuras da Igreja. Enquanto o Sr.D.Manuel Martins tiver vivo, o D.Eurico Dias Nogueira, o D.Januário, o D.António Vitalino, o D.Ildíio, o D.António Santos de Aveiro eu tenho notícias, porque eles até comentam alguma coisa, mas não faz sentido esses bispos tomarem posição sobre coisas que nada tem a ver com eles. Com algumas dessas pessoas eu consigo ter notícias, há outras que não, agora há esses três tipos de notícia, depende das situações e depende das circunstâncias.

Quais os maiores entraves?

PA- As pessoas não falam, não gostam de falar, só gostam de falar para o seu rebanho e os jornalistas não são o rebanho da Igreja.

É fácil encontrar informação para fundamentar as notícias?

PA- Depende do que são as notícias. Se é uma notícia negativa, é fácil encontrar, se é uma notícia positiva é mais complicado encontrar porque não há muitas fontes disponíveis e aí é verdade, como as pessoas não têm muito o hábito de fazer religião, eu explicar a um jornalista que tem de ir consultar o *L'osservatore romano*, ou se mandar um email ao Centro de Imprensa do Vaticano e ele responde, não há rotinas, por um lado não há muitas fontes, mas não há rotinas.

Falou especificamente nas notícias más...

PA- A fonte vai sempre dizer porque nós temos sempre alguém a criticar a Igreja, o problema é que a Igreja não responde. Vamos imaginar, um tema mau, alguém vem fazer uma acusação à Igreja, nós vamos confrontar a Igreja mas a Igreja não responde, o que é que vai ficar? Fica só uma versão de quem acusa.

E é fácil encontrar essas fontes?

PA- Que dizem mal?

Que digam mal ou bem...

PA- Isso mal é fácil porque toda gente diz mal de toda gente, agora não é o jornalista que vai procurar, tem a ver com as circunstâncias. Tem a ver com tomadas de posição. É dinâmico, não há regras pré-definidas.

Por exemplo, imaginemos que tem uma fonte anónima que entra em contacto consigo porque aconteceu algo de extraordinário por exemplo com um padre, contactam esse padre mas não conseguem confirmar se isto é verdade ou não...

PA- Se acusar e haja uma segunda fonte que me confirme isto, seja uma queixa da população relativamente ao padre, seja um problema judicial, seja o que for, desde que nós tenhamos outra fonte que confirme isso. Se o padre não quiser falar, problema do padre. Como se eu tiver duas fontes que me falem sobre um político e se o político não quiser falar, problema do político. Alguém faz uma acusação e apresentou queixa na GNR contra o padre, se eu tiver a

confirmação da GNR, tenho muita pena do padre se não quiser falar, e aí a Igreja acha que não falando resolve, não, não resolve.

Isto faz com que as fontes tenham uma influência direta na notícia...

PA- As fontes são o fundamento da notícia. E nós temos mais fontes anticlericais até porque há um discurso, há uma coisa em que a Igreja tem razão quando se queixa dos jornalistas: as redações não são tendencialmente Católicas. Porque nas redações o jornalista é treinado para ser antidogmático sempre, ser céptico, duvidar de tudo. Um dogma como a Igreja, um dogma como é a religião Católica ou a religião em geral, é algo com que o jornalista não convive bem porque não pode ser questionado esse dogma. Como não pode ser questionado há a noção de que as redações não olham para a Igreja com simpatia enquanto grupo. As pessoas que fazem religião pensam de outra forma, normalmente quem faz religião é sensível mas essas mesmas pessoas são olhadas como uma espécie de “padralhada” dentro das redações, quase todas as pessoas que foram aqui referidas têm epítetos dentro das redações como sendo a “freirinha” ou o “padre” das redações. Isto é normal porque primeiro o jornalista está treinado para não gostar de alguém que tem e é dono da verdade, o jornalista acha que é o dono da verdade. Ou seja são daqueles mitos sociais, mitos éticos, mitos profissionais de que a profissão se alimenta, e isto condiciona depois o trabalho com um certo olhar limpo sobre a Igreja. Agora quem faz genericamente religião é alguém que está minimamente atento e conhece a realidade. Há estas duas dinâmicas, mas também tem a ver com essa lógica anticlerical que existe nas redações, que é muito fácil nós encontramos fontes que digam mal da Igreja e como a Igreja não responde sujeita-se.

Cada caso é um caso, mas são mais vezes as vezes em que são contactados pelas fontes ou aquelas em que a fonte vos contacta?

PA- Cada caso é um caso, normalmente no órgão em que eu trabalho, cada vez mais nós somos contactados pelas fontes. O volume de trabalho é de tal forma que nós não investimos em trabalho feito de pesquisa, tem muito mais a ver ou com comunicados, ou com tomadas de posição, ou com queixas porque não há um investimento. Há noutras áreas onde nós fazemos investimento editorial, não é o caso da religião. São mais as fontes que nos contactam e é a partir daí que nós trabalhamos.

Como é desenvolvido o trabalho com as fontes?

PA- Na maioria dos casos as fontes contactam-nos. Ou há um comunicado, e a partir daí contacta-se a pessoa que fez o comunicado e vamos ver se há *checkagem* com outro ator. Ou é alguém que nos liga a denunciar uma situação e nós vamos atrás. Na maioria das vezes é assim.

Que relação se estabelece entre um jornalista e a fonte?

PA- Varia, há uma tal perfusão de fontes, as fontes institucionais são bem vistas, há fontes que pela sua relação antiga, estou me a lembrar por exemplo do Eugénio Fonseca da Cáritas que se dá muito bem com muitos jornalistas. É que o jornalista confia claramente nas fontes, há outras fontes em que o jornalista não confia porque sabe que está a mentir. Varia, não há uma regra.

O que acha que move as fontes?

PA- As fontes têm sempre interesse. Não há fontes inocentes. A Igreja quando algum organismo da Igreja quando faz um comunicado quer passar uma mensagem. A senhora que vive em Mafamude e se queixa que o padre abusou não sei de quem, tem um interesse. Todas as fontes são geridas por interesses pessoais ou da instituição que representam. O meu papel é expurgar ou avaliar a declaração para além desse interesse e perceber se tem interesse para além desse interesse pessoal. Mas nós não podemos ter ilusões, as fontes tem sempre interesse, não há fontes desinteressadas.

Por exemplo, a Lusa, acaba por ser fonte e acaba por ser um órgão de comunicação ao mesmo tempo...

PA- Não. Nós somos um órgão de comunicação social que é utilizado por outros órgãos de comunicação social como fonte mas nós não nos consideramos fonte, nem podemos considerar como fonte se o nosso trabalho é um trabalho acabado. Uma peça da Lusa é uma peça acabada pronta a ser publicada, agora se há jornais que além daquilo querem fazer mais coisas, eles tratam-nos a nós como fonte só que nós não temos qualquer relação com eles no sentido em que eles nos pedem mais alguma informação. Uma fonte é uma fonte dinâmica, nós não somos fonte. Nós somos fonte no sentido em que somos fonte documental e que pode ser um ponto de partida para um trabalho posterior, que é o jornalista quem decide, que é o jornalista sendo nosso cliente que decide, mas nós no nosso trabalho não nos podemos

considerar como fonte, porque isso implicaria uma relação com os nossos clientes que nós não temos. Nós fazemos um trabalho jornalístico acabado. Nós não fazemos reenvio dos emails e dos comunicados que recebemos. Embora eu perceba que do ponto de vista da lógica global das coisas faça sentido nós sermos considerados como fonte. Eu prefiro avaliar isto na tradição que existe nas agências de notícias que é nos sermos produtores grossistas de informação e depois há retalhistas que pegam na nossa informação e decidem republicar ou trabalhar a partir e juntam três takes num único take ou pegam em dois takes e acham que vale a pena fazer mais uma pergunta. Por exemplo vamos imaginar um jornal regional em que não se falou com o bispo da terra ou é um jornal nacional e que acha que nós devíamos ter falado com não sei quem, mas isso é um trabalho do nosso cliente.

Muitas vezes a Lusa acaba por ser o único sitio onde o jornalista vai buscar informação, há algum cuidado especial?

PA- O nosso trabalho é para isso, agora, o nosso esforço é para que o nosso trabalho consiga ter um aproveitamento direto, Beneficiamos das fragilidades dos nossos clientes, por não terem tempo, mas também temos o mérito de produzirmos notícias que tenham ângulos suficientemente fortes e *leads* suficientemente apelativos e uma estratégia com uma capacidade de atração suficientemente forte para que a utilização seja imediata.

Atualmente, o que pensa do jornalismo?

PA- Nunca o mundo precisou tanto de jornalistas e pagou tão pouco por eles. Nós queremos todos estar muito bem informados mas não queremos pagar por isso. As redes sociais estão a criar uma lógica de notícias que não é aquilo que é mais importante para nós mas sim aquilo que é mais interessante para nós. Estamos a criar cidadãos alienados e olham para a informação apenas na perspetiva do lazer e da fruição e não da informação enquanto instrumento de cidadania e por isso é que as notícias chatas não têm aproveitamento e por isso é que cada vez isto vai acabar numa lógica em que haverá menos jornais, menos jornalistas, em que se trabalhará ou para jornalismo de elite ou para uma elite de cidadãos sobre informados que quer saber tudo mas isto vai levar à estupidificação da grande massa de gente que olha para o jornalismo e onde só quer as notícias engraçadas, como por exemplo a ultima tatuagem da Beyonce e quer o último insólito de animais que possa existir no mundo, e não quer saber do que é que o parlamento decidiu sobre o imposto que vai pagar amanhã. Isto é uma coisa complicada, que é o infotainment está a destruir o pouco de seriedade que ainda existia no jornalismo.

Há uma relação definida entre os *media* e a Igreja?

PA- Não há porque a comunicação social encara a religião apenas como a “padralhada” e não encara a religião como uma área da sociedade que toca em milhentas áreas como as IPSS, como a rede de cuidados continuados, como a educação Cristã dos colégios Católicos, como o trabalho pastoral fantástico que os Evangélicos estão a fazer e inclui um trabalho pastoral e social fantástico, prefere esgotar aquilo nas homilias dos padres. Depois temos uma Igreja que só quer falar para o seu rebanho. Por isso não há uma boa relação e nunca vai haver uma boa relação enquanto nenhuma das partes começar a dialogar. E eu temo que quer por parte dos *media*, quer por parte da Igreja a distancia seja para aumentar.

Anexo 11 – Entrevista com Secundino Cunha

45 anos – 12º ano de escolaridade. Frequência de 7 anos no seminário. Jornalista do *Correio da Manhã* desde 1992.

Entrevista a 18 abril 2012

Como descreve o seu percurso académico e profissional?

Secundino Cunha – O meu percurso académico é curto. Eu tenho o 12º ano de escolaridade, porque no tempo em que eu entrei para a profissão não era necessário mais, portanto eu comecei a trabalhar, aliás a estagiar com 19 anos, numa rádio em Braga. Foi aí que comecei. A minha carteira profissional é de 89. A partir de 92 comecei a ser correspondente em Braga do *Correio da Manhã*, que na altura não tinha delegação. Em 98 criei a delegação em Braga e depois em 2007 estive 2 anos a coordenar o norte e nessa altura tive de deixar a rádio. E depois em 2009/2010 voltei para Braga e é onde estou agora.

O jornalismo sempre foi uma coisa que quisesse ou foi surgindo?

SC- Ora bem, eu inicialmente quando comecei a trabalhar na rádio fazia programas como animador, mas na altura já gostava e criava ali uma situação de entrevistas até que a pessoa que era lá responsável pela informação me convidou, e foi aí que começou. Não lhe posso dizer que tenha sido aquela coisa que eu sempre quis ser desde pequenino, quer dizer não sei. Foi aparecendo com as circunstâncias.

E esta parte do jornalismo religioso onde se insere?

SC- Esta parte do jornalismo religioso também tem a ver com as circunstâncias. Como se sabe Braga é uma cidade com um grande pendor religioso. O arcebispo de Braga por norma tem importância no seio da hierarquia da Igreja e na altura o arcebispo de Braga era o D. Américo Dias Nogueira, era meu amigo, quer dizer ainda é porque ele ainda vive, mas enfim tínhamos um bom relacionamento, fruto de circunstâncias diversas e eu comecei a fazer notícias, muito a partir de Braga, algumas notícias até meio problemáticas para a própria Igreja. Recorda-se certamente do caso de um padre que se deixou apanhar pelas malhas da droga e depois até deu um filme. A notícia desse caso, fui eu que a fiz. A primeira notícia desse caso, porque por acaso até era um padre que eu conhecia pessoalmente. E com essa proximidade aos assuntos, digamos assim, comecei a fazer, a partir de uma certa altura a fazer a partir de Braga e eu passei a trabalhar efetivamente como quadro do *Correio da Manhã*, comecei a fazer a questão

religiosa do país todo tirando algumas circunstâncias. Por exemplo, não sou eu que venho fazer as peregrinações a Fátima, porque as peregrinações não são uma questão de Igreja, digamos assim. São uma questão de Igreja mas do ponto de vista da circunstância. É mais uma questão folclórica, pontual. Mas tudo o que é acontecimentos importantes quer cá, quer fora, normalmente sou eu que faço, sim.

Atualmente só faz essa parte da Igreja?

SC- Não, tenho que fazer outras coisas porque a Igreja não tem matéria e sobretudo espaço noticioso que obrigue a uma pessoa em exclusividade. Não há necessidade. Faço outras coisas também, nomeadamente sociedade e alguma economia.

Ao longo da sua formação teve alguma educação religiosa?

SC- Tive, eu quando era mais novo, quando era criança, andei no seminário 7 anos, portanto também há aí alguma ligação.

E isso influência hoje em dia?

SC- De alguma forma influência, sobretudo a educação. Bem, é verdade que eu sou católico. Isso tem naturalmente a ver, não só com o facto de ter andado no seminário mas com questões familiares.

De que forma essa educação religiosa influência aquilo que escreve hoje? Ou não pode influenciar?

SC- Não, não pode influenciar. Não é? Não pode influenciar. Nós temos de fazer como o jornalista benfiquista que escreve sobre o Benfica, ou seja, que tem de ser isento ou tentar fazer o maior esforço possível para ser isento. Nós ali o que temos de fazer é escrever a verdade das coisas. Que se soubermos de uma notícia que é pouco comoda para a Igreja, não podemos deixar de a dar só porque somos católicos. Não, isso não pode acontecer. E no meu caso particular não acontece. Já lhe dei um exemplo, mas também lhe posso dar outro mais recente, que foi daquele padre que fugiu com uma miúda. Também fui eu que fiz a primeira notícia disso. São notícias que não são propriamente comodas. Fiz a primeira e uma série delas que aconteceram na sequência disso. Portanto nessas coisas nós temos de ter o nosso serviço que é para com o leitor. E o leitor exige que nós contemos a verdade.

A nível de jornalismo religioso, como é marcada a agenda? Como é o dia-a-dia?

SC- Por exemplo, no caso concreto agora da Conferência Episcopal nós temos uma programação que está pré-definida. Normalmente são 4 dias. No primeiro dia há um discurso de abertura, no segundo dia não há nada de oficial e nós passamos lá algumas horas a tentar falar com um bispo ou outro, a tentar “sacar” umas informações para compor umas peças. Eu hoje por exemplo, trago no *Correio da Manhã* o caso do processo de beatificação da Irmã Lúcia, que está atrasado e que não é propriamente uma coisa que tenha a ver com a Conferência Episcopal, mas que eu aproveitei a Conferência Episcopal para contactar o bispo de Coimbra e lhe falar no assunto que já tinha em análise à algum tempo. Hoje por exemplo há ao meio dia a divulgação de um estudo sobre a prática religiosa, feito pela Universidade Católica. Amanhã é o dia do encerramento e há uma conferência de imprensa. Normalmente pelo presidente da Conferência Episcopal que no caso é o Patriarca de Lisboa, e depois depende muito do que ele disser. E para além desta programação oficial, digamos assim, nós os jornalistas que acompanhamos este evento tentamos arranjar outras notícias, perguntar outras coisas. Por exemplo, eu ontem encontrei lá o Bispo de Baucau⁴⁰, que é o presidente da Conferência Episcopal de Timor-Leste e fiz lhe uma entrevista sobre as presidenciais em Timor, e sobre a situação do país, e que também sai hoje no *Correio da Manhã*.

São temas que vai pensando e vai fazendo?

SC- Ou vou pensando previamente e que depois completo com informações que lá recolher ou então surgem na altura, que foi o caso.

E para escolher os temas em que se baseia? O que define um tema que possa estar em agenda?

SC- Ora bem, em agenda não direi! Um tema que seja interessante ou que se possa considerar interessante. Nós, nomeadamente os que acompanham esta questão religiosa, vamos tendo alguns assuntos que têm grande interesse público não é? Os casos de beatificação, de canonização, uma eventual vinda do Papa a Portugal, visita dos bispos, coisas que a gente sabe e a partir daí é ir explorando e ir para além das coisas que surgem, por exemplo, uma homilia de um bispo num domingo em que ele critica arduamente uma determinada situação, pode ser uma grande notícia, isso depois é uma questão que vai surgindo e que vai acontecendo.

⁴⁰ D. Basílio do Nascimento, nasceu em 1950 em Suai, Timor, e foi ordenado padre em 1977. É bispo de Baucau desde 2004.

É difícil falar sobre a Igreja?

SC- Não, as pessoas que acompanham este tema têm basicamente como maior problema 2 incompreensões. Somos incompreendidos por um lado por bispos que acham que nós só dizemos o que eles não querem dizer e que não damos a devida importância às coisas que eles querem dizer, ou seja, à mensagem que eles gostariam de passar. Consideram eles que nós não damos relevância à mensagem que eles querem passar, sendo que a mensagem que eles querem passar não tem um peso noticioso. Depois temos a incompreensão da restante redação que acha que aquilo que eles dizem também não é propriamente assim o mais importante, quer dizer, os outros fait-divers, o outro folclore é mais importante. Por exemplo, no discurso de abertura, se eles fazem um discurso de grande pendor teológico sobre questões de fé, assente nas virtudes teologais e por aí fora, e se por ventura, lateralmente um bispo fala da questão social e de que há pessoas a morrer á fome, obviamente que essa questão lateral vai ser muito mais importante e muito mais destacada do que a outra questão que eles gostavam que fosse essencial. Isso acontece com muita frequência.

Tem algum cuidado especial na abordagem destes temas?

SC- O cuidado especial que temos é o rigor. Normalmente as pessoas que fazem cobertura das questões da Igreja devem estudar de alguma maneira os assuntos. Devem ter conhecimento da orgânica da própria Igreja. As vezes diz-se que não é muito plausível quem faça Igreja não saiba distinguir uma píxide⁴¹ de uma patena⁴². Isto para dizer o que? São objetos de culto, e boa parte das pessoas não faz ideia do que é. Mas quem faz Igreja tem de saber não é? Por isso é que se tem de saber o mínimo. Assim como faz notícias de justiça tem de ter o mínimo conhecimento sobre a legislação, sobre o *Código Penal*, o *Processo do Código Civil*, etc. Portanto quem faz Igreja deve ter conhecimento, e com esse conhecimento, enfim o rigor deontológico que nestas coisas e noutras coisas se deve ter para dizer a verdade.

⁴¹ Segundo o Dicionário elementar da liturgia uma píxide “significa «caixa». Vem do grego, pyxis (caixa de madeira de buxo). Nos livros litúrgicos, é mais ou menos sinónimo de patena, o vaso sagrado coberto com uma tampa, para conservar o Sagrada Reserva (Pão eucarístico). Também se chama «píxide» (ou teca) à caixinha mais pequena, com tampa, que se utiliza para levar a comunhão aos doentes”.

⁴² Segundo o Dicionário elementar da liturgia uma patena é “uma pequena bandeja ou um pratinho pouco profundo, ligeiramente côncavo, normalmente dourado, onde se deposita o pão consagrado na Eucaristia.” - www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/

Quando faz uma notícia, como é o processo de elaboração?

SC- Depende! Cada caso é um caso. Posso dar um exemplo. Esta notícia que trago hoje sobre a Irmã Lúcia, começou à dois meses numa entrevista que fiz a um cardeal em Roma que foi perfeito da Congregação das Causas dos Santos, que é onde decorrem os processos de beatificação e canonização. E na conversa que tive com ele, foi na altura do consistório, em que foi criado um novo cardeal Português, ele manifestou-me, enfim, algum descontentamento, digamos assim, pelo facto do processo estar a decorrer, na opinião dele, muito lentamente, a Irmã Lúcia morreu em 2005 e em 2008 este mesmo cardeal que na altura era perfeito da congregação anunciou que o processo podia começar 2 anos antes do previsto pelo *Código do Direito Canónico*, ou seja, em vez de começar 5 anos após a morte, pode começar 3 anos após a morte, houve ali uma antecipação e o processo ainda não saiu da diocese de Coimbra. O que é que acontece? Ele achou que pela lentidão que isto tem levado, ou seja, haverá de alguma forma falta de empenho por parte das pessoas que estão a estudar a causa porque como houve antecipação eles deviam ter aproveitado. E eu aguardei. Encontrei o bispo de Coimbra e coloquei lhe a questão e ele explicou-me que o processo é muito complexo, foi necessário fazer algumas alterações, mas que no próximo ano estará concluído e pronto para enviar para Roma. A notícia é essa.

Há entraves ou algum tipo de dificuldades na elaboração da notícia?

SC- Os entraves são os entraves normais de todas as outras notícias, ou seja, quando tenho uma informação tenho de a confrontar com as diversas fontes e com os diversos protagonistas no sentido de obter a verdade dos factos. E às vezes confrontar as pessoas, encontra-las, contacta-las, não é uma coisa simples, nomeadamente quando se trata de bispos. Se tiver uma informação complexa para o Patriarca de Lisboa, e telefonar para o Patriarcado de Lisboa, ele não me atende o telefone, vai ter de ir pelas vias do assessor. Tudo isso são entraves normais.

Torna-se difícil então muitas vezes encontrar informação?

SC- Eu disse-lhe que por exemplo neste caso da Lúcia esperei 2 meses que acontecesse essa Conferência Episcopal para vir cá e confrontar o bispo.

Então e numa notícia como aquelas que referiu, por exemplo a do padre que fugiu?

SC- Aí já é outra história, aí tem de se dar naquele dia. Eu tenho conhecimento que o padre fugiu com a paroquiana, e portanto eu tenho de dar uma notícia naquele dia. E contacta-se a diocese, explica-se a situação, se alguém quiser falar tudo bem, se não quiser falar, sai a

notícia com uma frase no final a dizer que “ contactada, a diocese não quis prestar declarações sobre o assunto.”

Normalmente a Igreja colabora?

SC- Não, normalmente a Igreja não é a instituição mais complexa. Eles de alguma forma tendem a não, como é natural, a não dar demasiada importância às coisas menos positivas que acontecem. O que é natural. Mas não são, não é ao contrário do que se pensa, a instituição mais complexa. As vezes a dificuldade até é da própria agenda deles. Um bispo por norma tem a agenda apertada porque tem a diocese toda, tem visitas pastorais, tem isto e aquilo. Mas às vezes se a gente os encontrar por exemplo, por norma são explícitos, comentam, não é aí que há a maior dificuldade, penso eu.

Li uma frase que me suscitou alguma curiosidade: “ A Igreja nem sempre está preparada para falar com os jornalistas. A Igreja dá mais importância à forma como os temas são abordados do que propriamente aos temas em si.”. O que acha?

SC- Não diria isso. Acho que sim, a primeira parte está correta. Acho que a Igreja nem sempre está preparada para falar com os jornalistas. Assim como nem sempre a Igreja está preparada para a realidade. Nessa perspectiva acho que sim. Acho que de vez em quando a Igreja precisa de alguns abanões, de algum banho de realidade e realismo. Aquela questão que se diz de descer do altar para o mundo, para as coisas das pessoas, sim. Embora eu ache que nos últimos anos tem sido feito um grande esforço nesse sentido e a Igreja dá cartas em termos de apoio social por exemplo. A Igreja Católica é a instituição que tem maior rede de apoio social do país, mais que o Estado. Em termos de assistência social, seria mais problemático se a Igreja fechasse do que se fechasse o Estado. Agora, em relação ao facto deles não gostarem da forma como se abordam as coisas, isso pode acontecer, mas pontualmente. Não me parece que isso seja uma lei geral, ou seja, que a Igreja não gosta da forma como se escreve. Não tenho essa ideia. Agora que realmente, de facto, por vezes não estão preparados e são surpreendidos pelas perguntas, isso é verdade e acontece com muita frequência.

Para além desse banho de realidade, que falta mais?

SC- A Igreja é uma instituição com muitos anos, tem 2000 anos e o facto de ter uma estrutura muito rigorosa, muito pautada pela questão da obediência, um bocado como a estrutura militar. É o que lhe tem garantido esta perduração no tempo. O facto de ser uma estrutura de

grandes bases e organização, é o que lhe tem garantido ultrapassar situações absolutamente diabólicas, como é o caso das cruzadas, se fosse uma instituição com pés de barro, digamos assim ruía por completo e não consegue perdurar, consegue atravessar, e portanto eles têm muita dificuldade perante a mudança, perante a necessidade de mudança. Há muita dificuldade porque a Igreja é uma instituição tradicionalista. Por um lado há dogmas de fé que dos quais eles não abdicam, porque são considerados basilares, portanto o dogma de fé não é questionável e para além disso há outras questões de disciplina digamos assim que eles interiorizam e cumprem à risca. Discute-se com muita frequência a questão da ordenação das mulheres, a questão do casamento dos padres e essas questões não estão proibidas, digamos assim, por questões dogmáticas e por questões teológicas mas por questões de disciplina. Os padres foram casados durante uns séculos. Apenas a partir da Idade Média, século XII/XIII é que passaram realmente a não poder casar. Portanto é apenas uma questão de disciplina mas que eles levam a sério e quer dizer, qualquer mudança a esse nível é sempre muito complicada na Igreja. Em relação à questão da comunicação, a Igreja tem por exemplo um porta-voz. O porta-voz é sempre um padre, um bispo, nunca a Igreja arriscaria ter um porta-voz que fosse um leigo ou um jornalista por exemplo.

E a nível de fontes? Há facilidade de encontrar fontes?

SC-Não, não há. Se calhar como em todas as áreas não é? Como lhe disse a Igreja é uma instituição composta por pessoas quem têm na obediência um pilar basilar. Podíamos aqui agora questionar o que é uma fonte de informação. Pode ter uma fonte de informação relacionada com a Igreja, não tem necessariamente de ser um bispo. Pode ser um padre.

Especificamente naquele caso do padre que fugiu...

SC- A fonte foi um paroquiano. Não teve na Igreja a fonte dessa notícia naturalmente. Nem sempre as questões de Igreja têm de a ter como fonte. Agora no seio da própria Igreja ter fontes que nos ajudem, ter alguns padres amigos, até mesmo alguns bispos com quem temos mais confiança, com quem costumamos privar mais a esse nível, mais à vontade para lhe telefonar ou mandar uma mensagem a dizer: “Sr. Fulano precisava falar consigo.” A nível das fontes de informação, digamos que as notícias não advêm propriamente dos bispos, quer dizer, andam mais cá por baixo.

Estas fontes acabam por ter um papel fundamental. Como é desenvolvido o trabalho com elas?

SC- As fontes têm um papel fundamental porque se a gente não souber, não tiver uma dica, não consegue fazer uma notícia. O trabalho com elas é transversal, o tipo de trabalho de preservação de fontes digamos assim é o mesmo que se faz na Igreja ou na justiça, ou na polícia, digamos assim. É a gente ir contactando e ir falando com eles e estabelecer uma relação muito pessoal e de confiança, ao ponto de por exemplo de saber que é um padre me pode telefonar, que me pode contar uma determinada história. É de ele ter a certeza absoluta de que eu nunca direi que foi ele que me contou. Isso é absolutamente fundamental, nisto como noutras áreas, a questão das fontes e da confiança é o mais importante. Se eu um dia revelasse uma fonte, nunca mais teria ninguém que me contasse nada, como é óbvio, poderia fazer as malas e ir procurar um trabalho de trolha.

Porque estaria em causa o seu trabalho e o da fonte?

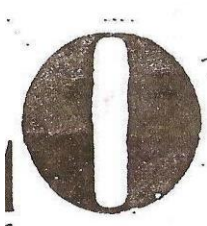
SC- Isso é algo que um jornalista nunca pode fazer, nem nunca deve fazer mesmo que as vezes haja tentativas como acontecesse quando se tenta revelar à força a origem das coisas. Isso nunca pode acontecer.

Há uma relação definida entre a comunicação social e a Igreja?

SC- Não de todo. A relação que existe é que há uma meia dúzia de jornalistas que são quase sempre os mesmos que cobrem estes assuntos e a esse nível sim, quer dizer sabem mais ou menos quem é que vão encontrar lá, cada vez que há uma Conferência Episcopal. Tirando isso não há assim nenhuma relação definida, nem tem de haver.

Não? Porque? Acaba por ser um assunto como outro qualquer?

SC- Não há porque é um assunto como outro.



O SÉCULO: Portugal, colónias portuguesas e Hespanha: 3 meses, \$20—6 meses, 1\$80—1 ano, 3\$60—Lisboa: 1 mez, \$30—Territórios da zona postal: 3 meses, 3\$60—1 ano, 7\$20.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, Portugal, colónias portuguesas e Hespanha: 3 meses, 2\$35—6 meses, 4\$60—1 ano, 9\$00—Lisboa: 1 mez, \$90.

Assina-se na administração do *Século*, suuoraaes e estações postaes
RECLAMAÇÕES: Devem ser dirigidas á secção de reclamações.

As communições relativas a assinaturas devem ser acompanhadas de respectivo sumero.—Editor, Jorge Grava.

EM PLENO SOBRENATURAL!

AS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Milhares de pessoas concorrem a uma charneca nos arredores de Garem, para vêrem e ouvirem a Virgem Maria

Não se entristecem nem se amofinam os corações devotos, não se conturbem nem sobressaltem as almas candidas e fiéis: longe de nós o intuito de escandalisar os que sinceramente crêem e a quem o maravilhoso ainda hoje atrai, seduz, encanta, consola e fortalece como acontecia ha mil anos e ha de acontecer, por certo, dobrados outros mil... Quer a satira quer a apologetica ninguém pretenda descortinal-as no mero, succinto relato jornalístico de um acontecimento que não é novo na historia do catolicismo, antes se tem reproduzido muitas vezes, quasi por fórma identica, em tempos e em paizes diversos, e que foi e será sempre considerado de oposta maneira: por uns como aviso o graça dos céus, por outros como sinal e prova de que o espirito supersticioso e fanatico possui raizes profundas e custosas, senão impossiveis de arrancar. As épocas do grandes provações nunca deixaram de favorecer, estimulando-o, o rejuvenescimento das idéas religiosas e a guerra constitue para a sua expansão um dos mais propicios e fecundos ambientes. Verificou-se na vida das trincheiras e ainda na propria atmosfera espiritual das nações em luta. Haverá, por acaso, especuladores que se aproveitem do ensejo para a efesivação de reconhecidos lucrativos planos em que a santa eterna ingenuidade representa a materia prima a explorar? Não o negaremos nós, porque a lição dos factos não vem ensinando através dos seculos, nem pasmarmos se emanha e o clero e leigos que se fadadas aparições de Fátima redundaram, sobretudo, em vantagens temporaes para muita gente...

templar a figura sagrada. O numero dos aleitos parece ser bem reduzido. Por mais esforços que façam, muitos nada enxergam, contentando-se os que ficam mais perto das crianças com ouvir as falar a uma invisível interlocutora. Outros, porém, no instante soleno e divino, vêem as estrelas pestanejando no azul, a despedida do sol se encontrar no zenit; sentem ruidos subterraneos que assinalam a presença da Senhora; dizem que a temperatura arrefece e alguns comparam as impressões do momento com as que se recebem quando d'um eclipse solar. E' sobre uma carvalhoira que a figura da Virgem, consoante a confissão infantil, se manifesta, e em redor envolve-a como que uma nuvem que dir-se-hia de pó, se na occasião soprasse vento. A suggestão coletiva de que o sobrenatural impera ali e de que um poder extra-humano empolga os circumstantes é tão forte e tão arrebatadora que os olhos se marejam na luz grimas, ha rostos que se cobrem de uma palidez de morte, homens e mulheres prostram-se por terra, entoadocanticos, e rezam o terço em coro— não sabemos se porventura já houve cegos que recuperassem a vista, paralíticos que reacquirissem os movimentos e pecadores empedernidos que se desprendessem dos atoleiros do vicio para mergulharem na agua lustral da penitencia...

Como quer que seja, do Algarve ac Minho deram brado as aparições de Fátima. Em cada dia 13, de pois da festa da Ascensão, osromeiros afluem por milhares, idos de perto e de longe, e os meios de condução exgotam-se, não ha onde dormir nem onde comer e todos se mostram contentes e admirados, ainda quando nada virem que se deslumbra-se, a não ser a boa ordem, a compostura, o respeito com que a enorme multidão acampa na serra, para rezar e devorar os seus farmem... O que ocorrerá hoje em Fátima? Sabel-o-hemos em breve. Pessoas piedosas esperam que a Virgem Maria as esclareça acerca do fim da guerra e leve a sua bondade ao extremo de lhes dizer quando se firma a paz. O clero local, bem como o das redondezas, guarda, na apparencia, uma prudente reserva sobre o que se está passando. E' das tradições da Igreja. Em voz alta assevera que todo o escrupulo será pouco em conjuntura tal, porque o demónio tambem as tece; mas no seu intimo rejubila com o movimento de peregrinos que desde maio engrossa e avulta de mez para mez. E' tambem ha quem, a par de uma ampla e sumptuosae igreja constantemente repleta, imagine vêr levantados vastos hotels com todos os confortos modernos, bem fornecidas lojas atulhadas de mil e um objetos de piedade, comemorativos da Senhora de Fátima — e construido um ramal de caminho de ferro que nos conduza ao futuro miraculoso santuario com mais comodidade do que as traquinanas que para lá acartelam para a maioria dos fiéis e dos curiosos... Cristallisar-se-ha o sonho em que, inconscientemente, colaboram e commungam nobres anjos místicos e justas aspirações industriais?

Avélias da Almeida

deza a fa-
nos na-
nha
de New-
te fizeram
egado de
diversos
que oca-
e milões
ruído, por
los e neu-
ue tinham
Luzitania.
landa.
m comicio
novan fez
manobras
nte a utili-
zados na
que Casas
as costas
A Irlanda
s alemães,
rque das
O
r-Tork que
o Heinrich
dollara da
corrupção,
pecular em
n Rintelen,
as para ca-
—S.
guerra
o Vaticano
ff dix que
os asfor-
na a ado-
parlanta.
quindade
er, mar.

Anexo 14 – Documentos relativos à Observação da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de maio de 2012



BOLETIM INFORMATIVO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Boletim Informativo 42/2012, de 04 de maio, 16:00

Peregrinação Internacional Aniversária de maio de 2012 **Informação aos profissionais da comunicação social**

O cardeal que preside ao Pontifício Conselho para a Cultura, D. Gianfranco Ravasi, será o presidente da Peregrinação Internacional de maio de 2012, nos dias 12 e 13, em Fátima. A peregrinação tem este ano o tema “Eis a serva do Senhor”.

Até à presente data, 92 grupos de peregrinos, de mais de duas dezenas de países, anunciaram junto do Serviço de Peregrinos do Santuário a intenção de participar na eucaristia principal da peregrinação, no dia 13 de maio.

Transmitimos aos senhores jornalistas as seguintes informações:

1 - Estacionamento

O parque n.º 9, com acesso junto do Hotel Recinto, estará reservado para as viaturas dos profissionais da comunicação. Deve ser apresentado, para entrada no parque, ou o cartão de acreditação do Santuário de Fátima, ou a carteira profissional de jornalista.

2 - Sala de Imprensa

ATENÇÃO - NOVO LOCAL - A Sala de Imprensa para esta peregrinação será na zona da Colunata Sul, onde em tempo esteve a Capela da Reconciliação e onde funcionou a Sala de Imprensa da visita papal de maio de 2010. Os jornalistas ainda não acreditados devem dirigir-se a esse local para acreditação. A Sala estará preparada com as condições técnicas habituais de internet, som e imagem, para poderem trabalhar a partir dos vossos computadores pessoais.

Horário da Sala de Imprensa:

Dia 11 de maio (sexta-feira): 9:00 – 13:00 | 15:00 – 18:00

Dia 12 de maio (sábado): desde as 9:00 até ao final da eucaristia internacional da noite.

Dia 13 de maio: desde as 9:00 até ao final da peregrinação aniversária.

3 – Visita às obras do túnel da Avenida de D. José Alves Correia da Silva – 11 de maio/15:00

Em resposta às solicitações e para dar a conhecer o andamento dos trabalhos do túnel da Avenida de D. José Alves Correia da Silva, o Santuário de Fátima convida os jornalistas interessados a uma visita ao espaço de intervenção, com possibilidade de captação de imagem.

A visita está agendada para as 15:00 do dia 11 de maio, sexta-feira.

O local de para a visita é, às 15:00, no átrio do Centro Pastoral de Paulo VI.

O acesso ao centro pastoral far-se-á pela Avenida de D. João XXIII.

4 – Conferência de Imprensa –12 de maio/16:00

A conferência de imprensa de apresentação da peregrinação está marcada para as 16:00, na Casa de Nossa Senhora do Carmo, no Santuário de Fátima. Estarão presentes o presidente da Peregrinação, o cardeal D. Gianfranco Ravasi, presidente do Pontifício Conselho para a Cultura; o bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto, e o reitor do Santuário de Fátima, Padre Carlos Cabecinhas.

5 – Abertura da exposição “Alarga o espaço da tua tenda” –12 de maio/17:30

O Reitor do Santuário de Fátima, o Presidente dos Institutos Missionários Ad Gentes e o Diretor das Obras Missionárias Pontifícias têm o gosto de convidar também os senhores jornalistas para a inauguração da Exposição “Alarga o espaço da tua tenda - Exposição Missionária”, iniciativa conjunta das três entidades. Dignam-se estar presentes na abertura da exposição D. Gianfranco Ravasi e D. António Marto. A inauguração será às 17:30 do dia 12 de maio, no Convívium de Santo Agostinho, na Igreja da Santíssima Trindade, local onde a mostra ficará patente até 31 de outubro.

O programa da peregrinação está [AQUI](#).

Uma entrevista a D. Gianfranco ravasi, pela Sala de Imprensa do Santuário de Fátima e a propósito da peregrinação está [AQUI](#).

Com os meus melhores cumprimentos,

Leopoldina Simões

Centro de Comunicação Social

Santuário de Fátima

www.santuario-fatima.pt

www.fatima2017.org

www.facebook.com/SantuarioFatima



BOLETIM INFORMATIVO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Boletim Informativo 43/2012, de 06 de maio, 10:30

Peregrinação Internacional Aniversaria de maio de 2012

12 de maio: Exposição missionária “Alarga o espaço da tua tenda” inaugurada em Fátima

A 12 de maio, às 17:30, é inaugurada no Santuário de Fátima a exposição missionária “Alarga o espaço da tua tenda”, iniciativa fruto de uma parceria entre os Institutos Missionários Ad Gentes e o Santuário de Fátima. Além de pretender ser sinal de agradecimento e ação de graças a Deus, a mostra pretende também levar à renovação do entusiasmo pela Missão da Igreja em Portugal.

D. Gianfranco Ravasi, presidente do Pontifício Conselho para a Cultura e que este ano preside à peregrinação internacional aniversaria de maio, e D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, estarão presentes na sessão de abertura.

De acordo com a organização – o Instituto Missionário Ad Gentes, os Animadores Missionários Ad Gentes, as Obras Missionárias Pontifícias e o Santuário de Fátima - o título da exposição “Alarga o espaço da tua tenda”, tomado do livro de Isaías, pretende levar “àquela atitude de quem se encontra de coração aberto para acolher o outro e ir ao encontro do outro”.

A exposição estará aberta ao público, em Fátima, no Convívium de Santo Agostinho, na Igreja da Santíssima Trindade, de 12 de maio a 31 de outubro de 2012. Poderá ser visitada diariamente entre as 9:00 às 19:00. As entradas são livres e gratuitas. Ao longo de quatro núcleos, o visitante é convidado a sentir, a gostar e a deixar-se envolver pelo espaço. Ali se encontrará com a origem da Missão e com aqueles e aquelas, que a foram encarnando ao longo dos tempos.

Logo após a abertura da exposição, tem início a peregrinação internacional aniversaria de maio de 2012, às 18:30, na Capelinha das Aparições, momento em que o bispo de Leiria-Fátima acolhe os peregrinos e lhes apresenta o presidente da peregrinação, D. Gianfranco Ravasi, que também saudará os presentes. Este momento inicial é sempre de oração e louvor a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

O cartaz da exposição está disponível em www.fatima.pt

Leopoldina Simões

PROGRAMA DAS CELEBRAÇÕES:

Dia 11 - Peregrinos a Pé

18:30 - Missa, na Basílica.

Dia 12

14:00 - Encontro para guias de peregrinos a pé, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores (nos meses de Maio, Agosto e Outubro).

MISSAS, em português, na Basílica:
- 07:30, 09:00, 11:00 e 12:30.

07:30 - VIA-SACRA, aos Valinhos, partindo da Capelinha e terminando na Capela do Calvário Húngaro, com a Eucaristia. (Pedimos aos grupos que se abstenham de fazer via-sacra própria, entre as 07h30 e as 09h00, para não perturbar a oficial).

MISSAS em línguas, na Capelinha:

07:30 - Deutsch (Alemão)
08:30 - English (Inglês).
09:30 - Français (Francês).
10:30 - Español (Espanhol).
11:30 - Nederlands (Neerlandês)
12:30 - Italiano (Italiano)
13:30 - Po Polsku (Polaco)

16:30 - MISSA com a participação dos doentes, no Recinto, e PROCISSÃO EUCARÍSTICA.

18:30 - INÍCIO OFICIAL DA PEREGRINAÇÃO, na Capelinha.

21:30 - Bênção solene de velas e ROSÁRIO, na Capelinha, e PROCISSÃO DE VELAS.

22:30 - EUCARISTIA, no Altar do Recinto.

Dia 13

Noite de Vigília

00:00 às 02:00 - Adoração Eucarística.
02:00 às 03:30 - Via-sacra.
03:30 às 04:30 - Celebração Mariana.
04:30 às 05:30 - Missa.
05:30 às 07:00 - Adoração com Laudes do SS.mo Sacramento.
07:00 - PROCISSÃO EUCARÍSTICA.

09:00 - ROSÁRIO, na Capelinha.

10:00 - PROCISSÃO, EUCARISTIA, BÊNÇÃO DOS DOENTES, CONSAGRAÇÃO E ADEUS.

Peregrinação Internacional aniversária de maio de 2012

Tema da peregrinação «Eis a serva do Senhor»

Leituras:

12 de Maio – Sábado

Missa do Domingo VI da Páscoa (Missal Romano, p.363)

1ª leitura: Act 10, 25-26.34-35.44-48 (Leccionário dominical B, p. 237).

2.ª leitura: (forma abreviada, em língua estrangeira): 1 Jo 4, 7-9 (Ib, p. 238).

Evangelho: Jo 15, 9-17 (Ib, p. 239). Jo 15, 12-14, em línguas.

13 de Maio – Domingo

Missa de Nossa Senhora de Fátima (Missal Romano, p. 848)

1ª leitura: Ap 21, 3-4. (Leccionário Santoral, p. 431).

2.ª leitura: (em língua estrangeira): Rom 12, 1-2 «Que vos ofereçais a vós mesmos».
(Leccionário dominical A, p. 312).

Evangelho: Mt 12, 46-50 (Leccionário Santoral. P. 440).

Missa do dia 12 de Maio - Estatísticas

Missa presidida pelo cardeal Gianfranco Ravasi

Concelebraram:

220 Sacerdotes

18 Bispos

Estatísticas das 11:00 – dia 13 de maio de 2012

Eucaristia

Preside à eucaristia de hoje o Cardeal D. Gianfranco Ravasi.
Concelebram 22 bispos e 265 sacerdotes.

Anunciaram-se no Serviço de Peregrinos do Santuário como participantes nesta celebração 165 grupos de 30 países.

Órgãos de comunicação acreditados

149 profissionais da comunicação social foram acreditados para acompanhar esta peregrinação. Representam 53 órgãos de comunicação dos seguintes países: Portugal, Alemanha, Brasil, Espanha, EUA, Croácia, Itália, Polónia, Guatemala, Argentina e México.

Transmitem em direto

A partir de Fátima ou com ligação a Fátima transmitem em direto as celebrações de 13 de maio:

RTP, TVI, SIC Internacional, TV Canção Nova, María Visión (Espanha), Telepace (tv de Itália), Kephaz TV (Alemanha / Áustria / Suíça), Giovanni Paolo TV (de Parma/Itália)

Rádio Renascença, Rádio Sim, Rádio Canção Nova, Radio Nuestra Señora del Encuentro con Dios (Espanha), , Rádio Espérance (França), Rádio Maria (Hungria).

www.fatima.pt

A página oficial do Santuário de Fátima na internet www.fatima.pt transmite de novo em direto as celebrações da peregrinação.

Visitas ao site no dia 12 de maio: 26.186

Pico de acessos: 22 horas (de Lisboa)

Acesso por países – ordem decrescente: Portugal, Brasil, Espanha, Itália, EUA, Polónia, França, Argentina e México.

VELAS QUEIMADAS NO TOCHEIRO

Dia 12 de Maio até às 21:00 – 19 toneladas

Das 21:00 do dia 12 de Maio até às 8:00 do dia 13 – 6 toneladas

Das 8:00 às 12:00 dia 13 – 6 toneladas

Total dos dias 12 e 13 – 31 toneladas

Anexo 15 – Ilustrações relativas à Observação da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de maio de 2012



Ilustração 1 – Conferencia de imprensa do Padre Cristiano Saraiva na varanda da sala de imprensa



Ilustração 2 - Conferencia de imprensa (Dr^a Isabel Varandas, D. António Marto, D. Giafranco Ravasi, D. Jorge Ortiga, Pe. Carlos Cabecinha



Ilustração 3 - Jornalistas na conferência de imprensa



Ilustração 4 - Jornalistas na conferência de imprensa



Ilustração 5 - Sala de imprensa

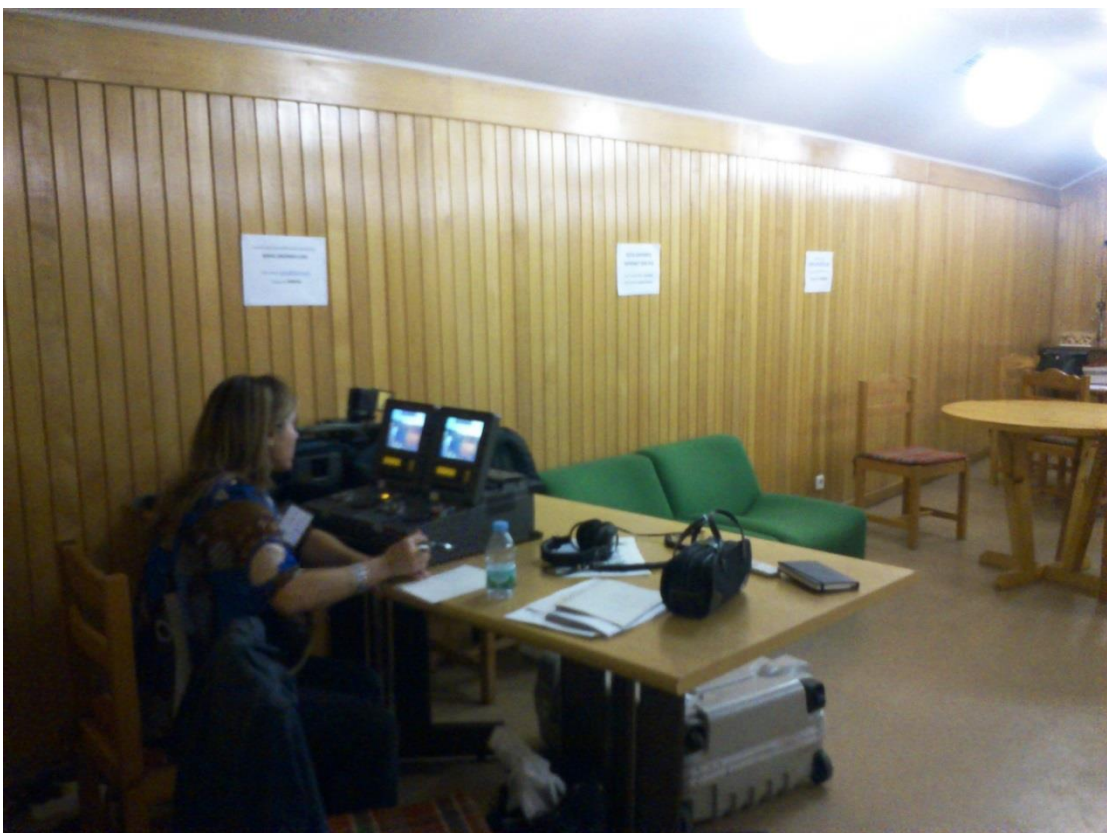


Ilustração 6 - Sala de imprensa



Ilustração 7 - Varanda da sala de imprensa durante as cerimónias



Ilustração 8 - Entrevistas a peregrinos

Anexo 16 – Quadro com as médias de tiragem e circulação de jornais portugueses

Jornal	2011 ⁴³		2012 ⁴⁴		2013 ⁴⁵	
	Tiragem	Circulação	Tiragem	Circulação	Tiragem	Circulação
Correio da Manhã	166615	129087	161518	123898	156407	117867
Jornal de Notícias	111287	87112	94120	74715	93323	68922
Publico	48354	33951	44254	31008	41311	28529

Quadro 1 - Média de tiragem e circulação de jornais portugueses

⁴³ Média anual. Fonte: <http://www.apct.pt/>

⁴⁴ Média anual. Fonte: <http://www.apct.pt/>

⁴⁵ Média dos dois primeiros bimestres. Fonte: <http://www.apct.pt/>